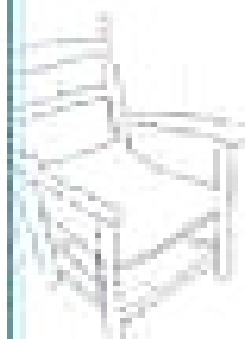


VLADIMIR
NABOKOV

MARY



PICTURED BY GARY BEE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Chico Mauro chmauro@fortalnet.net.br

INTRODUÇÃO

O título em russo do presente romance, Mashenka, diminutivo secundário de Maria, não comporta uma transliteração racional (o acento tônico é na primeira sílaba com o "a" pronunciado como na palavra inglesa ask e um "n" palatal como em mignori). Procurando um substitutivo conveniente (Mariette? Mary?), decidi-me por Mary, que me pareceu corresponder melhor à simplicidade neutra do título russo. Mashenka foi meu primeiro romance. Comecei a trabalhar nele em Berlim, logo depois de meu casamento na primavera de 1925. Foi concluído no início do ano seguinte e publicado por uma empresa editora de emigrados (Slovo, Berlim, 1926). Uma versão alemã, que não li, apareceu dois anos depois (Ullstein, Berlim, 1928). A propensão tão conhecida do principiante a invadir a sua intimidade, introduzindo-se ou a um delegado seu no seu primeiro romance, deve-se menos à sedução de um tema já pronto do que ao alívio de ver-se livre de si mesmo, antes de marchar para coisas melhores. É uma das poucas regras comuns que tenho aceito. Os que leram meu livro *Speak, Memory* (Fala, Memória), iniciado na década de 1940, não podem deixar de notar certas semelhanças entre as minhas recordações e as de Ganin, cuja Mary é irmã gêmea de minha Tamara.

As avenidas ancestrais ali estão, o Oredezk corre através dos dois livros e a fotografia autêntica da casa de Rochestveno tal como é hoje - belamente reproduzida na capa da edição Penguin (*Speak, Memory*, 1969) - poderia ser uma imagem do pórtico de colunas da casa "Voskresensk" do romance. Não consultei Mashenka ao escrever o Capítulo XII da autobiografia, um quarto de século depois. Agora que o fiz, sinto-me fascinado com o fato de que apesar das invenções superpostas (como a briga com o valentão da aldeia ou o encontro na vila anônima entre os vaga-lumes), há um extrato mais embriagador da realidade pessoal na romantização do que na narração escrupulosamente fiel do autobiógrafo. Não pude a princípio compreender como isso era possível, como a emoção e o perfume poderiam ter sobrevivido às exigências do enredo e à ostentação dos personagens fictícios (dois dos quais aparecem até canhestamente nas cartas de Mary),

até porque não podia acreditar que uma imitação estilística pudesse competir com a pura verdade. Mas a explicação é de fato muito simples: em questão de anos, Ganin estava três vezes mais perto do seu passado do que eu estava do meu em *Speak, Memory*.

Em vista da excepcional distância da Rússia e da permanência da nostalgia através da vida como uma companheira desequilibrada cujas aflitivas extravagâncias nos habituamos a tolerar em público, não tenho a menor dúvida em confessar a penetração sentimental de minha predileção por meu primeiro livro. Os seus defeitos, os artefatos da inocência e da experiência, que qualquer crítico poderia enumerar com displicente facilidade, são compensados para mim, que sou o único juiz neste caso e neste tribunal, pela presença de várias cenas (convalescença, concerto no galpão, passeio de barco) que, se eu tivesse pensado nisso, poderiam ser transportadas virtualmente intactas para a obra posterior. Nessas circunstâncias, compreendi, logo que minha colaboração com o Senhor Glenny começou, que nossa tradução (do russo para o inglês) devia sertão fiel ao texto quanto eu teria insistido se o texto não fosse meu. Não se poderia cogitar no caso de adaptações displicentes e arbitrárias como as usadas na versão inglesa de King, Queen, Knave (Rei, Dama, Valete). Os únicos ajustamentos que julguei necessários se limitaram a breves frases utilitárias em três ou quatro passagens alusivas a assuntos russos rotineiros (evidentes para companheiros emigrados, mas incompreensíveis para leitores estrangeiros) e a transferência da época das estações do Calendário Juliano de Ganin para a do Gregoriano geralmente em uso (por exemplo, o fim de julho de Ganin é nossa segunda semana de agosto, etc.).

Devo concluir este prefácio com as seguintes observações. Como eu disse em resposta a uma das perguntas de Aliene Talmey numa entrevista para *Vogue* (1970): "A parte melhor da biografia de um escritor não é o registro de suas aventuras e, sim, a história de seu estilo. Só a essa luz pode-se devidamente apreciar a relação, porventura existente, entre minha primeira heroína e minha recente Ada". Posso muito bem dizer que não há qualquer relação. A outra observação diz respeito a um credo espúrio ainda posto em evidência em certos setores. Ainda que um tolo possa alegar que orange (laranja) é o anagrama onírico de organe (órgão), eu não aconselharia os componentes da delegação vienense a perderem o seu precioso tempo com a análise do sonho de Klara no fim do Capítulo IV deste livro.

VLADIMIR NABOKOV
9 de janeiro de 1970

Capítulo 1

- Lev Glevo. Lev Glebovitch? Um nome assim dá para torcer a língua da gente, meu caro amigo.

- Sem dúvida, - concordou Ganin com alguma frieza, tentando divisar na escuridão inesperada o rosto de seu interlocutor. Aborrecia-o a situação absurda em que ambos se encontravam e aquela conversa forçada com um desconhecido.

- Não lhe perguntei seu nome e patronímico por mera curiosidade, sabe? - continuou imperturbavelmente a voz. - Na minha opinião, todos os nomes...

- Vou apertar de novo o botão, - disse Ganin, interrompendo-o.

- Pode apertar, mas eu acho que não vai adiantar nada. Como eu estava dizendo, todo o nome tem suas responsabilidades. Lev e leb.... ora, aí está uma combinação rara e muito exigente. Significa que o Senhor deve ser enérgico, firme e um pouco excêntrico. Meu nome é mais modesto e o nome de minha mulher é simplesmente Mary. Por falar nisso, permita que me apresente: Aleksey Ivanovitch Alfyorov. Desculpe, creio que lhe pisei o pé...

- Muito prazer, - disse Ganin, procurando no escuro a mão que lhe Tateava a manga. - Acha que vamos ficar presos aqui dentro muito tempo? Já estava na hora de alguém tomar alguma providência. Que diabo!

- Vamos sentar-nos no banco e esperar, disse a voz irritante e animada, ressonando de novo logo acima de seu ouvido. - Ontem, quando cheguei, esbarramos um no outro no corredor. Depois, à noite, ouvi sua tosse do outro lado da parede e percebi logo pelo som de sua tosse que se tratava de um patricio. Está hospedado há muito tempo aqui?

- Há séculos. Tem um fósforo aí?

- Não, não fumo. Lugarzinho sujo esta pensão, ainda que seja russa. Sou um homem de muita sorte, sabe? Minha mulher vai chegar da Rússia. Quatro anos, não é brincadeira. Sim, senhor, falta bem pouco. Já estamos no domingo.

- Diabo de escuridão, - murmurou Ganin, estalando os dedos. - Que horas serão?

Alfyorov suspirou ruidosamente, exalando o cheiro quente e azedo de um homem idoso que não gozava de muita boa saúde. Há alguma coisa

triste naquele cheiro.

- Faltam apenas seis dias. Presumo que ela vá chegar no sábado. Recebi uma carta dela ontem. Escreveu o sobrescrito de uma maneira muito engraçada. É uma pena que esteja tão escuro, senão eu lhe mostraria. Em que é que está mexendo, meu caro amigo? Esses pequenos respiradouros não se abrem, sabe?

- Não sei onde estou que não os arrebento, disse Ganin.

- Calma, calma, Lev Glebovitch. Não seria melhor fazermos algum jogo de salão? Sei alguns ótimos; sou eu mesmo que os invento. Por exemplo: pense num número de dois algarismos. Já pensou?

- Não conte comigo não, - disse Ganin, dando dois murros na parede.

- O porteiro está dormindo há horas, - disse a voz monótona de Alfyorov. - Por isso, não adianta bater na parede assim.

- Mas deve compreender que não podemos passar a noite toda aqui.

- Mas parece que é o que vai acontecer. Não acha que há alguma coisa simbólica no fato de nos conhecermos dessa maneira, Lev Glebovitch? Quando estávamos na terra firme, não nos conhecíamos. Acontece então voltarmos para casa na mesma hora e entrarmos nesta caranguejola juntos. Por falar nisso, este chão é terrivelmente frágil e embaixo não há senão um poço negro. Bem, como eu estava dizendo, entramos sem trocar uma palavra, ainda sem nos conhecermos, subimos em silêncio e de repente a parada. E a escuridão!

- Que é que há de simbólico nisso? - perguntou Ganin, sombriamente.

- Ora essa, o fato de termos parado, imóveis, nesta escuridão. E de estarmos esperando. Hoje, na hora do almoço, aquele homem - como é o nome dele? O velho escritor, ah, sim, Podtyagin - discutia comigo o sentido desta nossa vida de emigrados, esta espera perpétua. Esteve ausente o dia todo, não foi, Lev Glebovitch?

- Sim, saí da cidade.

- Ah, primavera. Deve ser muito agradável estar no campo agora.

A voz de Alfyorov se calou durante alguns momentos e, quando se fez ouvir de novo, tinha uma cadência desagradável, talvez porque o homem estivesse sorrindo.

- Quando minha mulher chegar, vou levá-la ao campo. Ela adora passear. Mas a dona da pensão não me disse que seu quarto ia ficar vago no sábado?

- E vai, - disse Ganin, laconicamente.

- Vai-se embora de Berlim?

Ganin fez um sinal afirmativo com a cabeça, esquecendo que um gesto assim era invisível no escuro. Alfyorov se agitou no banco, suspirou uma ou duas vezes, começou a assobiar baixinho uma música sentimental, parou e recomeçou. Dez minutos passaram. Ouviu-se de repente um estalo no alto.

- Melhorou muito, - disse Ganin, com um sorriso.

No mesmo instante, a lâmpada do teto se acendeu e a gaiola sussurrante e trepidante foi inundada de uma luz amarela. Alfyorov piscou os olhos como se estivesse acordando naquele instante. Usava um velho sobretudo avermelhado e informe - do tipo chamado de "fim-de-estação" - e levava na mão um chapéu-côco. Os cabelos claros e ralos estavam ligeiramente desgrenhados e havia em suas feições alguma coisa que lembrava uma estátua religiosa: a barbicha dourada e a curva do pescoço magro de que tirou um cachecol de pintas brilhantes.

Com um solavanco, o elevador se prendeu na soleira do patamar do quarto andar e parou.

- Um milagre, - disse Alfyorov rindo, quando abriu a porta. - Pensei que alguém tivesse apertado o botão, fazendo-nos subir, mas não há ninguém aqui. Tenha a bondade de passar, Lev Glebovitch.

Mas Ganin, com uma careta de impaciência, deu um leve empurrão em Alfyorov e, seguindo-o, deu vazão aos seus sentimentos batendo ruidosamente a porta de aço depois de passar. Nunca se sentira tão irritado.

- Um milagre, - repetiu Alfyorov. - Subimos e não há ninguém aqui. Isto é simbólico também.

Capítulo 2

A pensão era, além de russa, desagradável. Era principalmente desagradável porque durante todo o dia e grande parte da noite ouviam-se os trens da Stadtbahn, dando a impressão de que o prédio todo estava lentamente em marcha. O vestibulo, onde estava pendurado um espelho turvo com uma prateleira para as luvas e onde havia uma arca de carvalho colocada de tal maneira que as pessoas davam naturalmente caneladas nela, se estreitava num corredor sem móveis e muito apertado. De um lado e do outro, havia três quartos marcados por grandes números pretos colados nas portas. Eram simplesmente folhas arrancadas de uma folhinha do ano

anterior - os seis primeiros dias de abril de 1923. O 1. de abril - o primeiro quarto à esquerda - era de Alfyorov, o seguinte, o de Ganin, ao passo que o terceiro pertencia à dona da pensão, Lydia Nikolaevna Dorn, viúva de um homem de negócios alemão que vinte anos antes a levava de Sarepta para lá e que no ano anterior havia morrido de febre cerebral. Nos três quartos do lado direito - de 4 a 6 de abril - moravam Anton Sergeyevich Podtyagin, um velho poeta russo, Klara, uma moça de busto cheio com impressionantes olhos castanhos-azulados e, finalmente, no quarto seis na volta do corredor, dois dançarinos de balé, Kolin e Gornotsvetov, ambos cheios de risinhos como mulheres e magros, de nariz empoado e coxas musculosas. Ao fim do primeiro trecho do corredor, ficava a sala de jantar com uma litografia da Ceia na parede fronteira à porta e as cabeças amarelas e chifradas de veados em outra parede, acima de um aparador abaulado. Ali havia dois vasos de cristal, outrora as coisas mais limpas de todo o apartamento, mas então cobertos por uma camada de pó macio.

Quando chegava à sala de jantar, o corredor dava uma volta em ângulo reto para a direita. Ali, em trágicas e malcheirosas profundezas, escondiam-se a cozinha, um pequeno quarto para a criada, um banheiro sujo e um estreito W.C., cuja porta era rotulada com dois zeros vermelhos, privados dos legítimos algarismos com que outrora tinham designado dois domingos na folhinha de mesa de Herr Dorn. Um mês depois da morte dele, Lydia Nikolaevna, uma mulher pequena e um pouco surda, dada a esquisitices mansas, tinha alugado um apartamento vazio e transformara-o numa pensão. Havia mostrado uma forma singular e um pouco horripilante de habilidade na maneira pela qual distribuía os poucos artigos domésticos que havia herdado. As mesas, cadeiras, armários rangedores e sofás cheios de protuberâncias foram divididos pelos quartos que ela pretendia alugar. Separadas, as peças se desbotaram imediatamente e tomaram o aspecto impróprio e desolado de ossos de um esqueleto desmembrado. A mesa de seu falecido marido, um monstro de carvalho com um tinteiro de ferro fundido em forma de sapo e com uma gaveta do meio tão funda quanto um porão de navio, foi encaminhada para o quarto 1, onde Alfyorov então morava, ao passo que a cadeira giratória, comprada originariamente para combinar com a mesa, fora separada desta e vivia na orfandade com os dançarinos do quarto 6. Um par de poltronas verdes fora também separado. Uma definhava no quarto de Ganin e a outra era usada pela própria dona da pensão ou pela sua velha cadela dachshund, gorda e preta, com focinho

cinzento e orelhas balouçantes de pontas aveludadas como as franjas de uma asa de borboleta. A estante do quarto de Klara era adornada pelos primeiros volumes de uma enciclopédia cujos volumes restantes tinham cabido a Podtyagin. Klara tivera também o único lavatório decente com espelho e gavetas. Em cada um dos outros quartos havia apenas uma armação de madeira baixa, na qual ficavam uma bacia de estanho e um jarro do mesmo material. Fora forçada contudo a comprar mais camas. Isso causara considerável dor a Frau Dorn, não porque fosse unha-de-fome mas porque 22 havia experimentado uma espécie de deliciosa emoção, um sentimento de orgulho da sua parcimônia, em vista da maneira pela qual distribuía toda a sua mobília anterior.

Desde que era viúva e sua cama de casal era por demais espaçosa para ela, deplorava a sua incapacidade de serrá-la no número de peças necessário. De uma maneira fortuita, arrumava pessoalmente os quartos, mas nunca pudera enfrentar a cozinha e tinha uma cozinheira - o terror da feira local, uma vasta virago de cabelos vermelhos que às sextas-feiras envergava um chapéu escarlata e partia para os lados do norte onde mercadejava os seus rubicundos encantos. Lydia Nikolaevna tinha medo de entrar na cozinha e era em geral uma criatura calada e tímida. Quando os seus pezinhos redondos a faziam percorrer em passos miúdos o corredor, os inquilinos tinham sempre a impressão de que aquela criaturinha grisalha de nariz curto não era de modo algum a senhoria, mas uma velhinha tola que fora dar num apartamento errado. Todas as manhãs, dobrada pelo meio como uma boneca de trapos, varria apressadamente o pó embaixo dos móveis e, em seguida, desaparecia no seu quarto, que era o menor de todos. Ali, lia esfrangalhados livros alemães ou examinava os papéis de seu falecido marido, de cujo conteúdo não entendia uma vírgula. A única pessoa que entrava no quarto dela era Podtyagin, que afagava a sua querida cadela dachshund, coçando-lhe as orelhas e a verruga do focinho cabeludo, tentando fazer o animal sentar-se e dar a pata arqueada. Conversava com Lydia Nikolaevna sobre as dores e sofrimentos senis que a afligiam e sobre a sua luta de seis longos meses para obter um visto no passaporte a fim de ir para Paris, onde morava sua sobrinha e onde os compridos pães de casca e o vinho tinto eram tão baratos.

A velha assentia a tudo e de vez em quando fazia perguntas sobre os outros inquilinos, especialmente sobre Ganin, a quem ela achava completamente diferente de todos os jovens russos que já se haviam

hospedado em sua pensão. Tendo vivido três meses ali, Ganin pretendia sair e até dissera que no sábado entregaria o quarto. Entretanto, várias vezes antes fizera planos para sair e acabara adiando a sua partida. Lydia Nikolaevna sabia, do que lhe havia dito o gentil e velho poeta, que Ganin tinha uma pequena. Aí é que estava a raiz do problema. Ultimamente, andava calado e sombrio. Até bem pouco antes, podia caminhar sobre as mãos como um acrobata japonês e com as pernas elegantemente eretas mover-se como um barco à vela. Podia pegar uma cadeira com os dentes. Fazia um cordão partir-se flexionando o bíceps. O corpo dele estava sempre ardendo na febre de fazer alguma coisa - saltar uma cerca ou arrancar um poste, "explodir" em suma, como se dizia no tempo em que éramos jovens. Mas parecia que algum parafuso se afrouxara dentro dele e Ganin chegava a andar curvado e confessava a Podtyagin que estava sofrendo de insônia "como uma mulherzinha nervosa".

Tivera uma noite especialmente desagradável de domingo para segunda, depois dos vinte minutos passados com o homem efusivo dentro do elevador enguiçado. Na manhã de segunda-feira, ficou sentado por muito tempo nu, prendendo as mãos frias e espalmadas entre os joelhos, apavorado com a idéia de que outro dia havia começado e que ele teria de vestir camisas, calças, meias - todas essas coisas horríveis impregnadas de suor e de poeira e imaginava um cachorro de circo que fica com um aspecto tão medonho, tão revoltantemente doloroso quando vestido com roupas humanas. A sua inércia decorria em parte do fato de estar desempregado. Não tinha particular necessidade de trabalhar no momento, pois conseguira economizar algum dinheiro naquele inverno. É verdade que desse dinheiro só lhe restavam uns duzentos marcos; a vida tinha sido um tanto dispendiosa naqueles últimos três meses. À sua chegada a Berlim no ano anterior, encontrara trabalho imediatamente e havia trabalhado até janeiro em vários lugares. Ficara dentro da que era ir para o trabalho numa fábrica dentro da sombra amarelada do começo da manhã. Ficara sabendo como as pernas doíam depois de andar dez sinuosos quilômetros por dia carregando pratos entre as mesas do restaurante do Pir Goroy. Tinha conhecido outros serviços também e vendera à comissão toda a espécie imaginável de artigos - pãezinhos russos, brilhantina e até brilhantes. Nada estava abaixo de sua dignidade. Mais de uma vez vendera a própria sombra, como tem acontecido a muitos dentre nós. Em outras palavras, ia para os subúrbios a fim de trabalhar como extra de cinema num set, instalado num barracão de

feira, onde as luzes ferviam com um zumbido místico nas grandes facetas de lâmpadas apontadas como canhões para uma multidão de extras e acesas em mortífera claridade. Disparavam um fogo de barragem de brilho assassino, iluminando a cera pintada dos rostos imóveis, expirando então com um estalo, mas por muito tempo ainda brilhava naqueles complexos cristais, crepúsculos vermelhos morrentes, nossa vergonha humana. A transação estava fechada e nossas sombras anônimas seriam mandadas para o mundo inteiro.

O dinheiro que lhe restava era bastante para que ele saísse de Berlim, mas isso significava descartar-se de Lyudmila e ele não sabia como romper com ela. E, embora tivesse marcado uma semana de prazo para fazer isso e houvesse dito à dona da pensão que resolvera finalmente sair no sábado, Ganin sabia que nem aquela semana, nem a seguinte, mudariam coisa alguma. Enquanto isso, a nostalgia às avessas, o desejo de ver mais uma terra estranha, se tornava especialmente forte na primavera. Sua janela dava para os trilhos do trem, de modo que a possibilidade de ir-se embora nunca cessava de atraí-lo.

De cinco em cinco minutos, um estrondo surdo começava a mover-se através da casa, seguido de uma grande nuvem de fumaça que se enovelava diante da janela e apagava a branca luz do dia de Berlim. Depois, voltava a dissolver-se lentamente, revelando o leque de trilhos da linha que se estreitavam, ao longe, entre os fundos negros e cortados em talhadas das casas, tudo isso sob um céu pálido como leite de amêndoas. Ganin sentir-se-ia mais à vontade se morasse do outro lado do corredor, no quarto de Podtyagin ou no de Klara, cujas janelas davam para uma rua um pouco parada e que, embora fosse atravessada por uma ponte de estrada de ferro, pelo menos não tinha a vista para a distância pálida e sedutora. Aquela ponte era uma continuação dos trilhos vistos da janela de Ganin e ele não podia livrar-se da impressão de que todo o trem passava, invisível, diretamente através da casa. Aproximava-se do outro lado, a sua reverberação fantasmal fazia tremer a parede, abria caminho aos solavancos através do velho tapete, roçava por um copo no lavatório e, por fim, desaparecia pela janela com um frio retinir imediatamente seguido de uma nuvem de fumaça a enovelar-se diante da janela e, quando a mesma se dissipava, um trem da Stadtbahn emergia como se tivesse sido excretado pela casa: vagões oliva-escuros com uma fila de mamilos escuros de cachorro no telhado e uma pequena locomotiva atarracada engatada no lado

errado, movendo-se rapidamente para trás ao puxar os vagões para a distância branca entre paredes vazias, cujo negrume de fuligem ou caía aos pedaços ou era salpicado pelos frescos de antigos anúncios. Era como se um ventilador de aço estivesse soprando sempre sobre a casa.

- Ah, partir, - murmurou Ganin, espreguiçando-se displicentemente, mas parou de súbito... que iria fazer com Lyudmila? Era absurdo como ele tinha ficado mole.

Outrora (no tempo em que caminhava sobre as mãos e pulava por cima de cinco cadeiras) era capaz não apenas de controlar a sua vontade mas até de fazer jogos com ela. Tinha havido um tempo em que ele a treinava, fazendo-se, por exemplo, levantar da cama no meio da noite para descer e jogar uma ponta de cigarro na caixa do correio. Entretanto, agora, não podia nem dizer a uma mulher que não a amava mais. Dois dias antes, ela tinha passado cinco horas no quarto dele; no dia anterior, domingo, passara o dia inteiro com ela nos lagos dos arredores de Berlim, não tendo podido recusar-lhe esse passeiozinho ridículo. Tinha passado a achar tudo em Lyudmila repulsivo: os cabelos amarelos cortados de acordo com a moda, as duas listras de cabelos pretos sem raspar na nuca, as pálpebras escuras e lânguidas e, principalmente, os lábios lustrosos de batom vermelho-arroxeadado. Sentia-se farto e enjoado quando ela, enquanto se vestia depois de uma sessão de amor mecânico, dizia, apertando os olhos, o que lhe dava imediatamente um aspecto desagradavelmente cabeludo:

“Sou tão sensível que poderei dizer no mesmo instante quando você não me amar mais como antes”. Sem responder, Ganin voltava-se para a janela onde se levantava um muro branco de fumaça. Em seguida, ela tinha um risinho nasal e chamava-o num rouco sussurro: “Venha cá”. Nesse momento, ele sentia vontade de torcer as mãos para fazer as juntas estalarem numa dor deliciosa e dizer-lhe: “Vá-se embora, mulher, e adeus”. Ao invés disso, sorria e curvava-se sobre ela. Ela corria as unhas, tão afiadas que poderiam ter sido artificiais, pelo peito dele, espichava os lábios e batia as pestanas pretas como carvão na sua representação de uma pequena desprezada ou de uma marquesa caprichosa. Parecia a Ganin haver alguma coisa frágil, mofada e velha no tom do seu perfume, embora ela tivesse apenas vinte e cinco anos. Quanto ele lhe roçava com os lábios a breve testa ardente, ela esquecia tudo - esquecia a falsidade que a seguia por toda a parte como o seu cheiro, a falsidade de sua fala de criança, de seus sentidos requintados, de sua paixão por algumas orquídeas imaginárias bem

como por Põe e Baudelaire, os quais nunca havia lido; esquecia todos os seus fictícios encantos, os cabelos convencionalmente amarelos, o pó de arroz ardente e as meias de seda róseas - e inclinando a cabeça para trás apertava contra Ganin a carne fraca, patética e indesejada.

Entediado e envergonhado, Ganin sentia uma absurda ternura - vestígio melancólico do calor que ficara onde o amor havia outrora passado às pressas - que o fazia beijar sem paixão a borracha pintada dos lábios que lhe eram oferecidos, embora essa ternura não conseguisse fazer calar uma voz calma e sarcástica que o aconselhava: procure agora mesmo mandá-la andar!

Com um suspiro, Ganin sorriu delicadamente para o rosto erguido e não pôde pensar em nada para dizer quando ela o agarrou pelos ombros e perguntou-lhe numa voz trêmula bem diferente do seu habitual sussurro fanhoso e que fazia parecer que todo o seu ser lhe flutuava nas palavras: "Diga-me, por favor, você me ama?" Mas logo que notou a reação ele - uma sombra já conhecida, uma contração involuntária do rosto - lembrou-se de que o devia estar fascinando com poesia, sensibilidade e perfume e começou imediatamente a representar o seu número que oscilava entre a pobre mocinha e a cortesã sutil. Ganin sentiu-se de novo tomado de tédio e passou de um lado para outro, da janela para a porta, quase em lágrimas do esforço que fazia para bocejar com a boca fechada, enquanto ela punha o chapéu e o olhava sub-repticiamente pelo espelho.

Klara, jovem mulher de busto cheio e muito acolhedora, vestida de seda preta, sabia que sua amiga fazia visitas a Ganin e se sentia embaraçada e aflita sempre que Lyudmila lhe fazia confidências sobre seu caso amoroso. Klara era de opinião que as emoções dessa espécie deviam ser mais comedidas sem íris violetas, nem violinos soluçantes. Mas a coisa era ainda mais intolerável quando a amiga, apertando os olhos e expelindo pelo nariz a fumaça do cigarro, descrevia detalhes ainda quentes e horrivelmente exatos, depois do que Klara tinha sonhos monstruosos e vergonhosos. Dera ultimamente para evitar Lyudmila com receio de que a amiga terminasse arruinando para ela aquela enorme e sempre festiva sensação que é elegantemente chamada de "devaneio". Amava as feições enérgicas e um pouco arrogantes de Ganin, os olhos cinza que despediam faíscas como flechas irradiadas das pupilas excepcionalmente grandes, as sombrancelhas bastas e muito pretas que formavam uma compacta massa negra quando ele franzia o cenho ou escutava com atenção mas que se desdobravam em

graciosas asas sempre que um raro sorriso lhe descerrava momentaneamente os belos dentes brilhantes. Klara se empolgava tanto com essas pronunciadas características que perdia a calma na presença dele, deixava de dizer as coisas que teria gostado de dizer, ajeitava constantemente os ondulados cabelos castanhos que lhe cobriam metade das orelhas ou arrumava as pregas de seda preta do busto, fazendo o lábio interior espichar-se e revelando com isso a papada do queixo. De qualquer maneira, uma vez por dia no almoço era o máximo que ela via de Ganin, salvo numa única vez em que jantara com ele e Lyudmila no sórdido café onde ele costumava fazer a refeição da noite de salsicha e chucrute ou carne de porco fria. Ao almoço, na triste sala de jantar da pensão, ela costumava sentar-se defronte de Ganin, porque a dona da pensão colocava os seus hóspedes à mesa na mesma posição em que estavam os respectivos quartos. Assim, Klara se sentava entre Podtyagin e Gornotsvetov e Ganin entre Alfyorov e Kolin. O rígido e triste vulto negro de Frau Dorn parecia muito deslocado e abandonado à cabeceira da mesa entre os perfis que se defrontavam dos dois dançarinos de balé, que falavam com ela em rápidos ademanes de pássaros. Atrapalhada por uma leve surdez, ela falava pouco e limitava-se a vigiar se a volumosa Erika trazia e tirava os pratos no seu devido tempo. Como uma folha seca, a pequena mão enrugada subia para o botão de campainha pendente e em seguida, amarela e desbotada, caía de novo, esvoaçante.

Quando Ganin entrou na sala de jantar por volta das duas e meia da tarde da segunda-feira, todos os outros já estavam nos seus lugares. Logo que o viu, Alfyorov sorriu cumpimentando-o e levantou-se sem sair do lugar, mas Ganin não lhe estendeu a mão e sentou-se ao lado dele com uma inclinação da cabeça, em silêncio, tendo já mandado mentalmente ao diabo seu importuno vizinho. Podtyagin, um velho decentemente vestido e despretensioso, que se empanturrava em vez de comer e estava sorvendo ruidosamente a sopa enquanto com a mão esquerda impedia que o guardanapo metido no colarinho caísse dentro do prato, olhou por cima dos vidros de seu pincenez e, depois, com um vago suspiro voltou ao seu repasto. Num momento de franqueza, Ganin lhe contara o seu opressivo caso de amor com Lyudmila e estava arrependido disso. Kolin, à sua esquerda, passou-lhe um prato de sopa com trêmulo cuidado, dando-lhe um olhar tão cativante e tamanho sorriso com seus estranhos olhos velados que Ganin se sentiu um tanto confuso. Enquanto isso, à sua direita, a untuosa e

pequena voz atenorada de Alfyorov continuou a conversa, objetando alguma coisa dita por Podtyagin, que estava sentado à frente dele.

- Não tem razão em achar defeitos, Anton Sergeyevitch. Isto aqui é um país muito culto. Não tem nem comparação com a velha Rússia atrasada.

Com um benigno cintilar do pincenez, Podtyagin virou-se para Ganin e disse:

- Dê-me os parabéns. Os franceses me mandaram hoje o visto de entrada. Tenho até vontade de colocar uma condecoração e visitar o Presidente Doumergue.

Tinha uma voz excepcionalmente agradável, macia, sem mudança de timbre, de tom suave e fosco. O rosto gordo e liso com o pequeno cavanhaque grisalho sob o lábio inferior e o queixo recuado parecia coberto de um tom avermelhado igual e rugas de bondade se irradiavam em torno dos olhos serenos e inteligentes. De perfil, parecia uma grande cobaia grisalha.

- Fico muito contente com isso, - disse Ganin. - Quando é que vai viajar?

Mas Alfyorov não deixou que o velho respondesse. Torcendo como de hábito o pescoço magro com os seus esparsos cabelos dourados e um grande pomo-de-adão móvel, ele continuou:

- Acho que devia ficar aqui. Que é que há de errado com este lugar? As coisas aqui são em linha reta. A França parece mais um ziguezague e quanto à Rússia... as coisas são às avessas. Gosto muito disto aqui. Há trabalho e as ruas são boas para se andar. Posso provar-lhe matematicamente que se é preciso residir em algum lugar...

- Mas, - disse Podtyagin, interrompendo-o calmamente, - que é que me diz das montanhas de papel, das caixas de papelão como caixões de defunto, dos intermináveis arquivos, arquivos e mais arquivos! As prateleiras gemem ao peso de tudo isso. Um funcionário da polícia perdeu quase a vida sob a tensão de procurar meu nome nas fichas. Não pode imaginar (ao proferir a palavra "imaginar", Podtyagin balançou a cabeça lenta e tristemente) o que uma pessoa tem de sofrer apenas para obter permissão de deixar o país. E o número de formulários que eu tive de preencher! Já havia começado a pensar hoje: ah, agora, vão carimbar meu passaporte com o visto de saída! Nada disso. Mandaram-me tirar o retrato, mas as fotografias só ficarão prontas esta noite.

- Tudo isso é necessário, - disse Alfyorov. É assim que as coisas devem ser num país bem administrado. Não há aqui nada da ineficiência russa. Já notou, por exemplo, o que está escrito nas portas da frente? "Só para os cavalheiros". Isso é significativo.

De um modo geral, a diferença entre nossa terra e esta pode ser expressa assim: imagine uma curva e nela...

Ganin deixou de prestar atenção e disse a Klara, sentada defronte dele:

- Lyudmila Borisovna me pediu ontem que lhe dissesse para telefonar para ela logo que voltar para casa do trabalho. Parece que é para combinarem a ida ao cinema.

Klara pensou confusamente: "Como é que ele pode falar tão calmamente assim? Afinal de contas, ele sabe que eu sei".

Procurando guardar as conveniências, perguntou:

- Viu-a então ontem?

Ganin levantou as sobrancelhas surpreso e continuou a comer.

- Não compreendo bem a sua geometria, dizia Podtyagin, varrendo cuidadosamente as migalhas de pão com a faca para a palma de sua mão. Como muitos poetas idosos, tinha inclinação pela simples lógica humana.

- Mas não vê? É tudo tão claro, - exclamou agitadamente Alfyorov. - Basta imaginar...

- Não compreendo, - repetiu Podtyagin firmemente e, inclinando um pouco a cabeça para trás, despejou na boca a coleção de migalhas. Alfyorov abriu os braços num gesto de desânimo e derrubou o copo de Ganin.

- Oh, desculpe!

- Estava vazio, - disse Ganin.

- Não é um matemático, Anton Sergeyevitch,

- continuou Alfyorov importunamente, - mas tenho-me balançado nesse trapézio toda a minha vida. Costumava dizer a minha mulher que se eu era uma viga-mestra, ela era certamente uma potêntilha da primavera...

Gornotsvetov e Kolin se desfizeram em bem educada alegria. Frau Dorn levou um susto e olhou para os dois com algum receio.

- Em resumo, uma flor e uma figura, - disse Ganin secamente. Só Klara sorriu. Ganin começou a servir-se de água, observado por todos os outros.

- Sim, tem razão, uma flor muito frágil, murmurou Alfyorov, voltando para o seu vizinho o olhar brilhante e vago. - É um milagre absoluto que ela tenha sobrevivido a esses sete anos de horror. E tenho certeza de que,

quando chegar, estará alegre e florescente. Você é um poeta, Anton Sergejevitch, e devia escrever alguma coisa sobre isso

- sobre a maneira pela qual a mulher, a bela mulher russa, é mais forte do que qualquer revolução e pode sobreviver a tudo - adversidade, terror...

Kolin disse em voz baixa a Ganin.

- Já começou... Foi a mesma coisa ontem... Não falou senão sobre a mulher.

"Homenzinho vulgar", pensou Ganin, olhando a barba repuxada de Alfyorov. "Aposto que a mulher dele se diverte. É positivamente um pecado não ser infiel a um homem como esse".

- Carneiro hoje, - anunciou de repente Lydia Nikolaevna rigidamente, olhando de esguelha a maneira apática pela qual os inquilinos estavam comendo. Alfyorov fez uma reverência fosse por que fosse, e continuou:

- Está cometendo um grande erro em não aproveitar esse tema. - (Podtyagin sacudiu gentil, mas firmemente a cabeça.) - Quando conhecer minha mulher, talvez compreenda o que eu quero dizer. Por sinal que ela gosta muito de poesia. Os dois devem entender-se. E vou dizer mais uma coisa...

Olhando de lado para Alfyorov, Kolin estava furtivamente marcando o compasso a ele. Vendo o dedo do amigo, Gornotsvetov sacudia-se num riso silencioso.

- Mas o principal, - continuou Alfyorov, - é que a Rússia está acabada, liquidada. Foi apagada como se alguém tivesse limpado uma cara engraçada do quadro negro passando uma esponja molhada.

- Mas... - murmurou Ganin sorrindo.

- O que eu digo aborrece-o, Lev Glebovitch?

- Aborrece, sim, mas não vou impedi-lo de falar, Aleksey Ivanovich.

- Quer dizer, então, que acredita...

- Senhores, senhores, - disse Podtyagin interrompendo com sua voz ligeiramente ceceante. Nada de política. Que necessidade há de falar em política?

- Apesar de tudo, Monsier Alfyorov está errado, - disse Klara inesperadamente e ajeitou rapidamente o penteado.

- Sua mulher chega no sábado? - perguntou Kolin numa voz inocente por toda a extensão da mesa e Gornotsvetov riu com o guardanapo à boca.

- Sim, no sábado, - respondeu Alfyorov, empurrando o prato com os restos da carne de carneiro. Os seus olhos perderam o brilho combativo e se

amorteceram imediatamente num ar de reflexão.

- Sabe, Lydia Nikolaevna, - disse ele, - que Lev Glebovich e eu ficamos presos ontem dentro do elevador?

- Pêras cozidas, - replicou Frau Dorn

Os dançarinos abriram na gargalhada. Empurrando os cotovelos das pessoas sentadas à mesa, Erika começou a tirar os pratos. Ganin enrolou cuidadosamente o guardanapo, meteu-o na argola e levantou-se. Não comia sobremesa.

"Que maçada", pensou ele, voltando para seu quarto. "Que é que vou fazer agora? Dar um passeio, eu acho".

O dia, como os dias anteriores, se arrastou preguiçosamente numa espécie de insípida ociosidade, despida até daquela expectativa sonhadora que pode fazer a ociosidade tão encantadora. A falta de trabalho o irritava agora, mas não havia trabalho para fazer. Levantando a gola de sua capa de borracha, comprada por apenas uma libra a um tenente inglês em Constantinopla (primeira etapa do exílio), e enfiando nos bolsos os punhos fechados, saiu lentamente pelas ruas pálidas de abril, onde as cúpulas pretas dos guarda-chuvas oscilavam e flutuavam. Olhou durante muito tempo um esplêndido modelo do Mauretania na vitrina de uma companhia de navegação e os cordões coloridos que uniam os portos de dois continentes num grande mapa. Ao fundo, havia uma fotografia de um cenário tropical - palmeiras cor de chocolate contra um céu bege.

Passou cerca de uma hora tomando café, sentado ao lado de uma grande janela e vendo os transeuntes passarem. De volta ao seu quarto, tentou ler, mas achou o conteúdo do livro tão estranho e despropositado que o abandonou no meio de uma cláusula subordinada. Estava no estado de espírito que costumava chamar de "dispersão da vontade".

Sentou-se parado à sua mesa sem poder decidir o que ia fazer: mudar a posição do corpo, levantar-se e lavar as mãos ou abrir a janela, além da qual o dia desolado se descorava no crepúsculo. Era um estado terrível e angustioso um pouco parecido com a obtusa inquietação que se sente ao acordar sem poder a princípio abrir os olhos, como se fossem ficar fechados para sempre. Ganin sentia que as sombras do crepúsculo que pouco a pouco se infiltravam pelo quarto estavam também penetrando lentamente o corpo, transformando-lhe o sangue em névoa e que ele não tinha forças para fazer cessar o sortilégio que o crepúsculo lançava sobre ele.

Não tinha forças porque não tinha nenhum desejo preciso e isso o torturava desde que ele procurava em vão alguma coisa para desejar. Não podia nem forçar-se a estender a mão para ligar o comutador da luz. A simples transição da intenção para a ação parecia-lhe um milagre inimaginável. Nada lhe atenuava a depressão, os pensamentos deslizavam sem rumo, as batidas do coração eram fracas e as roupas de baixo estavam desagradavelmente pegajosas de encontro ao corpo. Em dado momento, sentiu que devia imediatamente escrever uma carta a Lyudmila dizendo-lhe firmemente que já era tempo de acabar o triste caso deles. Mas no momento seguinte, lembrou-se de que iria ao cinema com ela naquela noite e que de certo modo era muito mais difícil telefonar para ela e cancelar o encontro daquela noite do que escrever uma carta e isso o impediu de fazer quer uma coisa, quer outra.

Muitas vezes tinha jurado a si mesmo que romperia com ela no dia seguinte e não tivera dificuldade em imaginar as coisas que devia dizer, mas falhara redondamente na visualização do momento final em que apertaria a mão dela e sairia do quarto. Era essa ação - virar-se e caminhar para fora que parecia inconcebível. Ele pertencia a essa espécie de gente que pode conseguir tudo o que deseja, realiza-se e supera-se, mas é absolutamente incapaz de renúncia ou de fuga, que são afinal de contas, a mesma coisa. Era contido por um senso de honra e um senso de piedade que chegavam ao ponto de embotar a vontade de um homem que em outras ocasiões era capaz de qualquer espécie de empresa criadora, de qualquer esforço e que acometia uma tarefa com interesse e vontade, jovialmente disposto a tudo superar e ganhar tudo.

Sabia qual a espécie de estímulo externo que lhe daria a força de acabar aquela ligação de três meses com Lyudmila tanto quanto sabia o que era preciso para que ele se levantasse daquela cadeira. Só por um tempo muito breve amara genuinamente - dentro de um estado do espírito em que Lyudmila lhe parecia envolta numa névoa sedutora, um estado de emoção aventureira, exaltada, quase sobrenatural como quando a música toca num momento em que se está fazendo alguma coisa bem comum, como dirigir-se de uma mesa para pagar num bar, e confere uma qualidade íntima de dança ao simples movimento, transformando-o num gesto significativo o imortal.

A música tinha cessado no instante da noite em que no chão sacudido de um táxi escuro, ele tinha possuído Lyudmila e, no mesmo instante, tudo se

havia tornado completamente banal - a mulher ajeitando o chapéu que lhe escorregara para a nuca, as luzes que passavam trêmulas pela janela e as costas do chofer que se erguiam como uma montanha negra por trás da divisão de vidro.

Agora, estava sendo obrigado a pagar por aquela noite com laboriosa fraude, a continuar aquela noite para sempre e debilmente, desfibradamente ceder às suas sombras invasoras que agora enchiam todos os cantos do quarto, transformando os móveis em nuvens.

Mergulhou num vago cochilo, com a testa pousada na palma da mão e as pernas rígida mente esticadas sob a mesa.

Mais tarde, o cinema estava repleto e quente. Durante muito tempo, desfilaram em silêncio pela tela anúncios de pianos, vestidos e perfumes. Afinal, a orquestra se fez ouvir e o drama começou.

Lyudmila estava numa animação fora do comum. Convidara Klara a acompanhá-los porque sentia muito bem que a amiga era atraída por Ganin e queria dar prazer a Klara e a si mesma, ostentando o seu caso e a sua habilidade em ocultá-lo. Klara, por sua vez, tinha concordado em ir porque sabia que Ganin estava planejando partir no sábado; surpreendia-se também com o fato de que Lyudmila parecia não saber disso... O mais certo era que soubesse e nada dissesse porque ia também partir com ele.

Sentado entre as duas, Ganin ficou irritado porque Lyudmila, como muitas mulheres de seu tipo, falou durante o filme de outras coisas, curvando-se sobre os joelhos de Ganin para falar com a amiga e fazendo-o sempre sentir o enregelente aroma desagradavelmente familiar de seu perfume. A situação era ainda pior pelo fato de que o filme era emocionante e muito bem feito.

- Escute, Lyudmila Borisovna, - disse Ganin, sem se poder mais conter, - pare com essas conversas. O alemão atrás de mim está começando a ficar aborrecido.

Ela lhe lançou um olhar rápido na escuridão, recostou-se na cadeira e olhou para a tela iluminada.

- Não estou compreendendo nada. O filme é completamente idiota.

- Não é de admirar que você não compreenda, -- disse Ganin. - Passou o tempo todo conversando.

Na tela moviam-se formas luminosas, cinza-azuladas. Uma prima donna, que havia cometido anteriormente na vida um assassinio involuntário, lembrava-se subitamente de tudo quando representava na

ópera o papel de uma assassina. Rolando os olhos absurdamente grandes, caía desmaiada no palco. A platéia desfilou lentamente, o público aplaudia e os camarotes e cadeiras se erguiam num delírio de aprovação.

De repente, Ganin sentiu que estava assistindo a alguma coisa vaga mas horrivelmente conhecida. Recordou com alarma as filas de cadeiras toscamente feitas, as cadeiras e parapeitos dos camarotes pintados de um sinistro violeta, os operários indolentes caminhando com facilidade e displicência como anjos vestidos de azul de uma tábua para outra lá no alto ou dirigindo os canos ofuscantes dos refletores sobre todo um exército de russos arrebanhados no grande set e agindo numa ignorância total do assunto do filme. Lembrava-se de homens jovens com ternos esgarçados mas maravilhosamente talhados, rostos de mulheres besuntados de maquilagem lilás e amarela e os inocentes e Livross, velhos e moças feias que eram banidos para a retaguarda apenas para encher o fundo da cena. Na tela, o frio galpão se transformava numa elegante platéia de teatro, a anagem tinha virado veludo e um bando de mendigos, um público de teatro.

Apurando os olhos, com um profundo tremor de vergonha, reconheceu-se entre todas aquelas pessoas que batiam palmas de encomenda e lembrou-se de como todos tinham tido de olhar à frente para um palco imaginário onde, no lugar de uma prima donna, um homem gordo e de cabelos vermelhos, sem paletó, estava de pé numa plataforma entre refletores e gritava como um louco por um megafone.

O duplo de Ganin também se levantou e bateu palmas lá em frente, ao lado do homem de muito boa aparência com a barba preta e a faixa atravessada no peito. Graças a essa barba e a uma camisa engomada, o homem pegava sempre a primeira fila. Nos intervalos, comia um sanduíche e então, depois da filmagem, vestia um surrado sobretudo por cima da roupa de cerimônia e voltava para casa num ponto distante de Berlim, onde trabalhava como tipógrafo numa oficina gráfica.

Naquele momento, Ganin sentiu não apenas vergonha, mas também a impressão da efêmera evanescência da vida humana. Na tela, a sua imagem pálida, o rosto ardente erguido e as mãos que batiam palmas se fundiram no calidoscópico cinzento de outras figuras e, um momento depois, oscilando como um navio, a platéia desapareceu e a cena passou a mostrar uma velha atriz mundialmente famosa que apresentava com muita habilidade o número

de uma jovem mulher morta. "Nós não sabemos o que fazemos", pensou Ganin com repulsa, incapaz de continuar a ver o filme.

Lyudmila estava de novo sussurrando alguma coisa a Klara a respeito de uma modista e de material para um vestido. O filme chegou ao fim e Ganin sentiu-se mortalmente deprimido. Alguns momentos depois, quando se estavam encaminhando para a saída, Lyudmila se aconchegou a ele e murmurou:

- Vou-lhe telefonar às duas horas, querido. Ganin e Klara levaram-na até à casa dela e, em seguida, voltaram juntos para a pensão. Ganin estava em silêncio e Klara procurou penosamente um assunto.

- Vai mesmo deixar-nos no sábado? -- perguntou ela.

- Não sei, palavra que não sei, - respondeu Ganin sombriamente.

Enquanto caminhava, pensou que a sua sombra iria vaguear de cidade em cidade, de tela em tela, sem que ele nunca soubesse que espécie de gente iria vê-la ou quanto tempo ela percorreria o mundo. E quando foi para a cama e ouviu os trens atravessarem aquela casa triste onde viviam sete sombras russas perdidas, toda a vida lhe pareceu um episódio de filmagem em que extras indiferentes nada sabiam do filme de que estavam participando.

Ganin não conseguiu dormir. Um formigamento nervoso lhe percorria as pernas e o travesseiro lhe atormentava a cabeça. Então, no meio da noite, seu vizinho Alfyorov começou a trautear uma música. Através da parede delgada, ouvia-o andar pelo quarto, primeiro perto, depois afastando-se, enquanto Ganin se estendia na cama cheia de raiva. Sempre que um trem passava ruidosamente, a voz de Alfyorov fundia-se com o barulho, para emergir de novo - larila-lari-la-lá.

Ganin não pôde mais. Vestiu as calças, saiu para o corredor e bateu com o punho na porta do quarto

Nas suas andanças pelo quarto, Alfyorov acontecia estar nesse momento bem ao lado da porta e abriu-a tão inesperadamente que Ganin levou um susto com a surpresa.

- Faça o favor de entrar, Lev Glebovich. Estava de camisa e ceroulas, a barba loura um pouco revolta - decerto do sopro de suas cantorias - e os olhos azul-claros cintilantes de felicidade.

- Está cantando, - disse Ganin, franzindo as sobrancelhas, - e isso não me deixa dormir.

- Entre pelo amor de Deus, não fique aí parado na porta, - disse Aleksey Ivanovich ansiosamente, passando o braço pela cintura de Ganin num gesto bem intencionado mas desajeitado. - Desculpe se eu o incomodei.

Ganin entrou no quarto com hesitação. Havia muito pouco no quarto, mas este estava muito desarrumado. Em vez de estar diante da mesa (o monstro de carvalho com o tinteiro na forma de um grande sapo), uma das duas cadeiras de cozinha parecia ter-se desgarrado na direção do lavatório mas havia parado no meio do caminho, tendo evidentemente tropeçado na borda levantada do tapete verde. A outra cadeira, que estava ao lado da cama e servia de mesinha de cabeceira, desaparecia debaixo de um casaco preto, cujo colapso parecia tão pesado e informe como se o mesmo tivesse caído do alto do Monte Ararat. Folhas finas de papel estavam espalhadas por toda a desolação de madeira da mesa e pela cama. Ganin notou num olhar rápido que nessas folhas havia desenhos a lápis de rodas e quadrados feitos sem a menor correção técnica, sendo apenas garatujas para passar o tempo. O próprio Alfyorov, nas suas ceroulas de lã - que fazem qualquer homem, seja ele bem constituído como Adônis ou elegante como o Belo Brummel, parecer extraordinariamente repulsivo - tinha começado a passear para cima e para baixo entre as ruínas do seu quarto, batendo de vez em quando com a unha no vidro verde do abajur ou nas costas de uma cadeira.

- Fico muito contente de que tenha afinal aparecido, - disse ele. - Estava também sem poder dormir. Imagine só! Minha mulher vai chegar no sábado e amanhã já é terça-feira!

Pobrezinha, não quero nem pensar na agonia que foi para ela a vida naquela nossa amaldiçoada Rússia!

Ganin, que estava tentando de cara fechada decifrar um problema de xadrez desenhado num dos pedaços de papel espalhados em cima da cama, levantou de repente os olhos.

- Que foi que disse?

- Ela está chegando, - respondeu Alfyorov dando um piparote vivo com a unha.

- Não, não é isso. Como foi que chamou a Rússia?

- Amaldiçoada. E é verdade, não é?

- Não sei... mas o adjetivo me pareceu curioso.

- Ora essa, Lev Glebovitch, - disse Alfyorov, parando de repente no meio do quarto, - já é tempo de você deixar de brincar de ser bolchevista. Pode achar que é muito divertido, mas o que está fazendo é muito errado,

pode crer. Já está em tempo de todos nós reconhecermos sinceramente que a Rússia está liquidada e que os nossos "santos" camponeses russos mostraram que não eram mais do que uma ralé cinzenta - coisa, aliás, que já era de esperar - e que nossa terra nunca mais se levantará.

- Certo, certo, Aleksey Ivanovich, - disse Ganin, rindo.

Alfyorov limpou de alto a baixo o rosto luzidio com a palma da mão e de repente abriu-se num amplo sorriso sonhador.

Por que não se casou ainda, amigo velho?

- Nunca tive oportunidade, - disse Ganin. É divertido?

- Delicioso. Minha mulher é adorável. É morena e de olhos muito vivos. Ainda muito moça. Casamo-nos em Poltava em 1919 e em 1920 tive de emigrar. Tenho alguns retratos aqui na gaveta e vou lhe mostrar.

Dobrando os dedos por baixo, abriu a grande gaveta.

- Que era que você fazia nessa época, Aleksey Ivanovich? - perguntou Ganin, sem curiosidade.

Alfyorov sacudiu a cabeça.

- Não me lembro. Quem se pode lembrar do que foi numa vida passada - talvez uma ostra ou um pássaro, digamos, ou talvez um professor de matemática? De qualquer maneira, a nossa vida velha na Rússia parece alguma coisa que aconteceu antes que o tempo começasse, alguma coisa metafísica ou como é que se diz - a palavra não é essa - já sei: metempsicose.

Ganin olhou para a fotografia na gaveta aberta sem muito interesse. Via-se o rosto de uma moça desgrenhada, com uma boca alegre, muito cheia de dentes. Alfyorov inclinou-se sobre o ombro dele.

- Não, não, esta não é minha mulher, é minha irmã. Morreu de tifo em Kiev. Era uma boa moça, muito alegre e ótima em brinquedos de pegar.

Mostrou outra fotografia.

- Esta é que é Mary, minha mulher. O instantâneo não está muito bom, mas se parece com ela. Aqui está outro, tirado em nosso jardim. Mary é a que está sentada, com o vestido branco. Há quatro anos que não a vejo. Mas não creio que esteja muito mudada. Na verdade, não sei como vou viver até sábado. Espere! Para onde vai, Lev Glebovich? Fique aqui!

Ganin, com as mãos nos bolsos das calças, encaminhava-se para a porta.

- Que é que há, Lev Glebovich? Disse alguma coisa que o ofendesse?

A porta foi batida. Alfyorov ficou de pé sozinho no meio do quarto.

- Francamente! Como é mal-educado! - murmurou. - Que foi que deu nele?

Capítulo 3

Naquela noite, como em todas as noites, um velhinho metido numa capa preta caminhava pelo passeio na longa avenida deserta, explorando o asfalto com a ponta de um pau nodoso à procura de pontas de cigarros - com boquilha dourada ou de cortiça e lisa - e de descarnadas pontas de charutos. De vez em quando, zurrando como um veado, um automóvel passava ou acontecia alguma coisa que quem anda por uma cidade raramente nota: uma estrela, mais veloz do que o pensamento e com menos som do que uma lágrima, caía. Mais esplêndidas, mais alegres do que as estrelas eram as letras de fogo que se derramavam uma após outra no alto de um telhado negro, desfilavam em fila indiana e desapareciam todas de uma vez na escuridão.

"Será - possível" diziam as letras num discreto sussurro de gás néon e, então, a noite as apagava num só golpe veludoso. Mas elas recomeçavam a arrastar-se pelo céu: "Será..."

E a escuridão voltava a descer. Mas as palavras tornavam insistentemente a acender-se mais uma vez e por fim, em lugar de desaparecerem imediatamente, ficavam acesas durante cinco minutos inteiros, como se tivesse havido acordo entre a agência de publicidade e o fabricante.

Mas quem pode realmente dizer o que é que pisca no escuro lá em cima, sobre as casas - o nome luminoso de um produto ou o clarão do pensamento humano, um sinal, um chamado, uma pergunta lançada para o céu e que recebe de súbito uma resposta apaixonada, cintilante como uma jóia? E naquelas ruas, tão vastas no momento como lustrosos mares negros, naquela hora tardia em que a última cervejaria se fechou, um natural da Rússia, abandonando o sono, sem chapéu e sem paletó sob uma velha capa de borracha, caminha num transe de clarividência; naquela hora tardia, por aquelas ruas largas passavam mundos completamente estranhos uns aos outros: não mais um farrista, uma mulher ou simplesmente um transeunte, mas cada qual um mundo inteiramente isolado, cada qual uma totalidade de maravilhas e de mal. Cinco carruagens de aluguel estavam paradas na

avenida ao lado do grande vulto em forma de tambor de um mictório de rua; cinco mundos sonolentos, quentes, cinzentos em uniformes de cocheiro; e cinco outros mundos de cascos doloridos, dormindo e não sonhando senão com a aveia derramada de um saco com um suave som quebradiço.

É em momentos assim que tudo se torna fabuloso e insondavelmente profundo, em que a vida parece apavorante e a morte ainda pior. E então, quando se anda rapidamente pela cidade noturna olhando as luzes por entre lágrimas e procurando nelas uma recordação gloriosa e deslumbrante da felicidade passada - um rosto de mulher, que ressurgiu depois de muitos anos de monótono esquecimento - de repente, nessa marcha louca, um passageiro a pé nos faz parar polidamente e pergunta como é que se vai para esta ou aquela rua. A pergunta é feita numa voz comum, mas uma voz que nunca mais se ouvirá.

Capítulo 4

Acordando tarde na manhã de terça-feira, sentiu as pernas doloridas e, apoiando o cotovelo no travesseiro, suspirou uma ou duas vezes, espantado e divertido com o prazer que experimentava ao lembrar-se do que havia acontecido naquela noite. A manhã era de uma delicada brancura nevoenta. As vidraças tremiam com um estrondo prático. Num gesto determinado, saltou da cama e começou a fazer a barba. Naquele dia, isso lhe deu um especial prazer. As pessoas que fazem a barba ficam todas as manhãs um dia mais jovens. Ganin sentia que naquele dia se havia tornado exatamente nove anos mais jovem. Amaciadas pelos flocos de espuma, as cerdas da pele esticada crepitavam firmemente ao cair diante da pequena relha de arado de aço do aparelho de barba. Enquanto se barbeava, Ganin movia as sobancelhas e depois, quando foi para a banheira e ensopou o corpo com a água fria de um jarro, sorriu de alegria. Escovou os cabelos pretos úmidos, vestiu-se rapidamente e saiu.

Nenhum dos outros inquilinos passava as manhãs na pensão, salvo os dançarinos que em geral só se levantavam na hora do almoço. Alfyorov tinha saído para ver um amigo com quem ia iniciar algum negócio, Podtyagin tinha ido à polícia para ver se conseguia o seu visto de saída, enquanto Klara, já atrasada para o trabalho, esperava o bonde na esquina, apertando de encontro ao peito um saco de papel de laranjas. Ganin subiu

calmamente ao segundo andar de uma casa que já conhecia e tocou a campainha. Abrindo a porta, mas sem tirar a corrente, uma empregada olhou e disse que Fráulein Rubanski ainda estava dormindo.

- Não faz mal, preciso falar com ela, - disse Ganin e, metendo a mão pela abertura da porta, abriu a corrente.

A empregada, uma moça pálida e gorda, murmurou, indignada, alguma coisa, mas Ganin afastou-a para o lado com a mesma firmeza, marchou para a semi-escuridão do corredor e bateu numa porta.

- Quem é? - perguntou a voz matinal ligeiramente rouca de Lyudmila.

- Sou eu. Abra.

Ela atravessou o chão de pés descalços, rodou a chave e, antes de olhar para Ganin, correu para a cama e pulou de novo para debaixo das cobertas.

A ponta da orelha revelava que ela estava sorrindo, à espera da aproximação de Ganin.

Mas ele ficou no meio do quarto e assim continuou durante algum tempo, fazendo tilintar os trocados nos bolsos da capa de borracha.

Lyudmila virou-se de repente de costas e, rindo, abriu os braços magros e nus. A manhã não lhe era propícia. O rosto estava pálido e intumescido e os cabelos amarelos estavam eriçados.

- Bem, venha cá, - pediu ela e fechou os olhos. Ganin parou de chocalhar o dinheiro.

- Escute, Lyudmila, - disse ele calmamente. Ela se sentou, com os olhos arregalados.

- Aconteceu alguma coisa?

Ganin olhou fixamente para ela e respondeu:

- Aconteceu. Parece que estou amando outra pessoa. Vim dizer-lhe adeus.

Ela bateu as pestanas ainda fechadas pelo sono e mordeu os lábios.

- É isso mesmo, - disse Ganin. - Sinto muito, mas não há outro jeito. Vamos dizer adeus agora. Creio que será melhor assim.

Lyudmila cobriu o rosto com as mãos e caiu de bruços no travesseiro. A colcha azul-celeste da cama começou a escorregar de lado para o fofo tapete branco. Ganin apanhou a colcha e ajeitou-a. Depois, deu alguns passos pelo quarto de um lado para outro.

- A empregada não queria me deixar entrar, - disse ele.

Lyudmila continuava enterrada no travesseiro como se estivesse morta.

- Ela nunca me recebeu exatamente bem, disse Ganin.

Um pouco depois, murmurou:

- Já é tempo de desligar o aquecimento. Estamos na primavera.

Afastou-se da porta para o grande espelho branco de corpo inteiro e colocou o chapéu.

Lyudmila ainda estava sem se mover. Ganin demorou-se um pouco mais, olhou-a em silêncio e, então, produzindo um leve som, como um pigarro, saiu do quarto.

Procurando não fazer barulho, atravessou rapidamente o longo corredor. Escolheu a porta errada e, quando a abriu, viu-se num banheiro de onde emergiram um braço cabeludo e um rugido de leão. Deu meia-volta rapidamente e, depois de novo encontro com a empregada gorda, que estava espanando um busto de bronze no vestíbulo, começou a descer os degraus baixos de pedra pela última vez. A grande janela do patamar estava escancarada para o pátio dos fundos e ali um barítono itinerante berrava em alemão uma canção russa do Volga.

Escutando aquela voz, vibrante como a própria primavera e olhando para o desenho colorido das vidraças abertas - um feixe de rosas cúbicas e um leque de pavão - Ganin sentiu que estava livre.

Foi lentamente pela rua, fumando. O dia estava frio e leitoso. Nuvens brancas esfarrapadas subiam diante dele no espaço azul entre as casas. Sempre pensava na Rússia quando via nuvens velozes, mas naquela ocasião não precisava de nuvens para lembrar-se. Desde a noite passada, não havia pensado em nada mais. O delicioso acontecimento particular da noite anterior tinha alterado todo o calidoscópio de sua vida e tinha feito voltar o passado para dominá-lo. Sentou-se num banco de jardim e, no mesmo instante, o companheiro gentil que o vinha seguindo, a sua cinzenta sombra primaveril, estendeu-se aos seus pés e começou a falar.

Agora que Lyudmila se fora, estava livre para escutar.

Nove anos antes. Verão de 1915, uma casa no campo, tifo. A convalescença do tifo foi espantosamente agradável. Ficava-se como num ar ondulante. É verdade que o baço de vez em quando doía e, todas as manhãs, uma enfermeira de hospital, levada especialmente de Petersburgo, lhe limpava a língua saburosa - ainda pegajosa do sono - com um algodão embebido em vinho do Porto. A enfermeira era muito baixa, com um busto macio e pequenas mãos bem treinadas. Tinha um cheiro úmido e fresco de solteirona. Gostava de proferir ditos populares e os fragmentos de japonês de que se lembrava da guerra de 1904. Tinha um rosto de camponesa do

tamanho de uma mão fechada, marcado de varíola, com um nariz pequeno; um só cabelo não lhe escapava da touca.

Ficava-se deitado como no ar. À esquerda, a cama era separada da porta por um biombo escuro de cana com curvas ondulantes. Perto dele, num canto à direita, ficava o nicho dos ícones: imagens morenas atrás do vidro, velas de cera e um crucifixo de coral. Das duas janelas, a mais distante ficava bem em frente e a cabeceira da cama parecia estar afastando-se da parede enquanto os pés se viravam para a janela com os seus botões de cobre, cada qual com uma bolha de sol. A qualquer momento, era de esperar que levantasse vô através do quarto, saindo para o profundo céu de julho onde nuvens estufadas e brilhantes se inclinavam para o alto. A segunda janela, na parede da direita, se abria para um telhado verde-claro em rampa. O quarto ficava no segundo andar e o telhado pertencia a uma ala de um só andar onde ficavam os alojamentos dos empregados e a cozinha. À noite, as janelas eram fechadas por dentro com persianas brancas que se dobravam. A porta atrás do biombo dava para a escada e mais adiante, junto à mesma parede havia uma cintilante estufa branca e um lavatório antiquado com um reservatório e uma torneira em feitio de bico. Pisava-se num pedal de metal e um jato fino esguichava da torneira. À esquerda da janela em frente, ficava uma cômoda de mogno com gavetas muito emperradas e, à direita dela, uma pequena otomana.

O papel das paredes era branco com rosas azuladas. Às vezes, no semidelírio, enxergavam-se perfis de gente nessas rosas ou passeava-se para cima e para baixo com os olhos, tentando não tocar durante o caminho numa só flor ou numa só folha, achando falhas no padrão, torcendo, voltando, indo dar num beco sem saída e começando a viagem de novo através do luminoso labirinto. À direita da cama, entre o nicho dos ícones e a janela lateral estavam pendurados dois quadros - um gato com o pêlo parecendo um casco de tartaruga que lambia leite num pires e um estorninho feito com penas verdadeiras de estorninho aplicadas acima do desenho de um ninho. Ao lado, no caixilho da janela, estava presa uma lâmpada de querosene que tinha o hábito de emitir uma língua negra de fuligem. Havia outros quadros: acima da cômoda, a litografia de um garoto napolitano de peito nu e, sobre o lavatório, o desenho a lápis de uma cabeça de cavalo com as ventas dilatadas nadando dentro da água.

Durante todo o dia, a cama deslizava no céu quente e agitado pelo vento. Quando a pessoa se sentava, via a copa das túlias, que o sol dourava

no alto, os fios de telefone em que as andorinhas pousavam e parte da cobertura de madeira que saía da varanda da frente sobre a alameda vermelha. Eram admiráveis os sons que vinham lá de fora - trinados, um latido distante, uma bomba que rangia. Ficava-se deitado, flutuava-se e pensava-se que dentro em breve se estaria saindo da cama. Moscas brincavam numa piscina de sol e, do colo de Mamãe, ao lado da cama, uma bola de seda colorida, como se fosse viva, saltava e rolava mansamente pelo assoalho cor de âmbar.

Nesse quarto, onde Ganin tinha convalescido aos dezesseis anos, fora concebida aquela felicidade, a imagem da moça que iria conhecer um mês depois na vida real.

Tudo contribuía para a criação dessa imagem - as gravuras de cores suaves das paredes, os gorjeios do lado de fora da janela, a face parda de Cristo no nicho dos ícones e até a fonte em miniatura do lavatório. A imagem em botão recolheu e absorveu todo o encanto cheio de sol daquele quarto e sem isso, naturalmente, nunca se teria desenvolvido. Tratava-se afinal de contas de apenas uma premonição infantil, uma deliciosa bruma, mas Ganin sentia agora que nunca uma premonição se cumprira de maneira mais completa. Durante toda a terça-feira, vagueou de praça em praça, de café em café e as recordações voavam sempre à frente dele como as nuvens de abril através do suave céu de Berlim. Os fregueses dos cafés julgavam que aquele homem que olhava tão fixamente para a frente devia ter alguma profunda tristeza; na rua, dava encontrões nas pessoas e uma vez um carro veloz teve de frear firmemente e praguejar, tendo-o quase atropelado. Era um deus, tornando a criar um mundo que tinha perecido. Ressuscitou pouco a pouco esse mundo a fim de agradar à moça a quem não tinha coragem de colocar nele até que estivesse absolutamente completo. Mas a imagem, a presença dela, a sombra de sua memória exigiam que no fim ele a ressuscitasse também - e ele intencionalmente repelia a sua imagem, querendo aproximar-se dela gradativamente, passo a passo, exatamente como fizera nove anos antes. com receio de cometer um erro, de perder-se no labirinto iluminado da memória, tornou a criar seu passado vigilantemente, exultantemente, voltando de vez em quando em busca de alguma trivialidade esquecida, mas nunca avançando com demasiada rapidez. Errando através de Berlim naquela terça-feira de primavera, convalesceu de novo, tornando a sentir o que era levantar-se da cama pela primeira vez, sentindo a fraqueza nas pernas. Olhou-se em todos os

espelhos. As roupas lhe pareciam excepcionalmente limpas, singularmente amplas e ligeiramente estranhas. Desceu lentamente a larga avenida que levava do terraço do jardim para as profundezas do parque. Aqui e ali, a terra, arroxeadada pela sombra das árvores, rebentava em montículos que pareciam pilhas de minhocas negras. Tinha vestido calças brancas e meias lilás, sonhando em encontrar alguém, sem saber ainda quem seria. Chegando ao fim da avenida, onde um banco branco se destacava entre o verde-escuro das agulhas de pinheiros, iniciou a volta e aí pôde ver a areia vermelho-laranja do terraço do jardim e as cintilantes vidraças da varanda.

A enfermeira voltou para Petersburgo e se debruçou da carruagem durante muito tempo para dar adeus com o braço gordo, enquanto o vento lhe agitava a touca. A casa era fresca e havia panos de sol estendidos aqui e ali no chão. Duas semanas depois, ele já estava correndo até ficar exausto na sua bicicleta e jogava boliche russo à noite com o filho do homem do estábulo.

Depois de mais uma semana, o que estava esperando aconteceu.

"E onde está tudo isso agora?" pensou Ganin. "Onde está a felicidade, a luz do sol, as grossas garrafinhas de madeira que caíam e pulavam tão lindamente, onde está minha bicicleta de guidom baixo e roda dentada grande? Parece que há uma lei segundo a qual nada desaparece e a matéria é indestrutível. Por isso, os paus de meu boliche e os raios de minha bicicleta ainda existem hoje seja lá onde for. É uma pena que eu nunca mais venha a encontrar nada disso. Li uma vez alguma coisa sobre o "eterno retorno". E se esse complicado jogo de paciência nunca mais acontecer pela segunda vez? Deixe ver... Há uma coisa que eu não posso compreender... sim, é isto: tudo não vai morrer quando eu morrer? Agora mesmo, estou sozinho numa cidade estrangeira. Bêbado. A cabeça me roda de tanta cerveja traçada com conhaque.

Andei tanto que estou exausto. Se meu coração estourar neste instante, todo o meu mundo estourará com ele? É isso que eu não posso compreender".

Viu-se de novo no pequeno jardim da mesma praça, mas já então o ar tinha ficado frio e o céu pálido esmaecera num delíquio vespertino.

"Faltam quatro dias: quarta, quinta, sexta, sábado. E eu posso morrer a qualquer momento".

"Reaja!" murmurou ele abruptamente, cerrando as sobrancelhas negras. "Chega. Está na hora de ir para casa".

Quando subia para o andar da pensão, encontrou Alfyorov que, encolhido dentro do seu volumoso sobretudo e com os lábios apertados em concentração, estava colocando uma chave na fechadura do elevador.

- vou sair para comprar um jornal, Lev Glebovich. Quer me fazer companhia?

- Não, muito obrigado, - disse Ganin e foi para seu quarto.

Mas, ao colocar a mão na maçaneta da porta, parou. Uma tentação súbita o dominou. Ouviu Alfyorov entrar no elevador, ouviu o carro descer com o seu laborioso zumbido e ouviu o seu barulho estrepitoso quando chegou lá embaixo.

- Saiu, - disse ele, mordendo o lábio. - Bem, vou-me arriscar.

Quis o destino que cinco minutos depois Klara batesse na porta de Alfyorov para perguntar se ele tinha um selo para carta. A luz amarela que aparecia na parte superior de vidro fosco da porta sugeria que Alfyorov devia estar no quarto.

- Aleksey Ivanovich, - começou Klara, batendo na porta ao mesmo tempo que a entreabria, - será que tem...

Parou cheia de espanto. Ganin estava junto à mesa e fechava apressadamente a gaveta. Olhou em torno, com os dentes à mostra, deu um empurrão na gaveta com o quadril e aprumou o corpo.

- Meu Deus! - exclamou Klara, ao mesmo tempo que recuava do quarto.

Com um lento ronco, arquejando do seu esforço, o elevador estava subindo de novo.

- Ele está voltando, - murmurou Ganin, com um ar de mistério.

- Oh, eu não o denunciarei, - exclamou Klara amargamente, com os olhos brilhantes e molhados fitos nele. Mas como pode fazer uma coisa dessas? Ele não está em melhor situação do que você. É como se fosse um pesadelo.

- Vamos para seu quarto, - disse Ganin com um sorriso. - Se quiser, eu lhe explico tudo.

Ela se afastou da parede e, com a cabeça baixa, levou-o para o quarto 5 de abril. O quarto estava quente e cheirava a um bom perfume. Na parede havia uma cópia da Ilha dos Mortos de Bocklins e na mesa um retrato com moldura de Lyudimila, muito retocado.

- Brigamos, - disse Ganin, apontando o retrato. - Não me chame se ela vier ver você. Está tudo acabado.

Klara sentou-se num sofá com os pés no alto e embrulhou-se num xale preto.

- Tudo isso é tolice, Klara, - continuou ele, sentando-se ao lado dela e apoiando-se no braço estendido. - Não está mesmo pensando que eu estava roubando dinheiro, está? Apesar disso, não gostaria de que Alfyorov soubesse que andei remexendo na mesa dele.

- Mas que era que estava fazendo? Que podia ser senão isso? - murmurou Klara. - Nunca esperei isso de você, Lev Glebovich.

- Que criatura engraçada é você, - disse Ganin.

Notou que os olhos grandes, gentis e um pouco proeminentes dela estavam brilhantes demais e que os ombros subiam e desciam com muito nervosismo sob o xale preto.

- Ora, ora, - murmurou ele, sorrindo. - Está bem, vamos supor que eu seja um ladrão. Mas por que você se aflige tanto com isso?

- Por favor, vá-se embora, - disse Klara com voz branda, virando o rosto para o lado. Ele riu e encolheu os ombros.

Quando a porta se fechou depois que ele saiu, Klara desatou em lágrimas e chorou durante muito tempo, com as grandes lágrimas cintilantes brotando ritmicamente entre as pestanas e rolando em grandes gotas pelas faces agitadas pelos soluços.

- Pobre querido, - murmurou ela. - Que foi que a vida o forçou a fazer! E que é que eu posso dizer a ele?

Houve uma leve pancada na parede do quarto dos dançarinos. Klara assoou o nariz com força e prestou atenção. A pancada se repetiu, veludosa e feminina: era evidentemente Kolin que estava batendo. Houve então uma gargalhada e alguém exclamou: "Alec, oh Alec, pare com isso" e duas vozes iniciaram uma conversa abafada e íntima.

Klara pensou que no dia seguinte, como sempre, teria de ir trabalhar e martelar o teclado até às seis horas vendo as letras arroxeadas se derramarem no papel com um som seco e intermitente. Quando nada houvesse para fazer, ela lia, arrumando o livro vergonhosamente dilapidado que lhe haviam emprestado, em cima da Remington preta. Preparou o chá, comeu alguma coisa e então se despiu lenta e lânguidamente.

Estendida na cama, ouviu vozes no quarto de Podtyagin. Ouviu alguém entrar e sair. Ganin disse então alguma coisa com uma voz inesperadamente alta e Podtyagin respondeu com voz baixa e deprimida. Lembrou-se de que

o velho tinha ido de novo naquele dia tratar do passaporte, que ele sofria muito do coração e que a vida ia passando. Na sexta-feira, ela ia fazer vinte e seis anos. As vozes iam e vinham. Klara teve a impressão de que estava morando numa casa de vidro que estava em movimento, balançando-se e flutuando. O barulho dos trens, embora particularmente audível do outro lado do corredor, podia ser ouvido também em seu quarto e a cama dela parecia levantar-se e dançar. Por um momento, visualizou as costas de Ganin quando ele estava curvado sobre a mesa e olhou por cima do ombro, mostrando os dentes.

Adormeceu então e teve um sonho absurdo: parecia estar sentada no bonde ao lado de uma velha que se parecia muito com sua tia de Lodz e falava muito depressa em alemão.

Mas pouco a pouco ficou claro que não era absolutamente sua tia, mas a alegre mulher da feira a quem Klara comprava laranjas quando ia trabalhar.

Capítulo 5

Naquela noite, Anton Sergeyevich teve uma visita. Era um senhor idoso com um bigode ruivo aparado à inglesa, muito seguro de si e muito elegante de sobrecasaco e calças listradas. Podtyagin o estava tratando a caldo de carne de Maggi quando Ganin entrou. O ar estava azulado da fumaça dos cigarros.

- Senhor Ganin. Senhor Kunitsyn.

Respirando pesadamente e com o pincenez faiscando, Anton Sergeyevich empurrou Ganin delicadamente para uma outra poltrona.

- Este, Lev Glebovich, é meu velho colega de colégio que outrora traduzia para mim os textos clássicos.

Kunitsyn riu e disse numa voz profunda e cheia:

- É verdade... Mas, por favor, meu caro Anton Sergeyevich, que horas são?

- Ainda é cedo. Pode ficar mais um pouco.

Kunitsyn levantou-se, puxando o colete para baixo.

- Não posso, minha mulher está-me esperando.

- Neste caso, não tenho o direito de prendê-lo.

- Anton Sergeyevich abriu os braços e olhou de lado através do pincenez para a visita. - Tenha a bondade de recomendar-me a sua esposa.

Não tenho o prazer de conhecê-la, mas recomende-me a ela ainda assim.

- Obrigado, - disse Kunitsyn. - Muito prazer. Adeus. Creio que deixei meu sobretudo no vestíbulo.

- Vou levá-lo, - disse Podtyagin. - com licença, Lev Glebovich. Não demoro.

Sozinho, Ganin acomodou-se mais confortavelmente na velha poltrona verde e sorriu. Tinha ido procurar o velho poeta porque julgava que ele fosse a única pessoa que poderia compreender o seu estado perturbado. Queria falar-lhe sobre muitas coisas de crepúsculos sobre uma estrada na Rússia, de bosques de bétulas. Ele era, afinal de contas, o mesmo Podtyagin cujos versos podiam ser encontrados entre vinhetas em velhos volumes encadernados de revistas como O Mundo Ilustrado e A Revista Fotográfica.

Anton Sergeyevich voltou, sacudindo melancolicamente a cabeça.

- Ele me insultou, - disse, sentando-se à mesa e tamborilando nela com os dedos. - Como ele me insultou!

- Que foi que houve? - perguntou Ganin. Anton Sergeyevich tirou o pincenez e limpou-o com a ponta da toalha da mesa.

- Ele me despreza, eis aí o que houve. Quer saber o que ele acabou de me dizer? Deu-me um dos seus pequenos sorrisos, frios e sarcásticos, e disse: "Você tem passado todo o seu tempo escrevendo poesia e eu não tenho lido uma palavra do que você escreve. Se eu tivesse lido, teria perdido o tempo que poderia aproveitar trabalhando".

Foi isso o que ele me disse, Lev Glebovich! E agora eu lhe pergunto: isso é uma coisa inteligente que alguém possa dizer?

- O que é que ele é? - perguntou Ganin.

- O diabo é quem sabe. Ganha dinheiro. Bem, é uma pessoa que...

- E há motivo pra que se sinta insultado com isso? Ele tem um talento, o Senhor tem outro. De qualquer maneira, sou capaz de apostar que o despreza também.

- Mas, Lev Glebovich, não tenho razão para desprezá-lo? O pior não é isso... O pior é que um homem como esse tem a coragem de me oferecer dinheiro.

Abriu a mão e jogou uma nota amarfanhada em cima da mesa.

- E o pior de tudo é que eu aceitei. Veja e admire! Vinte marcos! Que diabo!

O velho pareceu tremer da cabeça aos pés.

Abria e fechava a boca e o pequeno cavanhaque grisalho se retorcia, enquanto os dedos tamborilavam na mesa.

- Peter Kunitsyn. Sim, lembro-me bem dele. Era bom aluno, o patife. Sempre tão pontual, com um relógio no bolso. Durante as aulas, levantava os dedos para mostrar quantos minutos ainda faltavam para a aula acabar. Quando concluiu o curso secundário, recebeu uma medalha de ouro.

- Deve ser estranho para o Senhor recordar essas coisas, - disse Ganin, pensativamente. - Pensando bem, é muito estranho lembrar alguma coisa comum - embora não de todo comum - alguma coisa que sucedeu poucas horas antes.

Podtyagin dirigiu-lhe um olhar interessado, mas bondoso.

- Que foi que lhe aconteceu, Lev Glebovich? O seu rosto está que parece iluminado. Será que se apaixonou de novo? De fato, é estranha a maneira pela qual nos lembramos das coisas. Como você está radiante!

- Tive uma boa razão para vir procurá-lo, Anton Sergeyevich.

- E eu só lhe pude oferecer foi Kunitsyn. Que isso lhe sirva de advertência. Como é que você se foi na escola? Foi bom estudante?

- Mais ou menos, - disse Ganin, sorrindo de novo. - Estudei na Academia Balashov em Petersburgo, conhece? - Continuou, adotando o tom de voz de Podtyagin, como se faz quando se conversa com um velho. - Lembro-me do pátio da escola. Jogávamos futebol ali. Havia lenha empilhada embaixo de um arco e, de vez em quando, a bola derrubava uma acha.

- Nós preferíamos brincar de esconder e de cossaco-e-ladrão, - disse Podtyagin, acrescentando inesperadamente: - E agora a vida passou.

- Sabe de uma coisa, Anton Sergeyevich? Lembrei-me hoje daquelas velhas revistas que costumavam publicar seus versos. E dos bosques de bétulas também.

- Sério? - Perguntou o velho, voltando-se para ele com um ar de bem-humorada ironia. - Que louco fui! Por amor àquela bétulas, desperdicei toda a minha vida e deixei de tomar conhecimento do resto da Rússia. Agora, graças a Deus, deixei de escrever poesia. Parei com isso. Tenho até vergonha quando tenho de preencher as fichas a meu respeito e sou forçado a me descrever como "poeta". Por falar nisso, eu hoje fiz uma perfeita trapalhada de tudo. O funcionário chegou a considerar-se insultado. Terei de voltar amanhã.

Ganin voltou os olhos para o chão e disse:

- Quando eu estava no último ano, meus colegas pensavam que eu tinha uma amante e que amante - uma senhora da sociedade! Isso fazia com que me respeitassem e eu não me importava pois eu mesmo é que havia lançado o boato.

- Compreendo, - disse Podtyagin.

- Há um pouco de astúcia em você, Lyovushka. E isso não me desagrada.

- Na realidade, eu era absolutamente casto e não me incomodava com isso. Tinha orgulho disso, como se fosse um segredo especial que levava comigo, embora todo o mundo me julgasse bastante experiente. Veja bem que eu não era pudico, nem tímido. Sentia-me apenas feliz vivendo como vivia e esperava. E aos meus colegas, que usavam linguagem obscena e arquejavam mal quando se falava em mulher, sempre manchados e sujos, com as mãos suarentas, desprezava-os por isso. E eles mentiam revoltantemente sobre as suas aventuras amorosas.

- Devo confessar, - murmurou Podtyagin, com a sua voz sem relevo, - que comecei com uma criada de quarto. Era doce e gentil, com olhos cor de cinza. Chamava-se Glasha. Assim é que são as coisas.

- Eu não, eu esperei, - disse Ganin, suavemente. - Do começo da puberdade aos dezesseis anos, vamos dizer, três anos. Quando eu tinha treze anos, estávamos brincando de esconder e eu e outro garoto de minha idade fomos nos esconder juntos dentro de um armário. Na escuridão, ele me disse que havia mulheres maravilhosas que se deixavam despir em troca de dinheiro. Não ouvi bem o nome que ele lhes dava e entendi o nome como "prinstituta" - uma mistura de princesa com professora de instituto de moças. Graças a isso, fiz delas uma imagem mental apaixonante e misteriosa.

Mas não tardou que eu compreendesse como estava enganado, pois nada vi de encantador nas mulheres que andavam para baixo e para cima na Perspectiva Nevski, bamboleando os quadris e que nos chamavam a nós, estudantes do curso secundário, de "lápiz". E assim, depois de três anos de orgulhosa castidade, minha espera terminou. Foi durante o verão, em nossa propriedade no campo.

- Sim, sim, - disse Podtyagin. - Compreendo tudo. Mas acho um pouco vulgar. Dezesseis anos, amor nos bosques.

Ganin olhou-o com curiosidade.

- Mas poderia haver coisa mais delicada e melhor, Anton Sergeyevich?

- Não sei e não me pergunte, meu caro amigo. Fundi em minha poesia tudo o que devia ter vazado na vida e agora é muito tarde para começar de novo. A única idéia que me ocorre agora é que no ajuste de contas derradeiro será melhor ter sido de temperamento sangüíneo, um homem de ação e que se é preciso a pessoa embriagar-se, deve fazê-lo de maneira completa, arrebatando tudo.

- Houve isso também, - disse Ganin, sorrindo. Podtyagin pensou por um momento e disse:

- Você falou sobre o campo na Rússia, Lev Glebovich. Espero que você volte a vê-lo. Quanto a mim, deixarei os velhos ossos aqui. E, se não for aqui, em Paris. Acho que estou por demais deprimido hoje. Perdão.

Ficaram ambos em silêncio. Um trem passou. Ao longe, bem longe, uma locomotiva deu um grito desvairado, inconsolável. A noite era azul e fria do outro lado das vidraças sem cortinas, que refletiam o abajur e um canto bem iluminado da mesa. Podtyagin estava sentado com os ombros encolhidos, a cabeça grisalha curvada, rodando nas mãos uma cigarreira de couro. Era impossível dizer em que estava pensando. Talvez fosse na monotonia de seu passado. Talvez a velhice, a doença e a pobreza lhe aparecessem ao espírito com a mesma nitidez da cena noturna nas vidraças. Talvez pensasse no passaporte e em Paris. Talvez pensasse apenas sombriamente que o bico de seu sapato estava exatamente colocado sobre o desenho do tapete ou em quanto seria bom naquela hora tomar uma cerveja gelada ou como a visita que recebera demorara além da conta... só Deus sabe. Mas quando Ganin olhou para a grande cabeça descaída, para os tufois senis de cabelos nas orelhas e para os ombros encurvados de tanto escrever, teve tão grande e súbito acesso de tristeza que perdeu toda a vontade de falar sobre aquele verão na Rússia, sobre os caminhos do parque e, ainda menos, sobre a espantosa coisa que lhe havia acontecido no dia anterior.

- Bem, já vou. Durma bem, Anton Sergeyevich.

- Boa noite, Lyovushka, - disse Podtyagirt com um suspiro. - Gostei muito de nossa conversa. Você, quando nada, não me despreza por ter ficado com o dinheiro de Kuntsyn.

Só no último momento, já da porta, Ganin parou e disse:

- Sabe de uma coisa, Anton Sergeyevich? Comecei um amor maravilhoso. vou para ela agora. Estou muito feliz.

Podtyagin deu-lhe um gesto animador de aquiescência.

- Compreendo. Dê-lhe minhas recomendações. Não tenho o prazer de conhecê-la mas recomende-me, apesar disso.

Capítulo 6

Era estranho mas não podia lembrar-se exatamente de quando a vira pela primeira vez. Talvez, num concerto realizado num galpão nas divisas da propriedade de seus pais. Era possível, entretanto, que já a tivesse visto de relance antes disso. O riso,, as feições suaves, a pele morena e até a grande fita nos cabelos, tudo isso lhe era de certo modo conhecido quando um estudante de medicina que trabalhava como atendente no hospital militar local (uma guerra mundial estava em pleno andamento) tinha conversado com ele sobre essa moça de quinze anos "doce e notável", como dissera o estudante - mas essa conversa se realizara antes do concerto. Agora, Ganin esquadrihava inutilmente a memória mas não podia lembrar-se da primeira vez em que se tinham visto. O fato era que a tinha esperado com tal ansiedade, tinha pensado tanto nela naqueles dias maravilhosos depois do tifo que havia plasmado a sua própria imagem antes de realmente vê-la.

Agora, muitos anos depois, sentia que o encontro imaginário e o que ocorrera na realidade tinham-se misturado e fundido imperceptivelmente um no outro, desde que, como uma pessoa viva, ela era apenas uma continuação ininterrupta da imagem que a havia renunciado. Naquele anoitecer de julho, Ganin tinha aberto o portão de ferro que rangia e saíra para o crepúsculo azul. A bicicleta corria com especial facilidade ao escurecer e os pneus emitiam uma espécie de sussurro quando apalpavam cada subida e descida na terra dura à beira da estrada. Quando passou pelos estábulos no escuro, partiu deles um bafo quente, um resfolegar e o leve baque de um casco que mudava de lugar. Mais adiante, a estrada estava cercada dos dois lados pelas bétulas, silenciosas àquela hora. Então, como um fogo que ardesse no campo ceifado, uma luz débil brilhou e grupos escuros passaram num rumor festivo rumo ao galpão isolado. Lá dentro, haviam armado um palco, filas de cadeiras tinham sido instaladas e a luz banhava cabeças e ombros, batendo nos olhos e havia um cheiro de caramelos e querosene. Muita gente havia comparecido. Os fundos estavam cheios de camponeses, ao passo que a gente das dachas estava no meio e, na

frente, em bancos brancos emprestados do parque senhorial, sentavam-se cerca de vinte internados no hospital militar da aldeia, silenciosos e apáticos, com as cabeças redondas e tosquiadas manchadas no seu azul-cinzentos por trechos sem cabelos. Aqui e ali, nas paredes decoradas com galhos de pinheiros, havia rachaduras pelas quais espiavam a noite estrelada e os vultos negros dos rapazes do campo que tinham trepado do lado de fora em altas pilhas de troncos.

O baixo lírico de Petersburgo, um homem magro de rosto eqüino, emitiu um reboante som cavernoso; o coro da escola da aldeia, obediente ao som melodioso de um diapasão, acompanhou-o com o refrão.

Entre a claridade amarelada e quente, entre os sons que tomavam forma visível nas dobras dos lenços de cabeça vermelhos e prateados, pestanas que batiam, sombras nas traves do teto que mudavam de lugar sempre que havia uma lufada do vento noturno, entre toda essa agitação e essa música popular, entre todas as cabeças e todos os ombros no grande galpão repleto, Ganin via apenas uma coisa: olhava à frente para trancas castanhas amarradas por uma fita preta ligeiramente esgarçada nas bordas e acariciava com os olhos o escuro, liso e juvenil lustro dos cabelos em suas têmporas. Sempre que ela voltava o rosto para o lado a fim de dar à moça sentada junto dela um de seus olhares sorridentes e rápidos, ele podia ver-lhe também a cor forte da face, o canto de um olho cintilante e tártaro e a delicada curva das narinas que se dilatava e contraía alternadamente enquanto ela ria. Mais tarde, quando o concerto terminou, o baixo de Petersburgo foi levado no grande carro do dono da fábrica local que lançava uma luz misteriosa sobre a grama e, então, com um desvio dos faróis, iluminou deslumbrantemente uma bétula que dormia e a ponte sobre o regato. E, enquanto o grupo de belas veranistas, num farfalhar festivo de vestidos brancos, se afastava na escuridão azulada através dos trevos carregados de orvalho e alguém acendia um cigarro no escuro, levando o fósforo aceso até ao rosto entre as mãos em concha - Ganin, em estado de solitária exaltação, voltava a pé para casa, com os raios de sua bicicleta estalando de leve enquanto ele a puxava pelo selim.

Numa ala da casa senhorial, entre a despensa e o quarto da governanta, havia uma privada espaçosa e antiquada. A janela dava para um ponto abandonado do jardim, onde, à sombra de um teto de ferro, duas rodas pretas se elevavam sobre um poço e uma tina de água de madeira se estendia pelo chão entre raízes nuas e sinuosas de três grandes álamos

ramalhudos. A janela era decorada com um cavaleiro de vidro colorido, de barba quadrada e pernas fortes, que brilhavam estranhamente à luz fraca de um candeeiro de querosene com placa de metal que estava pendurado ao lado de grosso cordão de veludo. Puxava-se o cordão e das profundezas misteriosas do trono de carvalho subia um ronco de água e ocos gargarejos.

Ganin abriu a janela e instalou-se, com pés e tudo no parapeito da janela. O cordão de veludo se balançava mansamente ao vento e o céu estrelado entre os álamos negros dava vontade de suspirar profundamente. E aquele momento, quando estava sentado na janela do lúgubre lavatório e pensava que provavelmente nunca, nunca chegaria a conhecer a moça de fita preta na delicada nuca e esperava em vão que um rouxinol comesse a cantar nos álamos como num poema de Fet - esse momento era agora considerado por Ganin o ponto mais alto e mais importante de toda a sua vida.

Não se lembrava de quando a vira pela segunda vez, se fora no dia seguinte ou uma semana depois. À tardinha, antes do chá, tinha montado no selim da bicicleta, curvara-se sobre o guidom e seguira diretamente no rumo do sol poente. Sempre escolhia o mesmo trajeto circular, passando por dois povoados separados por um pinheiral, tomando de novo a estrada de volta para casa, passando pela grande aldeia de Voskresensk que ficava à beira do rio Oredezh, que Ryleev cantara um século antes. Sabia a estrada de cor, ora estreita e plana, com a sua margem compacta estendendo-se ao lado de uma perigosa vala, ora calçada de pedras que faziam a roda da frente pular, aqui marcada de sulcos traiçoeiros, ali, lisa, rósea e firme... Conhecia o caminho pelo tato e pela vista, como se conhece um corpo vivo, e o percorria habilmente, comprimindo pedais elásticos num sussurrante vácuo.

O sol da tarde listrava de fogo vermelho os troncos rugosos de um bosque de pinheiros. Dos jardins das dachas, vinha o som de bolas de croquet. Mosquitos batiam a cada instante na boca e nos olhos.

De vez em quando, na estrada, parava ao lado de uma pequena pirâmide de pedras para a construção de estradas, acima da qual um poste telegráfico, cuja madeira se descascava em listras cinzentas, emitia um leve e desolado murmúrio. Apoiava-se na bicicleta, olhando através dos campos para uma dessas franjas de floresta que só na Rússia se encontram, remota, compacta, escura, enquanto acima dela o poente dourado era quebrado apenas por uma longa nuvem roxa, abaixo da qual os raios do sol se estendiam num leque ardente. E enquanto olhava para o céu e escutava uma vaca que mugia

quase sonhadamente numa aldeia distante, procurou compreender o que tudo aquilo significava - aquele céu, os campos e o murmúrio do poste telegráfico; sentia que estava na iminência de compreender tudo quando de repente a cabeça lhe começou a rodar e o lúcido langor daquele momento se tornou intolerável.

Não fazia idéia de onde podia cruzar com ela ou alcançá-la, em que volta da estrada, naquele bosque ou no seguinte. Ela morava em Voskresensk e saía para dar um passeio na tarde deserta e cheia de sol exatamente na mesma hora que ele. Ganin avistou-a de longe e sentiu imediatamente um frio em torno do coração. Ela caminhava rapidamente, com uma saia azul, as mãos nos bolsos do casaco de sarja azul, sob o qual havia uma blusa branca. Quando Ganin a alcançou, como um vento brando, viu apenas as dobras azuis que se estendiam e enrugavam nas costas e a fita de seda preta como duas asas abertas.

Quando passou por ela, não lhe olhou o rosto, fingindo que estava absorvido no funcionamento da bicicleta, embora um minuto antes, imaginando o encontro, tivesse jurado que sorriria para ela e a cumprimentaria. Naquele tempo, pensava que ela devia ter algum nome excepcional e sonoro, mas, quando soube pelo mesmo estudante, que ela se chamava Mary, não ficou absolutamente surpreso, como se já soubesse disso - e esse nome simples teve para ele uma nova ressonância, uma encantadora significação.

- Mary, - murmurou Ganin. - Mary.

Respirou fundo e prendeu a respiração, escutando o pulsar de seu coração. Eram cerca de três horas da madrugada, os trens tinham parado de correr e, em consequência disso, a casa parecia imóvel. Na poltrona, com os braços abertos como um homem atingido no meio de uma prece, pendia no escuro o vago vulto branco da camisa que tirara.

- Mary, - repetiu Ganin, tentando colocar no nome toda a música que ele outrora encerrara o vento, o murmúrio dos postes telegráficos, a felicidade - juntamente com outro som secreto que dava vida própria à palavra. Deitou-se de costas e escutou o passado. E, então, do quarto vizinho, veio um baixo, brando e difuso lá-lá-lá-lá.

Alfyorov estava ansioso pelo sábado.

Capítulo 7

Na manhã do dia seguinte, quarta-feira, a mão vermelha de Erika meteu-se pela porta do quarto 2 de abril e deixou cair no chão um grande envelope lilás. Ganin reconheceu com indiferença a letra grande, inclinada e muito regular. O selo tinha sido colado de cabeça para baixo e num canto o polegar de Erika deixara uma impressão gordurosa. O envelope estava impregnado de perfume e Ganin pensou que perfumar uma carta era o mesmo que vaporizar perfume nos sapatos para atravessar uma rua. Encheu as bochechas, expeliu o ar e guardou no bolso a carta sem abrir. Alguns minutos depois, tirou-a do bolso, virou-a nas mãos e jogou-a em cima da mesa. Andou então algumas vezes de um lado para outro do quarto. Todas as portas da pensão estavam abertas. Os sons do trabalho doméstico matinal se misturavam com o barulho dos trens que aproveitavam as correntes de ar para atravessar todos os quartos.

Ganin, que passava as manhãs em casa, em geral varria o quarto e fazia a cama. Lembrou-se de repente que era aquele o segundo dia em que não arrumava o quarto.

Foi até ao corredor para pegar uma vassoura e um espanador. Carregando um balde, Lydia Nikolaevna passou por ele como um rato e perguntou:

- Erika lhe entregou a carta?

Ganin fez um sinal afirmativo em silêncio e apanhou uma escova de cabo comprido que estava em cima da arca de carvalho. No espelho do vestíbulo, viu o reflexo do interior do quarto de Alfyorov, cuja porta estava escancarada. Dentro do quarto cheio de sol - o tempo estava celestial naquela manhã -- um cone oblíquo de pó radioso passava por um canto da mesa e, com afitiva nitidez, imaginou as fotografias que primeiro lhe tinham sido mostradas por Alfyorov e que depois estava examinando sozinho com tanta exaltação quando Klara o interrompera. Naquelas fotografias, Mary estava exatamente como ele se lembrava dela e era terrível pensar que o seu passado estava jogado na mesa de outra pessoa. O reflexo no espelho desapareceu ruidosamente quando Lydia Nikolaevna, que vinha pelo corredor com seus passos miúdos, bateu a porta.

De escova em punho, Ganin voltou ao seu quarto. Em cima da mesa, estava um retângulo lilás. Graças a uma rápida associação de idéias, evocada por aquele envelope e pelo reflexo da mesa no espelho, lembrou-se das cartas muito velhas que guardava numa carteira preta no fundo de sua

maleta, juntamente com a pistola automática que trouxera da Criméia. Pegou o envelope em cima da mesa, abriu mais a janela com o braço e com os dedos fortes rasgou a carta pelo meio; rasgou depois cada pedaço e jogou os pedacinhos ao vento. Rebrilhantes, os flocos de neve de papel voaram pelo abismo banhado de sol. Um fragmento ficou no peitoril da janela e Ganin viu nele algumas linhas mutiladas:

laro, posso esq mor. Só peço é que você seja f

Deu um piparote no papel, jogando-o no pátio que cheirava a carvão, a primavera e a espaços abertos. Encolhendo os ombros de satisfação, começou a arrumar o quarto.

Ouviu, então, os seus companheiros de pensão chegarem sucessivamente para o almoço. Ouviu Alfyorov dar uma gargalhada e Podtyagin murmurar alguma coisa. Pouco depois, Erika chegou ao corredor e deu uma batida desalentada no gongo.

Quando ia para o almoço, alcançou Klara, que lhe lançou um olhar cheio de medo. E Ganin deu-lhe um sorriso tão belo e cordial que ela pensou: "Que mal faz que ele seja um ladrão? Não há ninguém como ele". Ganin abriu a porta e ela, baixando a cabeça, entrou à frente dele na sala de jantar. Os outros já estavam sentados e Lydia Nikolaevna, com uma enorme concha na pequena mão murcha, estava servindo a sopa, tristemente.

Podtyagin tornara a não ser bem sucedido naquele dia. O velho não tinha sorte de fato. Os franceses tinham-lhe permitido a entrada, mas os alemães, por algum motivo, não o queriam deixar sair. Nesse meio tempo, só lhe restava o dinheiro apenas suficiente para fazer a viagem e se aquela confusão continuasse por mais uma semana, ele teria de gastar o dinheiro na sua subsistência e não poderia ir para Paris. Enquanto tomava a sopa, descreveu com um grave bom-humor sem alegria como tinha sido mandado de uma repartição para outra, como não conseguira explicar o que queria e como finalmente um funcionário cansado e exasperado o pusera para fora.

Ganin levantou os olhos e disse:

- Permita-me que o acompanhe amanhã, Anton Sergeyevich. Disponho de tempo e posso ajudá-lo a falar com eles.

O seu alemão era, na verdade, bom.

- Oh, muito obrigado, - replicou Podtyagin, que notou de novo, como no dia anterior, a expressão excepcionalmente radiosa de Ganin. - É uma coisa de fazer chorar, sabe? Passei duas horas numa fila e saí com as mãos abanando. Fico-lhe muito grato, Lyovushka.

- Minha mulher deve também estar tendo os seus problemas, - disse Alfyorov.

Aconteceu alguma coisa então a Ganin que nunca lhe havia acontecido. Sentiu um rubor intolerável encher-lhe o rosto e fazer-lhe latejar a testa, como se ele tivesse bebido vinagre demais. Quando fora almoçar, não lhe havia ocorrido que aquelas pessoas, fantasmas da sua vida de sonho no exílio, fossem falar sobre a sua verdadeira vida, sobre Mary.

- Mas ela é muito eficiente, - dizia Alfyorov.

- Sabe tratar das coisas e cuida de si mesma, minha pequena mulher.

Kolin e Gornotsvetov olharam um para o outro e trocaram risinhos. Lenta e silenciosamente, Ganin fez uma bola com miolo de pão. Teve ímpetos de levantar-se e sair, mas dominou-se. Levantando a cabeça, olhou diretamente para Alfyorov e, tendo olhado, ficou admirado de que Mary pudesse ter-se casado com aquele homem de barba rala e de nariz gordo e lustroso. E a idéia de que estava sentado ao lado do homem que tinha acariciado Mary, que lhe conhecia os lábios, as pilhérias, o riso e os movimentos e que estava à espera dela - essa idéia era terrível, mas ele também sentia um certo orgulho emocionante em lembrar que tinha sido a ele e não a seu marido que Mary cedera primeiro sua profunda e única fragrância. Depois do almoço, saiu para dar um passeio e depois subiu para o primeiro andar de um ônibus. Lá embaixo, as ruas desfilavam, os pequenos vultos negros corriam pelo asfalto cheio de sol, os ônibus passavam ruidosamente e Ganin sentiu que aquela cidade estranha que passava diante dele não era mais do que uma fita de cinema. Quando voltou para casa, viu Podtyagin que batia na porta de Klara e Podtyagin lhe pareceu também um fantasma, uma coisa extrínseca e sem importância.

- Nosso amigo está amando alguém de novo,

- disse Anton Sergeyeovich virando a cabeça para a porta enquanto tomava chá com Klara. - É a você?

Klara virou-se para o lado; seu amplo busto subiu e desceu. Não podia acreditar que fosse verdade. Estava apavorada com o Ganin que assaltava as gavetas alheias, mas, ainda assim, a pergunta de Podtyagin lhe agradou.

- É de você que ele está gostando, Klarochka?

- tornou o velho a perguntar, soprando o chá e olhando-a por cima do pincenez.

- Ele rompeu com Lyudmila ontem, - disse Klara de repente, achando que podia revelar o segredo a Podtyagin.

- Eu sabia, - disse o velho, todo satisfeito. Não podia estar tão radiante à toa. Acabou com o velho amor, começou com o novo. Ouviu o que ele me sugeriu hoje? Vai-me acompanhar à polícia amanhã.

- Vou-me encontrar com Lyudmila hoje à noite, - disse Klara, pensativamente. - Pobrezinha! Pareceu-me arrasada quando falou comigo pelo telefone.

Podtyagin deu um suspiro.

- Ah, mocidade. A moça vai superar isso. Tudo vai acabar bem. Quanto a mim, Klarochka, não vou tardar a morrer.

- Pelo amor de Deus, Anton Sergejevich! Não diga tolices!

- Não, não é tolice. Tive outro ataque na noite passada. Num instante, o coração estava em minha boca e, no instante seguinte, tinha caído embaixo da cama.

- Pobre homem, - disse Klara ansiosamente.

- Precisa ir ao médico.

Podtyagin sorriu.

- Eu estava brincando. Ao contrário, nunca me senti melhor do que ultimamente. E não houve ataque nenhum. Inventei tudo agora mesmo só pra ver seus grandes olhos se abrirem ainda mais. Se estivéssemos na Rússia, um médico do interior ou um arquiteto próspero estaria fazendo a corte a você. Diga-me uma coisa - ama a Rússia?

- Muito.

- Está certo. Devemos amar a Rússia. Sem o amor dos emigrados, a Rússia está acabada. Nenhum dos que lá estão agora ama a Rússia.

- Já tenho vinte e seis anos, - disse Klara. Bato máquina a manhã toda e cinco vezes por semana trabalho até às seis horas. Estou muito cansada. Vivo muito sozinha em Berlim. Que é que acha, Anton Sergejevich? Isso ainda vai durar muito tempo?

- Não sei, minha cara, - disse Podtyagin com um suspiro. - Eu lhe diria se soubesse, mas não sei. Trabalhei também. Fundei uma revista aqui. E agora não tenho nada para mostrar. Só espero é que Deus me ajude a ir para Paris. A vida lá é mais livre e mais fácil. Que é que você acha? Chegarei lá?

- Claro que sim, Anton Sergejevich. Tudo se resolverá amanhã.

- A vida é mais livre ... e sem dúvida mais barata, - disse Podtyagin, tirando com a colher um torrão não dissolvido de açúcar e pensando que havia alguma coisa de russo naquele pequeno torrão poroso, alguma coisa parecida com a neve que se derrete na primavera.

Capítulo 8

No sentido da rotina, o dia de Ganin se tornou mais vazio depois do seu rompimento com Lyudimila, mas, por outro lado, não se sentia aborrecido de nada ter para fazer. Estava tão absorvido com suas recordações que não tinha consciência do tempo. A sua sombra se hospedava na pensão de Frau Dorn, enquanto ele mesmo estava na Rússia, vivendo de novo as suas recordações como se fossem a realidade. O tempo para ele tinha-se tornado o progresso da recordação, que se desenvolvia gradativamente. E embora o seu caso com Mary naqueles dias passados tivesse durado não apenas três dias, não apenas uma semana mas muito mais tempo, não sentia qualquer discrepância entre o tempo real e aquele outro tempo em que vivia de novo o passado, desde que sua memória não levava em conta todos os momentos e passava por alto momentos que não eram memoráveis, só iluminando aqueles que se relacionavam com Mary. Desse modo, não havia discrepância entre o curso da vida passada e a vida presente.

Parecia que o passado, na forma perfeita que havia atingido, seguia agora um molde regular durante a sua vida quotidiana em Berlim. Fosse o que fosse que Ganin fizesse no presente, aquela outra vida lhe dava incessante conforto. Não era simplesmente reminiscência mas uma vida muito real, muito mais intensa do que a vida levada por sua sombra em Berlim. Era um romance maravilhoso que desenvolvia com cuidado genuíno e terno.

Na segunda semana de agosto no Norte da Rússia, há sempre um toque de outono no ar. De vez em quando, uma folhazinha amarela cai de uma bétula. Os vastos campos, já ceifados, têm um luminoso vazio outonal. Ao lado da orla da floresta, onde uma quantidade de relva alta poupada pelos segadores de feno mostra o seu lustre ao vento, abelhas apáticas dormem em almofadas lilases de flores escabiosas. E uma tarde, num pavilhão do parque.

Sim, o pavilhão. Leyanta-se sobre velhas estacas, acima de uma ravina, sendo alcançado dos dois lados por pontes inclinadas e escorregadias em virtude de amentilhos de amieiro e agulhas de pinheiro.

Nos pequenos caixilhos das janelas em forma de losango, havia vidraças de cores diferentes. Se se olhava por uma vidraça azul, o mundo parecia

congelado num transe lunar; por uma amarela, tudo parecia extraordinariamente alegre; por uma vermelha, o céu parecia côr-de-rosa e a folhagem era escura como borgonha. Algumas das vidraças estavam quebradas e as bordas pontiagudas eram unidas por uma teia de aranha. O pavilhão era caiado por dentro. Os veranistas que das suas dachas entravam ilegalmente no parque da propriedade tinham escrito coisas a lápis nas paredes e na mesa de armar.

Um dia, Mary e duas de suas amigas menos bonitas foram dar ali também. Ele primeiro as alcançou num caminho que seguia ao lado do rio e chegou tão perto com a bicicleta que as duas amigas pularam para o lado com um grito. Ele deu uma volta pelo parque, cortou caminho pelo meio e de longe, através das folhas, viu-as entrar no pavilhão.

Encostou a bicicleta numa árvore e seguiu-as.

- Isto é propriedade particular, - disse ele com voz baixa e rouca. - Há no portão um aviso que diz justamente isso.

Ela nada disse em resposta, olhando para ele com seus olhos maliciosos e oblíquos. Olhando para um dos escritos a lápis, ele perguntou:

Vocês é que escreveram isso?

Dizia: "No dia 3 de julho, Mary, Lida e Nina passaram uma tempestade neste pavilhão".

As três moças começaram a rir e ele riu também. Sentou-se na mesa da janela, balançando as pernas e notou, aborrecido, que uma de suas meias pretas se rasgara no tornozelo. De repente, apontando para o buraco róseo na seda, Mary disse:

- Vejam! O sol nasceu!

Conversaram sobre tempestades, sobre as pessoas que moravam nas dachas, sobre o fato de ter ele tido tifo, sobre o esquisito estudante do hospital militar e sobre o concerto.

Ela tinha adoráveis sobranceiras móveis e uma pele morena com uma cobertura de muito fina e lustrosa penugem que lhe dava um colorido especialmente quente às faces.

As narinas afiavam enquanto ela falava emitindo risos breves e com um talo de grama na boca. A voz era rápida e gutural, com súbitos tons torácicos e uma covinha lhe tremia no pescoço aberto.

À tardinha, ele a escoltou com suas amigas até à aldeia e, quando atravessavam um caminho verde da floresta cheio de mato, no lugar onde havia um banco de pé quebrado, ele disse com a cara muito séria:

- É na Itália que crescem os macarrões. Quando ainda estão pequenos, têm o nome de vermicelli, o que quer dizer em italiano vermes de Miguel.

Combinou levá-las para passear de barca no dia seguinte. Mas ela apareceu sem as companheiras. Na velha ponte de embarque, ele desenrolou a corrente do barco, uma grande e pesada peça de mogno, tirou a lona, aparafusou as forquetas, tirou os remos de uma caixa comprida e colocou o leme nos seus encaixes de aço.

A alguma distância, ouvia-se o barulho constante dos portões da comporta no moinho de água. Podia avistar-se o lençol espumante da água que caía e o brilho avermelhado dos troncos de pinheiro que flutuavam perto. Mary sentou-se ao leme. Ele afastou o barco com um gancho e começou lentamente a remar perto da margem do parque onde densos bosques de amieiros lançavam reflexos na água, manchas negras em forma de olho e muitas libélulas azul-escuras esvoaçavam. Ele virou então para o meio do rio, passando por entre as ilhotas de brocado de algas, enquanto Mary, tendo numa das mãos as duas pontas da corda do leme, balançava a outra na água, tentando arrancar as brilhantes cabeças amarelas dos nenúfares. As forquetas rangiam a cada remada e, enquanto ele se inclinava para trás e curvava para a frente ao ritmo das remadas, Mary, de frente para ele na popa, afastava-se e aproximava-se alternadamente no seu casaco azul-marinho, aberto sobre uma blusa leve que respirava com ela. O rio passou a refletir a terracota da margem esquerda, onde cresciam no alto pinheiros e racemosas. Nomes e datas tinham sido abertos na rampa vermelha e, em certo lugar, alguém esculpira dez anos antes uma grande cara com malares salientes. A margem direita tinha uma inclinação suave, com trechos roxos de urze entre bétulas mosqueadas. Em seguida, uma fresca escuridão envolveu o barco sob uma ponte. Em cima, havia o pesado bater de cascos e de rodas e, quando o barco deslizou, o sol ofuscante resplandeceu nas pontas dos remos e mostrou o carro de feno que atravessava a ponte baixa e uma encosta verde encimada pelas colunas brancas de uma casa de campo alexandrina fechada. Então, um bosque cerrado desceu até à beira da água dos dois lados e com um macio sussurro o barco entrou pelo canal.

Ninguém em casa sabia disso e a vida continuava no seu caro e conhecido jeito do verão sem quase ser afetada pela remota guerra que já se travava havia um ano inteiro.

Ligada a uma ala por uma galeria, a velha casa de madeira cinza-esverdeada com janelas de vidro colorido nas suas duas varandas olhava para a franja do parque e para o traçado laranja e em forma de pretzels - dos caminhos do jardim que emolduravam a terra negra e luxuriante dos canteiros. Na sala com os seus móveis brancos, os tomos marmóreos de velhas revistas encadernadas pousavam no pano de mesa bordado de rosas, o assoalho amarelo se derramava de um espelho inclinado numa moldura oval e os daguerreótipos nas paredes pareciam escutar sempre que o piano vertical branco ressoava de volta à vida. À noite, o alto mordomo de casaco azul e luvas de algodão levava um abajur de seda para a varanda e Ganin entrava em casa para tomar chá e coalhada naquela varanda iluminada, com a esteira de palhinha no chão e os loureiros pretos ao lado dos degraus de pedra que desciam para o jardim.

Passara a ver Mary todos os dias no outro lado do rio, onde a mansão branca abandonada ficava no alto de um morro verde e onde havia outro parque, maior e mais cerrado do que o que cercava a casa ancestral. Diante daquela outra mansão, sob as tílias, num amplo terraço acima do rio, havia alguns bancos e uma mesa de ferro redonda com um buraco no centro para escoamento da água de chuva. Podia ver-se dali muito embaixo uma segunda ponte que atravessava uma curva do rio coberta de espuma verde e a estrada que levava a Voskresensk. Esse terraço era o lugar predileto dos dois.

Uma vez, quando se encontraram ali numa tarde de sol depois de um aguaceiro, perceberam uma frase imunda garatujada na mesa de jardim. Algum patife da aldeia juntara os nomes dos dois com um verbo curto e grosseiro, além do mais escrito erradamente. A inscrição tinha sido feita em lápis-tinta e estava um pouco manchada pela chuva. Gravetos, folhas e os dejetos vermiculares e brancos dos passarinhos tinham também aderido à mesa.

E, desde que a mesa era deles e era sagrada, tendo sido santificada pelos seus encontros, começaram calmamente e em silêncio a apagar as palavras úmidas com tufos de grama. E, quando tudo se havia transformado numa ridícula mancha roxa, os dedos de Mary davam a impressão de que tinha colhido uvas do monte. Ganin, virando-se de costas e olhando fixamente e com os olhos apertados para alguma coisa verde-amarela, quente e ondulante que em tempos normais era folhagem de tília, anunciou a Mary que a amava desde muito tempo.

Naqueles primeiros dias de amor, beijaram-se tanto que os lábios de Mary ficaram inflamados e a nuca, tão quente sob a fita dos cabelos, mostrava ternos sinais de dentes de vampiro. Ela era uma moça espantosamente alegre, que ria não tanto de zombaria quanto de puro humor. Gostava de ditos rimados, frases de espírito, trocadilhos e poemas.

Uma canção ficava dois ou três dias na cabeça dela até ser esquecida e ceder o lugar a outra. Nos seus primeiros encontros, por exemplo, vivia repetindo emocionadamente com sua voz gutural:

"Amarraram os braços e as pernas de Vanya. E muito tempo foi ele mortificado na prisão".

Dizia depois com seu riso rouco e musical: "Bela canção!" Por essa época, as últimas framboesas, doces e molhadas de chuva, estavam amadurecendo nas valas. Gostava extremamente de framboesas e, na verdade, estava mais ou menos permanentemente chupando alguma coisa - um talo, uma folha, uma bala de frutas. Levava soltos no bolso caramelos de Landrin, misturados em bolo com pedaços de detritos e de lã que aderiam aos mesmos. Usava um perfume barato e adocicado chamado "Tagore". Ganin tentava agora lembrar esse perfume, misturado com os aromas frescos do parque outonal, mas, como sabemos, a memória pode reconstituir tudo na vida menos os cheiros, embora nada reviva mais o passado do que um cheiro que outrora se lhe associou. Por um momento, Ganin parou de recordar-se e ficou sem saber como conseguira viver tantos anos sem pensar em Mary-e, em seguida, voltou a ela. Viu-a correr por um caminho escuro e sussurrante, com sua fita preta parecendo em vôo uma grande borboleta Venessa. De repente, Mary parou, agarrou-o pelo ombro, levantou o pé e começou a esfregar o sapato empoeirado na meia da outra perna, mais alto, sob a bainha de sua saia azul. Ganin adormeceu vestido por cima da colcha da cama; as suas reminiscências se embaralharam e transformaram-se num sonho. O sonho era estranho e muito caro e ele se teria lembrado dele se não tivesse sido acordado ao amanhecer por um barulho estranho que lhe pareceu um trovão. Sentou-se na cama e escutou. O trovão se transformou em gemidos e movimento do lado de fora da porta; alguém a estava arranhando. Brilhando fracamente na fraca luz da madrugada, a maçaneta da porta se moveu de repente para cima e para baixo, mas a porta continuou fechada embora estivesse sem o trinco. Na antecipação alvoroçada de uma aventura, Ganin saiu da cama e, fechando o

punho esquerdo na previsão de que isso fosse necessário, abriu a porta com a mão direita.

Num movimento impetuoso, como um grande boneco frouxo, um homem lhe caiu desamparado sobre o ombro. Foi uma coisa tão inesperada que Ganin quase bateu nele, mas compreendeu imediatamente que o homem só caíra em cima dele porque não se podia ter em pé. Empurrou-o para o lado de encontro à parede e bateu à procura do interruptor.

Diante dele, com a cabeça apoiada na parede e procurando arquejantemente respirar com a boca aberta, estava o velho Podtyagin, descalço e metido numa longa camisa de dormir aberta em seu peito grisalho. Os olhos, que pareciam cegos sem o pincenez, não pestanejavam, o rosto estava da cor do barro seco e a grande saliência da barriga arfava sob o algodão esticado da camisa de dormir.

Ganin compreendeu imediatamente que o velho tinha sofrido outro ataque cardíaco. Sustentou-o e Podtyagin, movendo com dificuldade as pernas brancas, arrastou-se até uma cadeira, deixou-se cair nela e jogou a cabeça para trás enquanto o seu rosto cinzento se mostrava banhado de suor.

Ganin molhou uma toalha na água do jarro e aplicou-a dobrada como uma compressa no peito nu do velho. Tinha a impressão de que a qualquer momento todos os ossos naquele grande corpo tenso podiam desagregar-se com um violento estalo. Podtyagin respirou fundo e expeliu o ar sibilantemente. Não foi apenas uma respiração, mas um imenso prazer que lhe reanimou imediatamente as feições. com um sorriso tranqüilizador, Ganin continuou a comprimir a toalha molhada contra o corpo dele e a friccionar-lhe o peito e os lados.

- M-melhor, - murmurou o velho.

- Descanse, - disse Ganin. - Vai ficar bom num momento.

Podtyagin respirou e gemeu, torcendo os grandes dedos encolhidos dos pés. Ganin envolveu-o num cobertor, deu-lhe um pouco de água para beber e abriu mais a janela.

- Não podia ... respirar, - murmurou Podtyagin com dificuldade. - Estava tão fraco... que não pude ... entrar em seu quarto ... Não queria ... morrer sozinho.

- Não fale, Anton Sergeyeovich. Descanse. O dia não tarda a nascer. Chamaremos então um médico.

Podtyagin enxugou lentamente a testa com a mão e começou a respirar com mais regularidade.

- Já passou, - murmurou ele. - Passou por enquanto. Eu não tinha mais as minhas pílulas. Por isso é que foi tão forte.

- Vamos comprar as pílulas. Quer deitar-se em minha cama?

- Não. vou descansar mais um pouco sentado aqui e depois voltarei para meu quarto. Já passou. E amanhã de manhã...

- Vamos deixar isso para sexta-feira, - disse Ganin. - Seu passaporte não vai fugir.

Podtyagin passou a língua grossa pelos lábios ressecados.

- Há muito tempo que me esperam em Paris, Lyovushka. E minha sobrinha não tem mais dinheiro para me mandar para a viagem. Oh, meu Deus!

Ganin sentou-se no peitoril da janela (lembrou-se imediatamente de onde se tinha sentado assim não fazia muito tempo - o interior de vidraças coloridas do pavilhão, a mesa branca de fechar, o buraco em sua meia).

- Apague a luz, por favor, meu caro amigo, - disse Podtyagin. - Faz-me doer os olhos.

Tudo parecia estranho na semi-escuridão: o barulho dos primeiros trens, o grande fantasma cinzento na poltrona, o brilho da água derramada no chão. E tudo isso era muito mais misterioso e vago do que a imortal realidade em que Ganin estava vivendo.

Capítulo 9

Estava amanhecendo e Kolin fazia chá para Gornotsvetov. Naquele dia, quinta-feira, Gornotsvetov tinha de sair da cidade bem cedo para ir falar com uma bailarina que estava contratando uma troupe. Por isso, todo o mundo ainda dormia na casa quando Kolin andava pela cozinha à procura de água quente, usando um pequeno quimono notavelmente sujo e botinas velhas nos pés sem meias. O seu rosto redondo, pouco inteligente e muito russo com o nariz pequeno e os lânguidos olhos azuis (ele se via como o "meio Pierrot e meio Gavroche" de Verlaine), estava gordo e luzidio, os cabelos loiros despenteados lhe caíam sobre a testa e os cordões desamarrados das botinas se arrastavam pelo chão com um barulho de chuva fina. Fazendo beicinho como uma mulher, lidou com a chaleira e então começou a cantarolar baixinho e intensamente.

Gornotsvetov estava acabando de vestir-se. Dava o laço na gravata borboleta de bolinhas e estava irritado com o fato de ter cortado uma espinha enquanto fazia a barba e um pouco de pus e sangue escorria através de uma densa camada de pó. Tinha feições morenas e muito regulares e as pestanas longas e curvas davam-lhe aos olhos castanhos uma expressão clara e inocente. Os cabelos eram curtos e pretos, ligeiramente frisados. Raspava a nuca ao jeito de um cocheiro russo e usava costeletas que se curvavam depois das orelhas em duas faixas negras. Como seu companheiro, era baixo e muito magro, com os músculos das pernas muito desenvolvidos, mas estreito de peito e de quadris.

A amizade dos dois era relativamente recente. Tinham dançado juntos num cabaré russo em algum ponto dos Bálcãs e tinham chegado a Berlim dois meses antes em busca de uma oportunidade no teatro. Um toque particular, uma estranha afeição de maneiras os distinguiu dos outros hóspedes, mas com toda a honestidade ninguém poderia censurar aquela dupla inofensiva pelo fato de viver tão feliz quanto um casal de pombinhos.

Kolin, ficando sozinho no quarto desarrumado depois da saída do amigo, abriu um estojo de manicura e, cantando baixinho, começou a fazer as unhas. Embora não se distinguisse pela higiene, mantinha as unhas em excelente estado. O quarto cheirava a perfume de Origan e suor. Uma bola de cabelos flutuava na água da bacia do lavatório. Dançarinos de balé se exibiam em fotografias pelas paredes e em cima da mesa estavam jogados um grande leque aberto e um colarinho engomado sujo.

Depois de admirar o esmalte de coral das unhas, Kolin lavou cuidadosamente as mãos, passou no rosto e no pescoço uma água de toalete de cheiro enjoativamente adocicado e tirou o robe. Nu, fez alguns passos de ponta, executou um pequeno entrechat, vestiu-se rapidamente, empoeou o nariz e maquiou os olhos. Depois, fechando todos os botões do seu sobretudo cinza, saiu para um passeio, levantando e descendo regularmente a ponta da bengala de fantasia.

Quando voltou para casa na hora do almoço, encontrou-se na porta com Ganin que tinha ido comprar remédios para Podtyagin. O velho estava-se sentindo melhor; tinha escrito um pouco e dera alguns passos pelo seu quarto, mas Klara, de acordo com Ganin, tinha decidido não deixá-lo sair da casa naquele dia.

Aproximando-se furtivamente pelas costas, Kolin agarrou o braço de Ganin acima do cotovelo. Ganin virou-se.

- Ah, Kolin. Deu um bom passeio?

- Alec saiu, - disse Kolin enquanto subia as escadas ao lado de Ganin. - Estou terrivelmente preocupado. Espero que ele consiga o contrato.

- É claro, é claro, - disse Ganin, que nunca sabia como havia de conversar com ele.

Kolin riu.

- Alfyorov ficou outra vez preso no elevador. Não está funcionando.

Correu a ponteira da bengala pelos balaústres da escada e perguntou com um sorriso tímido:

- Posso ficar um pouco em seu quarto? Estou tão enervado hoje!

"Não imagine que pode jogar-se para mim só porque está enervado", replicou mentalmente Ganin, abrindo a porta da pensão, mas em voz alta disse:

- Infelizmente, estou muito ocupado neste momento. Fica para outra vez.

- É uma pena, - disse Kolin, com voz cantante e, seguindo Ganin e puxando a porta depois que ele passou. Mas a porta não se fechou, pois uma grande mão a segurou atrás e uma profunda voz de baixo berlinense disse:

- Um momento, cavalheiros.

Ganin e Kolin voltaram-se para olhar. Era um enorme e bigodudo carteiro.

- Herr Alfyorov mora aqui?

- Quinta porta à esquerda, - disse Ganin.

- Muito obrigado! - exclamou o carteiro, indo bater na porta que lhe fora indicada.

Era um telegrama.

- Que é? Que é? - balbuciava nervosamente Alfyorov, rodando o telegrama nos dedos. Estava tão agitado que a princípio não conseguiu ler a tira colada de letras desbotadas e desiguais: "Chegarei sábado oito horas". De repente, Alfyorov compreendeu, deu um suspiro e fez o Sinal da Cruz.

- Graças a Deus! Ela vem aí.

Sorrindo largamente e dando palmadas nas coxas ossudas, sentou-se na cama e começou a balançar o corpo para a frente e para trás. Os olhos lacrimosos piscavam rapidamente e um raio oblíquo de sol lhe dourava a barbicha suja.

- Sehr gut, - murmurou ele. - Depois de amanhã! Sehr gut! Em que estado estão meus sapatos! Mary vai ficar espantada. Mas, de qualquer

maneira, nos arranjaremos. Alugaremos um apartamento pequeno e barato. Ela é que vai decidir. Mas, por enquanto, viveremos algum tempo aqui. Graças a Deus há uma porta de comunicação entre os dois quartos.

Pouco depois, saiu para o corredor e bateu na porta de seu vizinho.

Ganin pensou: "Por que não me podem deixar em paz hoje?"

Entrando diretamente no assunto, Alfyorov correu os olhos pelo quarto e perguntou:

- Escute, quando é que está pretendendo desocupar o quarto, Gleb Lvovich?

Ganin olhou-o com irritação.

- Meu primeiro nome é Lev. Procure não se esquecer disso.

- Mas vai partir no sábado, não vai? - perguntou Alfyorov, ao mesmo tempo que pensava: "A cama terá de ir para outro lugar. E o armário tem de ser afastado para deixar livre a porta de comunicação".

- Vou, sim, - disse Ganin e de novo, como na hora do almoço no dia anterior, sentiu-se embaraçado.

- Ótimo, - murmurou Alfyorov, muito satisfeito. - Desculpe o incômodo, Gleb Lvovich.

E, com uma vista de olhos final pelo quarto, saiu ruidosamente.

- Idiota, - murmurou Ganin. - Que vá para o inferno! Em que era que eu estava pensando com tanta satisfação agora mesmo? Ah, sim, a noite, a chuva, as colunas brancas.

- Lydia Nikolaevna! Lydia Nikolaevna! - gritou de repente Alfyorov no corredor.

"Não vou conseguir livrar-me dele!" pensou Ganin iradamente. "Não vou almoçar aqui hoje. Chega!"

O asfalto da rua emitia uma coloração violácea e o sol se misturava com as rodas dos carros. Perto da cervejaria, havia uma garagem e da sua entrada escura vinha um cheiro leve de carbureto. E foi esse cheiro fortuito que ajudou Ganin a lembrar mais vivamente o chuvoso fim de agosto e princípio de setembro na Rússia, a torrente de felicidade que os aspectos de sua vida em Berlim vinham interrompendo. Saindo diretamente da casa de campo iluminada, mergulhava na negra e borbulhante escuridão e acendia a débil chama da lanterna de sua bicicleta. Agora, sentindo aquele cheiro de carbureto, tudo lhe vinha em tropel: os matos molhados que lhe fustigavam as pernas e as rodas da bicicleta; o disco de luz leitosa que absorvia e dissolvia a escuridão; os diversos objetos que emergiam da luz - ora, uma

poça de água enrugada, ora uma pedra rebrilhante, depois as tábuas da ponte atapetadas de dejetos de cavalo e, finalmente, o torniquête da passagem que ele empurrava, com a sebe de ervilhaca ensopada de chuva cedendo à passagem de seu ombro.

Por fim, através das correntes da noite, tornava-se visível a lenta rotação das colunas, banhadas pela mesma faixa de luz esbranquiçada da lanterna da bicicleta; e ali, no pórtico de seis colunas da mansão fechada de um estranho, Ganin era recebido por uma nuvem de fresca fragrância, uma mistura de perfume e sarja molhada - e aquele beijo de chuva outonal era tão longo e tão profundo que, depois, grandes manchas luminosas boiavam diante dos olhos e o barulho da chuva de galhos largos e muitas folhas parecia ganhar nova força. com dedos molhados de chuva, ele abria a portinhola da pequena lanterna e apagava a luz com um sopro. Da escuridão, a pressão úmida e pesada do vento atingia os namorados. Mary, sentada na dilapidada balaustrada, acariciava-lhe as têmporas com a palma fria da pequena mão e ele divisava na escuridão o vago contorno da fita ensopada dos cabelos e o esplendor sorridente dos olhos dela.

Na revolteante escuridão, o forte e amplo aguaceiro irrompia através das tílias diante do pórtico e arrancava gemidos dos troncos cingidos de anéis de ferro para reforçar-lhes o vigor declinante. Em meio ao tumulto da noite outonal, ele lhe desabotoava a blusa e beijava a quente clavícula.

Ela ficava em silêncio e só os olhos lhe brilhavam fracamente e a pele de seu seio nu se tornava pouco a pouco fria ao contato dos lábios dele e do vento úmido da noite.

Falavam pouco. Estava muito escuro para falar. Quando afinal ele riscou um fósforo para ver a hora no relógio, Mary piscou os olhos e afastou da face uma mecha molhada de cabelos. Ele passou o braço por ela enquanto empurrava a bicicleta com a mão colocada no selim e, assim, se foram lentamente caminhando dentro da noite, então reduzida a uma garoa. Primeiro, foi a descida pelo caminho até à ponte e, depois, a despedida ali, prolongada e tristonha, como que em face de uma longa separação.

E na noite negra e tempestuosa, quando na véspera da volta dele para São Petersburgo para o início do ano letivo, encontraram-se pela última vez no pórtico de colunas, sucedeu uma coisa temível e inesperada, prenuncio talvez de todas as profanações que se seguiram. Naquela noite, a chuva era particularmente ruidosa e o amor deles, especialmente terno. De repente, Mary deu um grito e pulou da balaustrada. À luz de um fósforo, Ganin viu

que a persiana de uma das janelas que davam para o pórtico estava aberta e que um rosto humano, com o nariz branco achatado, estava comprimido pelo lado de dentro da vidraça escura. O rosto se moveu e afastou-se, mas ambos tinham tido tempo de reconhecer os cabelos cor de cenoura e a boca aberta do filho do vigia, um desbocado devasso de cerca de vinte anos que se atravessava sempre nos caminhos deles nas avenidas do parque.

Num salto furioso, Ganin atirou-se contra a janela, quebrou a vidraça com as costas e foi cair na fria escuridão. com esse ímpeto, bateu com a cabeça num peito forte, que arquejou com a pancada. Logo depois, rolaram engalfinhados pelo assoalho ressoante, chocando-se com móveis mortos cobertos de capas. Desprendendo a mão direita, Ganin começou a bater com o punho de rocha no rosto molhado que encontrou de súbito abaixo dele. Não se levantou senão quando o poderoso corpo, que ele havia imobilizado no chão, afrouxou de repente e começou a gemer. Respirando forte, batendo em cantos macios no escuro, Ganin chegou à janela e saltou de novo para o pórtico onde encontrou a soluante e aterrada Mary. Notou então que havia alguma coisa quente e com gosto de ferro a pingar-lhe da boca e que as mãos estavam cortadas pelos cacos de vidro.

Na manhã seguinte, partiu para São Petersburgo e, a caminho da estação, na carruagem fechada que rolava com um barulho suave e abafado, viu pela janela Mary, que passeava na beira da estrada com as amigas. A parede da carruagem, revestida de couro preto escondeu-a imediatamente e desde que ele não estava sozinho no "coup", não teve coragem de olhar pela janelinha oval da retaguarda.

Naquele dia de setembro, o destino lhe deu um gosto antecipado de sua futura separação de Mary, de sua separação da Rússia.

Era uma provação experimental, uma misteriosa previsão. Havia uma tristeza peculiar nas sorveirs, avermelhadas de frutos e que se afastavam uma após outra pelo céu nublado. Parecia incrível que na primavera seguinte fosse rever aqueles campos, aquele rochedo solitário, aqueles pensativos postes telegráficos. Em casa, em São Petersburgo, tudo parecia limpo, brilhante e positivo, como sempre acontece quando se volta do campo. A escola recomeçou. Ele estava no penúltimo ano e se descuidou dos estudos. As primeiras neves caíram e as balaustradas de ferro, os lombos dos cavalos apáticos e as barcaças de lenha se cobriam de uma fina camada de penugem branca.

Mary só foi para São Petersburgo em novembro. Encontraram-se sob o mesmo arco onde Liza morre em *A Dama de Espadas*, de Tchaikovsky. Flocos de neve macios e enormes desciam verticalmente no ar cinzento de vidro fosco. Naquele primeiro encontro dos dois em São Petersburgo, Mary parecia sutilmente diferente, talvez porque estivesse usando um chapéu e um casaco de peles. Começou nesse dia a nova era cercada pela neve do amor deles.

Os encontros eram difíceis, os longos passeios dentro do frio eram angustiosos e a procura de um lugar quente onde pudessem ficar sozinhos nos museus e nos cinemas era mais angustiosa ainda. Não era de admirar que nas cartas lancinantemente ter nas que se escreviam nos dias em que não se encontravam (ele morava no Cais Inglês e ela, na Rua Caravan), ambos relembassem os caminhos do parque, o cheiro das folhas mortas, como uma coisa inimaginavelmente cara e perdida para sempre. Talvez só fizessem isso para estimular o seu amor com recordações agrídoces, mas talvez compreendessem realmente que sua verdadeira felicidade estava finda. Telefonavam-se à noite para saber se uma carta fora recebida e para marcar o lugar e a maneira de seus encontros. O divertido grassement (fala carregada nos erres) dela era ainda mais simpático pelo telefone. Ela recitava breves poemas trancados, ria com gosto e encostava o fone ao seio e ele imaginava que podia ouvir seu coração bater.

Falavam assim durante horas.

Naquele inverno, ela usou um casaco de peles cinza que fazia parecer ligeiramente mais gorda e polainas de camurça sobre os finos sapatos de casa. Ganin nunca a viu queixar-se de um resfriado ou sentir frio sequer. O frio intenso e as nevadas violentas apenas a vivificavam e numa tempestade de neve, em algum canto escuro, ele lhe descobria os ombros. Os flocos de neve lhe faziam cócegas, ela sorria através dos cílios molhados, apertava-lhe a cabeça de encontro a ela e uma nevada em miniatura rolava do gorro de astracã de Ganin para o seu seio nu.

Esses encontros sob o vento e o frio torturavam-no mais do que a ela. Sentia que o amor deles se esgarçava e minguava em consequência desses encontros incompletos. Todo o amor pede intimidade, abrigo, refúgio e eles não tinham esse refúgio. As famílias não se conheciam. O segredo, que a princípio fora tão maravilhoso, começava a embaraçá-los. Ganin principiou a achar que tudo estaria bem se ela fosse sua amante, ainda que em quartos alugados e essa idéia de algum modo lhe persistiu no espírito

independentemente de seus sentimentos de desejo, que já se estavam enfraquecendo ante o tormento de seus insatisfatórios contatos.

Vaguearam assim durante todo o inverno, recordando o campo, sonhando com o verão seguinte, de vez em quando brigando em acessos de ciúme, apertando-se as mãos sob as mantas peludas mas exíguas dos trenós de aluguel. Por fim, no começo do ano, Mary foi levada para Moscou.

De maneira bem estranha, essa separação fora um alívio para Ganin.

Sabia que no verão ela pretendia voltar para um chalé nas terras que os pais tinham na província de São Petersburgo. A princípio, pensou muito nisso, imaginou novo verão, novos encontros, escreveu-lhe as mesmas cartas pungentes; depois, começou a escrever com menos freqüência e quando a família dele foi para a sua propriedade no campo em meados de maio, cessou de escrever por completo. Enquanto isso, tivera tempo de iniciar e encerrar uma ligação com uma loura elegante e encantadora cujo marido estava lutando na Galícia.

Mary reapareceu então.

A voz dela vibrou fracamente de grande distância, um barulho ressoava no telefone como numa concha, interrompida às vezes por uma voz ainda mais distante ou por uma linha cruzada, em conversações com outra pessoa na quarta dimensão - o telefone na casa de campo deles era do tipo antigo com uma manivela - e entre Mary e ele se estendia cinqüenta quilômetros de ressoante escuridão.

- Irei até aí ver você, - gritou Ganin pelo telefone. - Estou dizendo que irei até aí. Na minha bicicleta. Levarei umas duas horas.

- ... não quis ir mais para Voskresensk. Está ouvindo? Papai não quis mais alugar uma dacha em Voskresensk. De onde você está até aqui são cinqüenta ...

- Não se esqueça de trazer as botas, - disse uma voz baixa e despreocupada.

Mary foi então ouvida de novo através do zumbido, em miniatura, como se estivesse falando pelo lado errado de um telescópio. E, quando ela desapareceu de todo, Ganin encostou-se à parede e sentiu que as orelhas estavam ardendo.

Partiu por volta das três horas da tarde, com uma camisa de gola aberta, calções de futebol e sapatos de solas de borracha sem meias. com o vento a bater-lhe nas costas, pedalou depressa escolhendo os trechos lisos de estrada

entre as pedras agudas e lembrou-se de como costumava passar por Mary de bicicleta em julho do ano anterior, antes de conhecê-la.

Depois de andar mais ou menos quinze quilômetros, o pneu da roda traseira furou e ele levou muito tempo a consertá-lo, sentado na borda de uma vala. As cotovias cantavam acima dos campos dos dois lados da estrada; um conversível cinza passou numa nuvem de poeira, levando dois militares com óculos que lhes davam o jeito de corujas. Consertado o pneu, encheu-o com a bomba e prosseguiu, sabendo que não havia incluído aquilo nos seus cálculos e estava com uma hora de atraso. Saindo da estrada, atravessou uma floresta, seguindo um caminho que lhe fora ensinado por um mujique que passava. Entrou então por outro caminho, mas errado dessa vez, e continuou por muito tempo até voltar outra vez à estrada certa.

Descansou e comeu alguma coisa numa pequena aldeia e então, quando só lhe faltava treze quilômetros, passou por uma pedra pontuda e o mesmo pneu se esvaziou de novo com um assobio.

Já estava escurecendo quando chegou à pequena localidade onde Mary estava passando o verão. Ela o esperava ao portão do parque público, tal como haviam combinado, mas já havia perdido a esperança de vê-lo chegar pois estava esperando desde as seis horas. Quando ela o viu, tropeçou no seu nervosismo e quase caiu. Usava um diáfano vestido branco que Ganin não conhecia. A fita preta tinha desaparecido e, graças a isso, a adorável cabeça parecia menor. Havia centáureas azuis nos cabelos penteados para cima.

Naquela noite, na escuridão estranha que se adensava furtivamente, em cima de uma laje de pedra enterrada no musgo, sob as tílias do vasto parque público, Ganin, no decurso de um breve encontro, passou a amá-la mais pungentemente do que nunca e deixou de amá-la, como então lhe pareceu, para sempre.

Conversaram a princípio num embevecido murmúrio

- a respeito do longo tempo que tinham passado sem ver-se, a respeito da semelhança de um vaga-lume que brilhava no musgo a um pequeno semáforo. Os queridos, tão queridos olhos tártaros deslizavam perto do rosto dele e o vestido branco parecia tremeluzir nas trevas - e, meu Deus, aquele cheiro dela, incompreensível, único no mundo!

- Sou sua, - disse ela. - Faça comigo o que quiser.

Em silêncio, com o coração a bater, ele se inclinara sobre ela, correndo as mãos pelas suas pernas macias e frescas. Mas o parque estava cheio de

estranhos ruídos sussurrantes, alguém parecia estar continuamente a aproximar-se por trás das moitas, o frio e a dureza da laje de pedra lhe molestavam os joelhos e Mary estava ali deitada muito submissa o muito parada.

Parou. Deu então um pequeno riso desajeitado.

- Não posso deixar de sentir que vem gente aí,

- disse Ganin e levantou-se.

Mary deu um suspiro, ajeitou o vestido - uma mancha esbranquiçada - e levantou-se também.

De volta ao portão do parque por um caminho mosqueado pelo luar, ela se abaixou para a grama e apanhou um dos vaga-lumes verde-claros que haviam notado. Manteve-o na palma da mão, inclinando-se e examinando-o de perto. Por fim, deu uma gargalhada e disse numa bela imitação de uma rapariga de aldeia:

- Deus me livre, mas é só um bichinho feio e frio!

Foi então que Ganin, cansado, aborrecido consigo mesmo, enregelado na sua camisa fina, chegou à conclusão de que tudo estava acabado e de que ele não estava mais enamorado de Mary. E alguns minutos depois, quando pedalava sob a névoa do luar de volta a casa sobre a superfície pálida da estrada, sabia que nunca mais iria procurá-la.

O verão passou. Mary não escreveu, nem telefonou, enquanto ele se ocupava de outras coisas, outras emoções.

Ganin voltou mais uma vez para São Petersburgo no inverno, fez os exames finais - em dezembro, mais cedo do que de costume - e entrou na Escola de Cadetes Mikhailov.

No verão seguinte, no ano da revolução, encontrou-se de novo com Mary.

Era à tardinha e ele estava na plataforma da Estação Varsóvia. O trem que ia levar veranistas para as suas dachas tinha acabado de encostar. À espera de que o sino tocasse, Ganin caminhava para cima e para baixo pela suja plataforma. Enquanto olhava para um carro de bagagens quebrado, pensava em coisa diferente, no tiroteio que tinha havido na véspera na Perspectiva Nevsky. Ao mesmo tempo, estava aborrecido com o fato de não ter podido falar para a propriedade da família pelo telefone, o que o obrigaria a ir para lá da estação num droshky.

Quando o sino tocou pela terceira vez, encaminhou-se para o único vagão azul do trem, começou a subir para o seu vestíbulo - e ali olhando

para ele do alto, estava Mary. Tinha mudado no ano que passara. Estava talvez um pouco mais magra e vestia um casaco azul com cinto que ele não conhecia. Ganin cumprimentou-a desajeitadamente, houve um barulho de amortecedores e o trem partiu. Continuaram de pé no vestibulo. Mary devia tê-lo visto primeiro e embarcara no vagão azul de propósito, embora sempre viajasse num vagão amarelo. Agora, com um bilhete de segunda classe, não queria ir para um compartimento. Tinha na mão uma barra de chocolate de Blinghen e Robinson, de que tirou imediatamente um pedaço para oferecer a Ganin.

Sentiu uma tremenda tristeza em vê-la. Havia alguma coisa estranha e tímida na aparência dela. Sorria menos e constantemente voltava a cabeça para o lado. No delicado pescoço, havia manchas lívidas como um sombrio colar, que muito lhe assentava. Ganin começou a falar coisas sem interesse, mostroulhe o arranhão feito por uma bala em suas botas de montaria, falou sobre política, enquanto o trem chocalhava entre turfeiras que ardiam na torrente fulva do poente. O fumo cinzento da turfa flutuava de leve sobre o chão, formando o que pareciam duas ondas de névoa por entre as quais o trem abria caminho. Ela saltou na primeira estação e por muito tempo ele olhou da plataforma do vagão para o seu vulto azul que se afastava e quanto mais longe ela ficava mais claro era para ele que nunca poderia esquecê-la.

Ela não olhou para trás. Da escuridão vinha o cheiro pesado e fofo das racemosas em flor.

Entrou quando o trem se pôs em marcha. Estava escuro lá dentro, pois o chefe do trem julgara desnecessário acender os pavios das lâmpadas nos compartimentos vazios.

Reclinou-se na cobertura listrada do banco e através da porta e da janela aberta do corredor viu os fios finos que riscavam a fumaça da turfa que ardia e o ouro carregado do crepúsculo. Havia algo de estranho e fantasmagórico naquela viagem dentro de um vagão vazio e chocalhante entre torrentes de fumaça cinzenta e curiosos pensamentos lhe passaram pela cabeça, como se tudo aquilo tivesse acontecido algum tempo antes - como se ele já se tivesse deitado ali como naquele momento, com as mãos entrelaçadas na nuca, na escuridão cortada de correntes de ar e de barulhos e o mesmo crepúsculo fumacento passasse ampla e sonoramente pelas janelas. Nunca mais viu Mary.

Capítulo 10

O barulho aumentou, derramou-se para dentro, uma nuvem pálida envolveu a janela, um copo tilintou no lavatório. Um trem havia passado e agora a vazia extensão da linha férrea podia ser vista estendendo-se em leque da janela. Berlim, gentil e nublada, num princípio de noite de abril.

Naquela quinta-feira, ao entardecer, quando o barulho dos trens parecia mais surdo do que nunca, Klara fora procurar Ganin em grande estado de agitação para dar-lhe um recado de Lyudmila.

- Diga a ele, - dissera ela, reproduzindo as palavras de Lyudmila, - que eu não sou uma dessas mulheres a quem se manda andar. Quem manda andar sou eu. Diga a ele que eu nada quero dele, não faço exigências de espécie alguma, mas que eu acho que foi uma sujeira dele não ter respondido a minha carta. Queria acabar com ele amistosamente e sugerir-lhe que ainda que não nos pudéssemos amar mais poderíamos simplesmente ser amigos, mas ele não se deu ao trabalho nem de me telefonar. Diga a ele, Klara, que lhe desejo muitas felicidades com sua pequena alemã e que eu sei que ele não me poderá esquecer tão depressa quanto pode pensar.

- Onde é que ela foi buscar essa pequena alemã? - perguntara Ganin fazendo uma careta, quando Klara, sem olhar para ele e falando em voz baixa e rápida, transmitira o recado. - De qualquer maneira que era que ela tinha de envolver você no caso? Tudo isso é muito aborrecido.

- Sabe de uma coisa, Lev Glebovich, - exclamou Klara, encharcando-o com um dos seus olhares líquidos, - acho que você não tem mesmo coração. Lyudmila só pensa em você e faz o melhor juízo a seu respeito, mas se ela soubesse de tudo.

Ganin olhou-a com bem-humorado espanto. Klara baixou os olhos, confusa e disse:

- Só lhe dei o recado porque ela me pediu.

- Tenho de sair daqui, - disse Ganin, depois de uma pausa. - Este quarto, esses trens, a comida de Erika - já estou farto de tudo isso. Estou quase sem dinheiro e dentro em breve terei de trabalhar de novo. Estou pensando em sair de Berlim de vez no sábado e ir para o sul, à procura de algum porto de mar.

Fechou e abriu os punhos e mergulhou em seus pensamentos.

- Mas não sei ainda... há uma circunstância ... Você ficaria admirada se soubesse o que me acaba de ocorrer. Um plano extraordinário, incrível!

Se tudo der certo, estarei fora desta cidade depois de amanhã.

"Na verdade, é um homem muito estranho esse", pensou Klara com esse doloroso sentimento de solidão que sempre nos domina quando alguém que nos é caro se entrega a sonhos nos quais não há lugar para nós.

As pupilas negras de Ganin se dilataram, os cílios espessos deram-lhe aos olhos um aspecto quente e doce e um sereno sorriso de contemplação lhe levantou ligeiramente o lábio superior, revelando a extensão branca dos dentes brilhantes e regulares. As sobrancelhas negras, que lembravam a Klara retalhos de peles caras, se juntaram e separaram alternadamente, ao mesmo tempo que pequenas rugas se formavam e desfaziam na testa lisa.

Notando o olhar fixo de Klara, passou a mão pelo rosto e se lembrou do que pretendia dizer-lhe.

- Sim, vou-me embora e isso terminará tudo. Diga apenas a ela que Ganin se vai embora e quer que ela não faça mau juízo dele. É só.

Capítulo 11

Na manhã de sexta-feira, os dançarinos fizeram circular a seguinte nota entre os outros quatro inquilinos:

"CONSIDERANDO QUE:

1. O Senhor Ganin vai-nos deixar.
2. O Senhor Podtyagin está em preparativos de partida.
3. A esposa do Senhor Alfyorov vai chegar amanhã.
4. Mademoiselle Klara está festejando o seu aniversário e
5. Os abaixo-assinados obtiveram um contrato nesta cidade em vista de tudo isso haverá uma festa as 10 horas da noite de hoje no Quarto Seis de Abril".

- Como são gentis, - comentou Podtyagin com um sorriso, ao sair da casa com Ganin, que se prontificara a ir com ele até à delegacia de polícia.

- Para onde vai quando partir de Berlim, Lyovushka?

Para muito longe? Sim, eu sei que você é uma ave de arribação. Quando eu era moço, sonhava em viajar, em conhecer o mundo inteiro. Bem, isso de certo modo aconteceu...

Encolheu o corpo contra o fresco vento da primavera e levantou a gola do bem conservado sobretudo cinza-escuro com grandes botões de osso.

Ainda sentia uma fraqueza nas pernas em consequência do ataque cardíaco, mas sentia um certo alívio animador com a idéia de que era muito provável que acabassem todos os problemas relacionados com o seu passaporte e que ele tivesse permissão de partir rumo a Paris no dia seguinte.

O vasto edifício vermelho-roxo da polícia central dava frente para quatro ruas. Era construído num estilo gótico severo mas extremamente mau com janelas escuras e um pátio muito estranho vedado ao público. Um policial impassível montava guarda ao portão principal. Uma seta na parede do outro lado da rua apontava para o estúdio de um fotógrafo, onde em vinte minutos era possível obter uma miserável cópia de si mesmo - meia dúzia de retratos, dos quais um era pregado na folha amarela do passaporte, outro ia para os arquivos da polícia e o resto era provavelmente distribuído entre as coleções particulares dos funcionários.

Podtyagin e Ganin entraram por um longo corredor cinzento. À porta do departamento de passaportes, havia uma mesinha onde um velho funcionário barbudo distribuía chapas numeradas, lançando de vez em quando um olhar professoral por cima dos óculos para a pequena multidão poliglota à sua frente.

- Tem de entrar na fila e pegar uma chapa, - disse Ganin.

- Nunca fiz isso, - murmurou o velho poeta.

- Ia entrando diretamente pela porta.

Quando recebeu a chapa alguns minutos depois, mostrou-se encantado, parecendo mais do que nunca uma cobaia gorda.

Na sala quase sem móveis, abafada e banhada de sol, onde os funcionários se sentavam às suas mesas por trás de uma divisão baixa, havia outra multidão que parecia estar ali com a finalidade exclusiva de olhar para aqueles lúgubres escribas. Ganin abriu caminho, seguido confiantemente por um resfolegante Podtyagin.

Meia hora depois, depois de recebido o passaporte de Podtyagin, passaram a outra mesa; de novo uma fila, uma multidão, o mau hálito de alguém e afinal, pelo preço de alguns marcos, o papel amarelo foi devolvido, dessa vez adornado com o carimbo mágico.

- Agora, vamos ao consulado, - murmurou alegremente Podtyagin, quando saíram do edifício de aspecto temível, mas na realidade um pouco triste. - Tudo está resolvido agora. Como é que você consegue falar tão calmamente com eles, meu caro Lev Glebovich? Não calcula as agonias por que passei quando estive aqui da outra vez! Vamos, vamos subir para o

andar superior do ônibus. Que alegria estou sentindo! Sabe que estou banhado de suor?

Foi o primeiro a subir pela escada em espiral. O condutor, no andar de cima, bateu do lado de fora e o ônibus se pôs em marcha. Passaram casas, cartazes, reflexos de sol nas vitrinas das lojas.

- Nossos netos jamais compreenderão toda essa tolice a respeito de vistos de passaportes, - disse Podtyagin, examinando reverentemente o seu passaporte. - Não poderão compreender que houvesse tanta ansiedade humana em torno de um simples carimbo. Acha agora que os franceses me darão o visto?

- Claro que sim! - disse Ganin. - Já não lhe disseram que tinha sido dada a autorização?

- Acho que partirei amanhã, - murmurou Podtyagin, sorrindo. - Vamos juntos, Lyovushka. Será ótimo em Paris. Mas veja só a minha cara aqui.

Ganin olhou por cima do braço dele para o passaporte com a fotografia no canto. A fotografia era notável: um rosto assustado, balofo que nadava num fundo cinza-escuro.

- Tenho nada menos de dois passaportes, disse Ganin com um sorriso. - Um, russo, que é verdadeiro e muito velho, e um, polonês, falsificado. É esse que eu uso.

Para pagar ao condutor, Podtyagin colocou o documento amarelo no banco ao lado dele, separou 40 pfennigs das várias moedas que tinha na mão e olhou para o condutor.

- Genug?

Olhou então de lado para Ganin.

- Que é que está dizendo, Lev Glebovich? Falsificado?

- Certamente. Meu primeiro nome é realmente Lev, mas meu sobrenome não é absolutamente Ganin.

- Como assim, meu caro amigo? - perguntou Podtyagin admirado e agarrou de repente o chapéu, pois um vento forte estava soprando.

- Bem, isso aconteceu há cerca de três anos. Um grupo de guerrilheiros. Na Polônia. Pensei que poderia ir até São Petersburgo e organizar uma rebelião. Agora, é muito conveniente e um pouco divertido ter esse passaporte.

De repente, Podtyagin olhou para longe e disse sombriamente:

- Sonhei com São Petersburgo na noite passada, Lyovushka. Eu estava caminhando pela Nevski. Eu sabia que era a Nevski, mas não se parecia em

nada com ela. As casas tinham ângulos agudos como num quadro futurista e o céu era negro, embora eu soubesse que era durante o dia. As pessoas que passavam me olhavam de maneira estranha.

Então, um homem atravessou a rua e fez pontaria para minha cabeça. É um velho sonho meu esse. É terrível, terrível, que sempre que sonhamos sobre a Rússia nunca sonhamos com as suas belezas, com o que ela realmente é, mas como alguma coisa monstruosa, nessa espécie de sonhos em que o céu está caindo e a gente sente que o mundo está acabando.

- Eu, não, - disse Ganin. - Só sonho com as coisas belas. As mesmas florestas, a mesma casa no campo. Às vezes, está tudo deserto, com claros desconhecidos. Mas não importa... Temos de descer aqui, Anton Sergejevich.

Desceu a escada em espiral e ajudou Podtyagin a descer para o passeio.

- Veja como aquela água rebrilha, - disse Podtyagin, respirando laboriosamente, e apontou para o canal com os cinco dedos abertos.

- Cuidado com a bicicleta, - disse Ganin. O consulado fica ali à direita.

- Faça o favor de aceitar meus sinceros agradecimentos, Lev Glebovich. Se não fosse você, eu nunca teria passado por toda aquela burocracia. Foi um grande alívio para mim. Adeus, Deutschland!

Entraram no edifício do consulado. Quando estavam subindo as escadas, Podtyagin começou a procurar nos bolsos.

- Vamos, - disse Ganin, voltando-se para ele.

Mas o velho continuava a procurar alguma coisa.

Capítulo 12

Quatro inquilinos apenas tinham aparecido para o almoço.

- Por que será que nossos amigos estão tão atrasados? - perguntou alegremente Alfyorov. com certeza, não conseguiram nada.

Nadava positivamente numa alegre expectativa. Estivera na estação no dia anterior e se certificara da hora exata da chegada do expresso da manhã que vinha do norte: 8h5. Naquele dia, tinha passado o terno, comprara punhos novos e um apanhado de lírios-do-vale. Os seus assuntos financeiros pareciam ter-se resolvido. Antes do almoço, sentara-se num café com um homem sombrio e bem barbeado que lhe havia oferecido o que parecia indubitavelmente uma proposta financeira. Sua cabeça, habituada

como estava às cifras, preocupava-se no momento apenas com um número complexo em que os algarismos oito e cinco eram separados pela letra "h". Era essa a quota de felicidade que o destino lhe concedera temporariamente.

E no dia seguinte - fechava os olhos, suspirava e imaginava como na manhã seguinte ele iria para a estação, esperaria na plataforma e quando o trem chegasse...

Desapareceu depois do almoço, logo seguido dos dançarinos, que saíram furtivamente, tão nervosos quanto duas mulheres, a fim de comprar coisas para a festa.

Só Klara ficou em casa. A cabeça lhe doía e os ossos de suas pernas gordas estavam doendo, o que era uma infelicidade por que era o dia do seu aniversário.

"Faço vinte e seis anos hoje", pensou ela, "e amanhã Ganin vai-se embora. É um homem mau, engana as mulheres e é capaz de cometer um crime. Pode olhar-me calmamente nos olhos, embora saiba que eu o surpreendi no momento em que ia roubar dinheiro. Apesar disso, é uma criatura admirável e eu penso nele literalmente todos os dias. E não há nenhuma esperança".

Olhou-se ao espelho. O rosto dela estava mais pálido do que de costume. Abaixo de uma madeixa de cabelos castanhos que lhe caía sobre a testa, ela tinha sido atacada de uma leve erupção e havia sombras negras debaixo de seus olhos. Não podia suportar o vestido branco lustroso que usava dia sim, dia não. Havia um cerzido muito visível na costura de suas meias escuras e transparentes e um de seus saltos estava cambaio.

Podtyagin e Ganin voltaram por volta das cinco horas. Klara ouviu-lhes os passos e olhou para fora. Pálido como a morte, com o sobretudo aberto e o colarinho e a gravata na mão, Podtyagin se encaminhou em silêncio para o seu quarto e fechou a porta depois de entrar.

- Que foi que aconteceu? - perguntou Klara num sussuro.

Ganin deu um estalo com a língua.

- Ele perdeu o passaporte e então teve um ataque. Bem aqui em frente a casa. Foi com muita dificuldade que consegui trazê-lo. Infelizmente, o elevador não está funcionando. Procuramos por toda a cidade.

- Vou ficar com ele, - disse Klara. - Vai precisar de quem o anime.

Podtyagin não quis a princípio deixá-la entrar. Quando finalmente abriu a porta, Klara não conteve um gemido ao ver-lhe a expressão abatida e confusa.

- Já soube? - perguntou ele com um sorriso amarelo. - Sou um velho idiota. Tudo estava pronto, compreende, mas aí eu tive...

- Onde foi que o deixou cair, Anton Sergeyevich?

- Isso mesmo: deixei cair. Licença poética: elisão do passaporte. "A Nuvem de Calças" de Mayakovski. Um grande cretino nas nuvens é que sou.

- Talvez alguém o encontre, - sugeriu Klara com simpatia.

- Impossível. É o destino. Não se pode fugir do destino. Estou condenado a não sair daqui. Era uma coisa predeterminada.

Sentou-se pesadamente.

- Não me estou sentindo bem, Klara. O fôlego me faltou ainda há pouco na rua a tal ponto que eu pensei que fosse o fim. Meu Deus, acontece que eu não sei o que vou fazer agora. Salvo, talvez, bater o prego.

Capítulo 13

Nesse meio tempo, Ganin foi para o seu quarto e começou a arrumar as malas. Tirou de baixo da cama duas malas de couro - uma com uma capa de pano de xadrez, a outra sem capa, escura, com as marcas deixadas pelos rótulos - e despejou no chão todo o conteúdo delas. Em seguida, das profundezas trêmulas e rangedoras do armário tirou um terno preto, uma pequena pilha de roupa de baixo e um par de botinas pesadas e marrons com tachões de metal. Tirou da mesinha de cabeceira uma coleção variada de coisas ali jogadas em várias ocasiões: lenços sujos amassados em bola, lâminas de barbear com manchas de ferrugem em torno dos orifícios, jornais velhos, cartões-postais, algumas contas amarelas como dentes de cavalo, uma meia de seda rasgada cujo par se havia perdido. Tirou o paletó, agachou-se ao lado de todo esse triste e empoeirado lixo e começou a separar o que ia levar e o que ia destruir.

Em primeiro lugar, arrumou na mala o terno e a roupa de baixo limpa, depois sua automática e velhas calças de montaria já muito gastas no gancho.

Enquanto pensava no que ia levar ainda, notou uma carteira preta que caíra debaixo da cadeira quando esvaziara a maleta. Apanhou-a e já ia abri-la, sorrindo de pensar no que continha, mas se lembrou de que devia apressar-se em arrumar as malas. Em vista disso, guardou a carteira no

bolso de trás das calças e começou a jogar rapidamente coisas a esmo nas malas abertas: roupas de baixo sujas, livros russos que só Deus sabia como ele havia adquirido e todas essas coisas triviais mas de algum modo preciosas que se tornam tão habituais à nossa vista e ao nosso tato e cuja única virtude é permitir a uma pessoa condenada a estar sempre em mudança a sentir-se em casa, por menos que seja, quando tira das malas pela centésima vez o seu simpático e frágil lixo humano.

Depois de arrumar as malas, Ganin fechou-as e colocou-as ao lado uma da outra, encheu a cesta de papéis com os cadáveres de velhos jornais, correu os olhos pelo quarto vazio e saiu para fazer as contas com a dona da pensão. Sentada com o corpo erecto numa poltrona, Lydia Nikolaevna estava lendo quando ele entrou. O dachshund saltou da cama e começou a agitar-se num pequeno acesso de devoção histérica aos pés de Ganin.

Lydia Nikolaevna se entristeceu ao ver que dessa vez ele ia mesmo sair. Ela gostava da figura alta e descontraída de Ganin. Em geral, habituava-se aos seus inquilinos e havia alguma coisa semelhante à morte nas suas partidas inevitáveis.

Ganin pagou-lhe a semana vencida e beijou-lhe a mão, leve como uma folha seca.

Quando voltava pelo corredor, lembrou-se de que os dançarinos o haviam convidado para uma festa naquela noite e resolveu não partir logo. Podia sempre tomar um quarto num hotel, se fosse necessário, mesmo depois da meia-noite.

"E amanhã, Mary vai chegar", exclamou mentalmente, olhando para o teto, o chão e as paredes com um olhar feliz e assustado. "E amanhã, vou levá-la", refletiu ele com o mesmo estremecimento interior, o mesmo transbordante suspiro de todo o seu ser.

Com um movimento rápido, tirou a carteira preta em que guardava as cinco cartas que havia recebido durante o seu tempo na Criméia. De relance, lembrou-se de todo aquele inverno na Criméia, de 1917 a 1918: o nordeste soprando a poeira que doía na pele ao longo da praia de lalta, uma onda que se quebrava sobre o parapeito no passeio, os insolentes e transviados marinheiros bolchevistas, depois os alemães nos seus capacetes como cogumelos de aço e então as alegres divisas tricolores - dias de expectativa, um ansioso tempo de respirar; uma magra e sardenta prostitutazinha de cabelos curtos e perfil grego passeando pela praia, ainda o nordeste espalhando as folhas de música da banda no parque e então,

afinal, a sua companhia se pôs em marcha: o alojamento, nos povoados tártaros onde durante todo o dia nas pequenas barbearias as navalhas brilhavam como sempre, os rostos engordavam com a espuma e os garotos nas ruas poeirentas jogavam os seus piões como faziam há mil anos. É o duro ataque noturno, quando não se fazia idéia de onde vinham os tiros ou de quem estava pulando através das poças de luar-entre as sombras escuras lançadas obliquamente pelas casas.

Ganin tirou a primeira carta do maço - uma só folha grossa e retangular, mostrando um desenho no canto superior esquerdo que mostrava um rapaz de fraque azul que escondia nas costas um ramalhete de flores claras e beijava a mão de uma moça, tão delicada quanto ele, com cachos de cabelos caindo pelas faces e com um vestido côr-de-rosa, de cintura alta.

Aquela primeira carta lhe fora recambiada de São Petersburgo para alta. Fora escrita pouco mais de dois anos depois daquele venturoso outono.

"Lyova, já estou em Poltava há uma semana e infernalmente aborrecida. Não sei se tornaria ainda a vê-lo, mas quero muito que não se esqueça de mim".

A letra era pequena e redonda e dava a impressão exata de estar correndo na ponta dos pés. Havia traços sob a letra "w" e acima da letra "M" para maior clareza; a letra final de cada palavra se prolongava num imperioso traço para a direita; só na letra "A" ao fim de uma palavra, o traço se curvava comoventemente para baixo e para a esquerda, como se Mary se retratasse da palavra no último momento. Os pontos eram muito grandes e decisivos, mas havia poucas vírgulas.

"Imagine só, estou há uma semana olhando a neve, a branca e fria neve. Tudo é frio, irritante e deprimente. E de repente, como um pássaro, esvoaça pela cabeça o pensamento de que em algum lugar longe, muito longe, há gente que leva uma vida completamente diferente, gente que não está estagnada como eu no campo, numa pequena fazenda.

"Não, a vida é realmente aborrecida demais aqui. Escreva-me alguma coisa, Lyova. Ainda que se trate das coisas mais insignificantes".

Ganin lembrava-se de quando recebera essa carta. Lembrava-se de ter subido um íngreme caminho de pedras naquela distante noite de janeiro, passando por cercas de estacas tártaras das quais pendiam aqui e ali caveiras de cavalos. Lembrava-se de ter-se sentado à beira de um regato que derramava finas correntezas sobre lisas pedras brancas e de ter olhado através dos galhos inúmeros, delicados e espantosamente nítidos de uma

macieira para o rosa suave do céu, onde a lua nova brilhava como um pedaço translúcido de unha cortada e, ao lado dela, na ponta mais baixa, tremia uma gota de luz - a primeira estrela.

Escrevera para ela naquela mesma noite - falando daquela estrela, dos ciprestes no jardim e do jumento cujo zurro estrondoso ressoava todas as manhãs no quintal tártaro aos fundos da casa. Escreveu afetuosamente, sonhadoramente, lembrando os amentilhos molhados na ponte escorregadia do pavilhão onde se haviam encontrado pela primeira vez.

Naquele tempo, as cartas demoravam muito em trânsito - e a resposta só chegou em julho.

"Muito obrigada por sua boa e doce carta do "sul". Por que diz que ainda se lembra de mim? E que não me esquecerá? Não mesmo? Que lindo!"

"O tempo hoje está muito agradável e fresco depois de uma tempestade. Como em Voskresensk, lembra-se? Não gostaria de andar de novo por aqueles lugares tão conhecidos? Eu gostaria terrivelmente. Como era bom passear pelo parque debaixo da chuva no outono! Por que o mau tempo não era triste naquela época?"

"Vou parar de escrever por algum tempo e dar um passeio."

"Não pude terminar a carta ontem. Não foi horrível o que fiz? Perdão, Lyova querido, prometo que nunca mais farei isso".

Ganin deixou cair a mão que segurava a carta e sentou-se por um momento, perdido em pensamentos. Como se lembrava bem desses alegres modos dela, do risinho rouco quando ela pedia desculpas, da transição de um suspiro melancólico para um olhar de ardente vitalidade!

"Durante muito tempo, vivi preocupada sem saber onde você estava e como ia passando", escrevera ela na mesma carta. "Não devemos quebrar agora o pequeno laço que nos une. Há tanta coisa que quero escrever e perguntar-lhe, mas os pensamentos se dispersam. Tenho visto e vivido muitas infelicidades ultimamente. Escreva, escreva pelo amor de Deus, escreva mais e muito. Desejo-lhe tudo de bom. Gostaria de dizer-lhe adeus de maneira mais afetuada, mas talvez eu esteja esquecida disso depois de todo esse tempo. Ou talvez haja alguma coisa mais que me impede?"

Durante dias depois de receber essa carta, viveu cheio de trêmula felicidade. Não conseguia compreender como pudera ter-se separado de Mary. Só se lembrava daquele primeiro outono que tinham passado juntos - tudo mais, os tormentos e os arrufos, parecia tão pálido e insignificante. As

trevas langorosas, a cintilação convencional do mar à noite, o silêncio veludoso das estreitas avenidas de ciprestes, o brilho do luar nas largas folhas das magnólias tudo isso só servia para oprimi-lo.

O dever o conservava em lalta - a guerra civil estava em curso - mas havia momentos em que ele tinha vontade de abandonar tudo para ir procurar Mary entre as fazendas da Ucrânia. Havia algo de emocionante e admirável na maneira pela qual as cartas deles conseguiam atravessar a terrível Rússia daquele tempo - como borboletas pierídias brancas voando sobre as trincheiras.

A resposta dele à segunda carta de Mary se atrasou muito e ela não pôde compreender isso, pois estava convencida de que, quando se tratava das cartas deles os obstáculos habituais daqueles dias de algum modo não existiam.

"Deve achar estranho que eu lhe esteja escrevendo apesar de seu silêncio - mas eu não acredito, nego-me a acreditar que você ainda não queira me responder. Você não respondeu não porque não quisesse mas simplesmente porque... bem, porque não pôde ou não teve tempo ou alguma coisa assim. Diga-me, Lyova, não parece engraçado lembrar o que você uma vez me disse - que me amar era sua vida e que, se você não me pudesse amar, não viveria? Como tudo passa, como as coisas mudam... Gostaria de que tudo acontecesse de novo? Acho que me estou sentindo um pouco deprimida hoje..."

"Mas hoje é primavera e há mimosas à venda

Oferecidas hoje em todas as esquinas. Trago-lhe algumas frágeis como um sonho..."

"É um lindo poema, mas não me lembro do princípio, nem do fim e já me esqueci de quem é. Agora, vou esperar sua carta. Não sei como lhe dizer adeus. Talvez eu o tenha beijado. Sim, acho que beijei".

Duas ou três semanas depois, chegou a quarta carta dela:

"Fiquei contente de receber sua carta, Lyova. É uma carta tão boa, tão boa. Sim, não é possível esquecer quanto e como radiosamente nos amamos. Você diz que daria toda a sua vida futura por um momento do passado... mas seria melhor um encontro para verificar os nossos sentimentos."

"Se você vier, Lyova, ligue para a mesa telefônica local e peça o número 34. Podem responder-lhe em alemão. Há um hospital militar alemão aqui.

Peça então que me chamem.”

"Estive na cidade ontem e me "diverti". Foi tudo muito alegre, com muita música e luzes. Um homem muito divertido com uma barbicha amarela se interessou por mim e me chamou "a rainha do baile". Hoje, tudo isso é tão aborrecido, tão aborrecido. É uma pena que os dias passem tão sem sentido e de maneira tão estúpida - e são esses os anos considerados os melhores e mais felizes de nossa vida. Parece que em breve estarei transformada numa hipócrita, isto é, numa hipocondríaca. Não, isso não deve acontecer.”

"Libertar-me dos grilhões do amor E tentar deixar de pensar! Encher os copos de vinho E beber, beber, beber!"

"Muito bom, não acha?"

"Escreva-me logo que receber minha carta. Virá até aqui ver-me? Impossível? É uma pena. Mas não pode mesmo? Que tolice estou escrevendo: fazer de toda a viagem até aqui só para me ver. Que pretensão! Não acha?"

"Acabei de ler um poema numa velha revista: "Minha Pequena Pérola Pálida" de Krapovitsky. Gostei muito. Escreva-me e conte-me tudo, absolutamente tudo. Um beijo. “

Há alguma coisa mais que li, de Podtyagin:

"A lua cheia brilha sobre a floresta e o rio Vêde as ondulações da água como cintilam!"

"O caro Podtyagin", pensou Ganin. "Como é estranho, meu Deus, como é estranho. Se alguém me dissesse que eu ainda viria a conhecê-lo..."

Sorrindo e sacudindo a cabeça, abriu a última carta. Havia-a recebido na véspera da partida para a linha de frente. Tinha sido uma fria manhã de janeiro a bordo do navio e ele se sentia enjoado de tomar café feito de bolotas.

"Lyova, meu querido, minha alegria, como esperei e desejei sua carta. Foi tão difícil e penoso escrever aquelas cartas cheias de reserva. Como posso ter vivido esses três anos sem você, como consegui sobreviver e para que foi que vivi?"

"Amo-o. Se você voltar, eu o cobrirei de beijos. Lembra-se:"

"Escrever-lhes que a meu garotinho Lyov

Beijo tanto quanto posso

Que um capacete austríaco de Lyov

Pretendo dar-lhe de aniversário

Mas uma nota separada a meu pai..."

"Meu Deus, para onde foi tudo isso, todo aquele passado distante, brilhante, carinhoso... Como você, sinto que nos encontraremos de novo ... mas quando, quando?"

"Amo-o. Venha para mim. Sua carta foi uma alegria tamanha que ainda não voltei a mim de tanta felicidade..."

- Felicidade, - murmurou Ganin suavemente, juntando as cinco cartas numa pilha igual. Felicidade é isso. Vamo-nos encontrar dentro de doze horas.

Ficou imóvel, ocupado com pensamentos secretos e deliciosos. Não tinha dúvida de que Mary ainda o amava. Tinha na mão as cinco cartas dela. Lá fora, estava muito escuro. As tachas em suas maletas brilhavam. O quarto desolado tinha um leve cheiro a poeira.

Ainda estava sentado na mesma posição quando ouviu vozes diante da porta e, de repente, Alfyorov entrou no quarto sem bater.

- Oh, desculpe, - disse ele sem mostrar qualquer embaraço particular. - Pensei que já tivesse ido.

Com os dedos ainda brincando com as cartas dobradas, Ganin olhou vagamente para a barbicha amarela de Alfyorov. A dona da pensão apareceu na porta.

- Lydia Nikolaevna, - continuou Alfyorov, virando o pescoço e atravessando o quarto com jeito de proprietário. - Temos de tirar essa coisa do caminho para que possamos abrir a porta para meu quarto.

Tentou mover o armário, gemeu e recuou, desanimado.

- Deixe comigo, - disse Ganin, alegremente. Guardando a carteira preta no bolso, levantou-se, encaminhou-se para o armário e estendeu as mãos.

Capítulo 14

Os trens negros passavam ruidosamente, sacudindo as vidraças da casa. com um movimento como de ombros fantasmiais desvencilhando-se de sua carga, arfantes montanhas de fumaça subiam, apagando o céu noturno. Os tetos ardiam com um macio fulgor metálico ao luar. E uma sonora sombra negra sob a ponte de ferro despertava quando um trem preto passava e emitia uma corrente de luz trêmula através de sua extensão. O chocalhante barulho e a massa de fumaça pareciam passar diretamente por dentro da casa quando esta estremecia entre o abismo onde os trilhos corriam como riscos traçados por uma unha de luar e a rua onde a mesma era cruzada pela ponte que esperava a próxima trovoada regular de vagões. A casa era como um espectro através do qual se podia meter a mão e torcer os dedos.

Da janela do quarto dos dançarinos, Ganin olhava para a rua. O asfalto tinha um brilho fosco e vultos negros em perspectiva andavam para um lado e para o outro, desaparecendo nas sombras e emergindo de novo na luz oblíqua refletida das vitrinas das lojas. Numa janela sem cortinas da casa fronteira vidros rebrilhantes e molduras douradas podiam ver-se no brilhante espaço ambarino. Então, um elegante vulto negro baixou as persianas.

Ganin virou-se para dentro. Kolin entregou-lhe um copo trêmulo de vodca

O quarto era iluminado por uma luz pálida e irreal porque os engenhosos dançarinos haviam coberto o abajur com um pedaço de seda lilás. Em cima da mesa, no meio do quarto, as garrafas emitiam uma claridade violeta, o azeite brilhava nas latas de sardinhas abertas, havia chocolate em papel prateado, um mosaico de fatias de salsichas e pastéis de galantina de carne.

Sentados à mesa estavam Podtyagin, pálido e calado, com gotas de suor na grande testa; Alfyorov, que ostentava uma gravata nova de seda matizada; Klara, no seu eterno vestido preto, apática e corada de beber licor de laranja barato.

Gornotsvetov, sem paletó e com uma amarfanhada camisa de seda com o colarinho aberto, estava sentado na cama afinando um violão que havia de algum modo obtido.

Kolin estava constantemente em movimento, servindo vodca, licores, vinho do Reno, e balançando cômicamente os gordos quadris, enquanto o tronco elegante, metido num paletó azul justo, ficava quase imóvel enquanto ele se movia.

- Que é isso? Não estão bebendo? - disse ele, fazendo a pergunta convencional de censura, ao mesmo tempo que erguia para Ganin o olhar derretido.

- Sim, por que não? - perguntou Ganin, sentando-se no peitoril da janela e tomando o copo de vinho claro e frio da mão trêmula do dançarino. Enquanto bebia, correu os olhos pelas pessoas sentadas à mesa. Todos estavam em silêncio, inclusive Alfyorov, muito agitado pelo fato de que dentro de oito ou nove horas sua esposa chegaria.

- O violão já está afinado, - disse Gornotsvetov apertando uma chave e tangendo a corda. Tocou um acorde e abafou o som com a palma da mão.

- Por que não cantam? Em honra de Klara. Vamos. "Como uma flor fragrante"...

Sorrindo para Klara e levantando o copo em fingida cortesia, inclinou o corpo para trás e quase caiu, pois estava sentado num tamborete giratório sem costas. Procurou então cantar numa falsa e afetada voz de tenor, mas ninguém o acompanhou.

Gornotsvetov deu um toque final nas cordas e parou de tocar. Todos se sentiam contrafeitos.

- Que cantores! - resmungou tristemente Podtyagin. Sentia-se mal. A idéia da perda do passaporte se conjugava com uma sufocante falta de ar.

- Eu não devia beber O mal é esse, - acrescentou ele, sombriamente.

- Eu bem que lhe disse, - murmurou Klara.

- Mas está procedendo como uma criança, Anton Sergeyevitch.

- Por que ninguém está comendo, nem bebendo? - perguntou Kolin, balançando os quadris, enquanto saltitava em torno da mesa. Começou a encher os copos vazios. Ninguém dizia nada. A festa era evidentemente um fracasso.

Ganin, que até então estivera sentado no peitoril da janela a olhar, com um leve sorriso de pensativa ironia, a claridade lilás da mesa e os rostos estranhamente iluminados, desceu de repente para o chão e deu uma risada clara.

- Encha os copos, Kolin, - disse ele, encaminhando-se para a mesa. - Um pouco mais para Alfyorov. Amanhã, a nossa vida vai mudar. Amanhã,

eu não estarei mais aqui. Vamos beber, vamos beber. Deixe de olhar para mim como um animal ferido, Klara. Dê-lhe um pouco mais daquele licor, Kolin. Você também, Anton Sergeyevitch... alegre-se! Não adianta ficar lamentando o seu passaporte. Conseguirá outro, ainda melhor do que o velho. Recite-nos alguns de seus versos antigos... Por falar nisso...

- Pode-me dar essa garrafa vazia? - perguntou Alfyorov de repente, com um brilho dissoluto a lampear-lhe nos olhos alegres e exaltados.

- Por falar nisso, - repetiu Ganin, aproximando-se do velho e colocando a mão no seu ombro carnudo. - Lembro-me de uns versos seus, Anton Sergeyevitch. "Lua cheia, floresta, rio" ... É isso mesmo?

Podtyagin virou-se para olhá-lo e deu-lhe um calmo sorriso.

- Encontrou isso numa velha folhinha? Gostava muito de imprimir meus versos nas folhinhas. Vinham embaixo, logo depois do pensamento do dia.

- Senhores, senhores, que é que ele está querendo fazer? - gritou Kolin apontando para Alfyorov que escancarando a janela levantara a garrafa e a estava apontando para a noite azul escura lá fora.

- Deixá-lo, - disse Ganin, rindo. - Vamos deixá-lo agir como bem quiser.

A barba de Alfyorov brilhava, o seu pomo-deadão se inflava e os ralos cabelos das têmporas eram agitados pelo vento da noite. Levando o braço atrás num longo arco, ficou parado durante algum tempo e, então, colocou solenemente a garrafa no chão.

Os dançarinos abriram na gargalhada.

Alfyorov sentou-se ao lado de Gornotsvetov, tomou-lhe o violão e tentou tocá-lo. Era um homem que se embriagava com muita facilidade.

- Klara está tão séria, - disse Podtyagin com dificuldade. - Moças como ela costumavam escrever-me cartas muito emocionantes. Agora ela não quer olhar para mim.

- Não beba mais, sim? - pediu Klara, sentindo que nunca fora mais infeliz na vida do que naquele momento.

Podtyagin teve um sorriso forçado e pegou o braço de Ganin.

- Ora, aqui está o futuro salvador da Rússia. Conte-nos uma história, Lyovushka... Por onde andou, onde foi que lutou?

- Quer mesmo saber? - perguntou Ganin com um sorriso bem-humorado

- Quero, sim. Estou tão deprimido. Quando foi que saiu da Rússia?

- Quando? Eh, Kolin, vamos ter um pouco dessa bebida forte. Não, para mim, não. Para Alfyorov. Isso mesmo. Misture no copo dele.

Capítulo 15

Lydia Nikolaevna já estava na cama. Recusara nervosamente o convite dos dançarinos e estava naquele momento mergulhada num sono leve de velha, através do qual a vibração pesada dos trens passava com o som de grandes armários cheios de louças que tremiam. De vez em quando, o seu sono se interrompia e ela ouvia vagamente vozes no quarto 6. Sonhou uma vez com Ganin e não podia no sonho compreender quem ele era e de onde tinha vindo. Na verdade, a pessoa dele era cercada de mistério.

E não era de admirar: ele nunca falava a ninguém de sua vida, das suas andanças e aventuras dos últimos anos... Ele próprio se lembrava da sua fuga da Rússia como que um sonho, um sonho que era como uma névoa no mar levemente cintilante.

Talvez Mary tivesse escrito outras cartas naquela época - princípios de 1919 - quando ele estava lutando no norte da Criméia, mas não as tinha recebido. Perekop vacilou e caiu.

Ferido na cabeça, Ganin tinha sido evacuado para Sinferopol. Uma semana depois, doente e apático, fora separado de sua unidade que se retirava para Feodosia e fora envolvido na torrente alucinada de pesadelo da evacuação civil. Nos campos e nas encostas das Colinas de Inkerman, onde outrora os uniformes dos soldados da Rainha Vitória tinham ostentado o seu escarlate entre a fumaça de canhões de brinquedo, a bela e impetuosa primavera da Criméia já estava florindo. Em ondulações suaves, a estrada de uma brancura de leite se abria em frente, a capota aberta do carro batia quando as rodas passavam por protuberâncias e buracos - e a sensação da velocidade, a sensação da primavera, o espaço e o verde-claro das colinas se fundiram de súbito numa deliciosa alegria que permitiu esquecer que aquela estrada inocente era o caminho que levava para fora da Rússia. Chegou a Sebastopol ainda cheio de alegria e deixou a sua maleta no Hotel Kist de pedra branca, onde a confusão era indescritível.

Em seguida, embriagado de sol e com a dor persistente na cabeça, saiu, passou pelas colunas dóricas do pórtico, desceu as largas lajes de granito da escadaria para o porto e olhou por muito tempo a cintilação azul do mar sem que a idéia do exílio lhe passasse pela cabeça. Subiu depois para a praça onde a estátua cinzenta do

Almirante Nakhimov se ergueu no seu longo uniforme naval e com o seu óculo de alcance e, caminhando pela poeirenta rua branca até ao Quarto

Bastião, visitou o Panorama.

Além da balaustrada circular, velhos canhões e sacos de areia genuínos, destroços intencionalmente espalhados e areia de circo se misturavam numa imagem macia, azulada e um pouco sem ar que cercava a plataforma dos espectadores e lhes provocava a visão com os seus limites enganosos.

Assim Sebastopol lhe ficou na memória - primaveril, poeirenta, entregue a uma espécie de inquietação inerte e sonhadora.

À noite, a bordo do navio, olhou as brancas mangas vazias dos holofotes se encherem e caírem através do céu, enquanto a água negra parecia esmaltada ao luar e, ao longe, na névoa noturna, um cruzador estrangeiro profusamente iluminado descansava nos luminosos pilares dourados do seu próprio reflexo.

Tomou passagem num dilapidado navio grego. O convés estava cheio de filas de refugiados sem dinheiro e morenos de Eupatoria, onde o navio tocara naquela manhã. Ganin tinha-se instalado no salão de jantar dos oficiais, onde a lâmpada se balançava pesadamente e a grande mesa estava cheia de trouxas em forma de cebola.

Seguiram-se vários dias magníficos e tristes. Como duas asas brancas flutuantes, a espuma que vinha ao encontro do navio abarcava tudo, abarcava a proa do vapor que a cortava e as sombras verdes das pessoas que se debruçavam da amurada passavam maciamente através das luminosas encostas das ondas. A enferrujada engrenagem do leme rangia, duas gaiotas planavam em torno da chaminé e os seus bicos molhados, colhidos por um raio de sol, brilhavam como diamantes. Perto, uma criança grega de cabeça grande começou a chorar e a mãe perdeu a calma, passando a cuspir nela a fim de fazê-la calar-se. Um foguista aparecia às vezes no convés, todo preto, com os olhos circundados de poeira de carvão e um rubi falso no indicador.

Foram essas trivialidades - e não a nostalgia da pátria abandonada - que ficaram na memória de Ganin, como se só seus olhos tivessem ficado vivos e o seu espírito se houvesse escondido. No segundo dia, Istambul surgiu sombriamente na tarde alaranjada e se dissolveu lentamente na noite que caiu sobre o navio. Ao amanhecer, Ganin subiu à ponte. O contorno vago e azul-escuro da margem de Scutari se ia tornando pouco a pouco visível. O reflexo da lua se estreitava e empalidecia. No oriente, o azul arroxeadado do céu se modulou num vermelho-dourado e Istambul, brilhando debilmente, começou a emergir da névoa. Uma faixa sedosa de marolas se estendeu ao

longo da praia. Um rebocador preto e um fêz também preto passaram em silêncio. O oriente se estava tornando branco e o vento roçou pelo rosto de Ganin com um toque salgado. Em terra, estavam executando o toque de alvorada. Duas gaivotas, negras como corvos, passaram sobre o navio batendo as asas e, com um rufo como de chuva fina, um cardume subiu à superfície numa rede de círculos momentâneos. Uma barcaça se aproximou e na água abaixo dela, a sua sombra estendeu e então recolheu os tentáculos. Mas só quando Ganin desembarcou e viu no cais um turco vestido de azul dormindo sobre uma montanha de laranjas - só então teve a sensação clara e penetrante de como estava longe da massa quente de sua terra e de Mary, a quem amava para sempre.

Tudo isso se desenrolou em sua memória, em lampejos desconexos e se juntou de novo numa quente massa quando Podtyagin lhe perguntou com grande esforço:

- Há quanto tempo deixou a Rússia?

- Cinco anos, - respondeu laconicamente. Sentou-se então num canto sob a langorosa luz violeta que se derramava sobre a toalha da mesa no centro do quarto e sobre os rostos sorridentes de Kolin e Gornotsvetov, que estavam dançando em silêncio e com dinamismo no centro do quarto. Pensou então: "Que felicidade! Amanhã - não, hoje mesmo, pois já passa da meia-noite. Mary não pode ter mudado desde então e seus olhos tártaros ainda devem arder e sorrir como dantes". Levá-la-ia para muito longe e trabalharia incessantemente para ela. Amanhã, toda a sua mocidade, a sua Rússia voltariam para ele.

Com as mãos nos quadris, jogando para trás e balançando a cabeça, ao mesmo tempo que batia os pés e agitava um lenço, Kolin dançava em torno de Gornotsvetov, que, agachado, estava ágil e ritmicamente jogando as pernas para fora cada vez mais depressa até que finalmente passou a girar sobre uma perna dobrada. Totalmente bêbado, Alfyorov gingava o corpo, sentado, com uma expressão benigna.

Klara continuava a olhar ansiosamente o rosto cinzento e suado de Podtyagin. O velho estava sentado na cama numa posição de lado forçada.

- Não está bem, Anton Sergejevitch, - disse ela em voz baixa. - Deve ir para a cama. Já é quase uma e meia.

Oh, como tudo seria simples. Amanhã - não, hoje - ele a veria de novo, contanto que Alfyorov ficasse completamente bêbado. Só seis horas mais. Naquele exato momento, ela devia estar dormindo em seu compartimento,

enquanto os postes do telégrafo passavam na escuridão e os pinheiros e as montanhas corriam ao encontro do trem...

Que barulho aqueles rapazes estavam fazendo! Por que não paravam de dançar? Sim, tudo seria espantosamente simples... às vezes, havia um toque de gênio nas complicações do destino...

- Está bem. vou descansar um pouco, - disse Podtyagin aborrecido e, com um pesado suspiro, preparou-se para sair.

- Para onde é que ele vai? Espere... fique mais um pouco, - murmurou alegremente Alfyorov.

- Tome mais um copo e cale essa boca, disse Ganin a Alfyorov e chegou prontamente ao lado de Podtyagin.

- Apóie-se em mim, Anton Sergeyevitch.

O velho olhou vagamente para ele, fez um gesto como se estivesse enxotando uma mosca e de repente, com um grito fraco, cambaleou e se projetou para a frente.

Ganin e Klara conseguiram agarrá-lo a tempo, enquanto os dançarinos saltitavam em torno. Quase sem mover a língua pastosa, Alfyorov murmurou com a sua indiferença de bêbado:

- Vejam, vejam só - ele está morrendo.

- Deixe de agitação e faça alguma coisa útil, Gornotsvetov, - disse Ganin calmamente. - Segure-lhe a cabeça. Kolin, sustente-o aqui. Não, esse é meu braço... Mais em cima. Não é preciso ficar olhando assim. Mais em cima, já disse. Abra a porta, Klara.

Os três carregaram o velho para o quarto. Cambaleando, Alfyorov fez menção de segui-los e, então, sacudiu a mão num gesto frouxo e sentou-se à mesa. com a mão trêmula, serviu-se de um pouco de vodca. Depois, tirou um relógio niquelado do bolso do colete e colocou-o à frente dele na mesa.

- Três, quatro, cinco, seis, sete, oito... Passou o dedo pelos algarismos romanos do mostrador, parou, virou a cabeça de lado e ficou observando com um olho só o ponteiro dos segundos.

No corredor, o dachshund começou a latir nervosamente. Alfyorov fez uma careta.

- Cachorrinho cacete. Devia-se dar um fim nele.

Pouco depois, tirou um lápis-tinta do bolso e desenhou uma cara no vidro por cima do número oito.

"Ela vai chegar, vai chegar", disse ele consigo mesmo, no ritmo do tique-taque do relógio.

Olhou em torno da mesa, mordeu um chocolate e imediatamente cuspiu-o fora. Uma mancha marrom foi bater na parede.

- Três, quatro, cinco, sete, - contou de novo Alfyorov piscando os olhos para o mostrador com um sorriso turvo e extático.

Capítulo 16

A cidade caíra em silêncio dentro da noite. O velho corcovado de capote preto estava já em ação, batendo a sua bengala e curvando-se com um resmungo sempre que a ponta afiada encontrava uma ponta de cigarro. De vez em quando, um carro passava e, mais raramente ainda, um droshky noturno aparecia chocalhante com um tropel de cascos. Um bêbado de chapéu-coco estava na esquina à espera do bonde, embora todos os bondes se tivessem recolhido havia pelo menos duas horas. Algumas prostitutas caminhavam para cima e para baixo, bocejando e falando com vagabundos equívocos que tinham a gola dos sobretudos levantada. Uma delas abordou Kolin e Gornotsvetov que iam quase correndo, mas afastou-se imediatamente depois de lançar um olhar profissional aos rostos pálidos e efeminados.

Os dançarinos tinham saído para ir buscar um médico russo a quem conheciam para ver Podtyagin e, de fato, ao cabo de uma hora e meia, voltaram acompanhados de um cavalheiro de ar sonolento, com feições enérgicas e bem barbeadas. Ficou durante meia hora, fazendo de vez em quando um ruído de chupar como se tivesse algum dente furado, saindo em seguida.

Tudo estava calmo no quarto sem luz. Reinava ali aquele silêncio especial, pesado e monótono que sempre se estabelece quando várias pessoas estão sentadas sem falar em torno de um doente. A noite estava chegando ao fim. O perfil de Ganin, voltado para a cama, parecia talhado em pedra clara azul. Aos pés da cama, numa vaga poltrona que flutuava nas ondas da madrugada, Klara olhava fixamente na mesma posição. Mais adiante, Gornotsvetov e Kolin se encolhiam lado a lado num pequeno divã e os seus rostos eram como duas manchas claras.

O médico já estava descendo a escada atrás do vulto negro de Frau Dorn que o seguia com a sua penca de chaves tilintando, ao mesmo tempo que pedia desculpas pelo fato de que o elevador estivesse desarranjado.

Chegando ao térreo, abriu a pesada porta da rua e o médico, tirando o chapéu, desapareceu na névoa azulada.

A velha fechou cuidadosamente a porta, embrulhou-se ainda mais no seu xale de tricô preto e subiu. Os degraus eram iluminados por uma fria luz amarela. com as chaves tilintando levemente, ela chegou ao patamar. A luz da escada se apagou. No vestíbulo, encontrou Ganin, que saía do quarto de Podtyagin, fechando cuidadosamente a porta.

- O médico prometeu voltar na parte da manhã, - sussurrou a velha. - Como vai ele?

- Não sei, - disse Ganin, encolhendo os ombros. - Não parece que esteja melhorando. A respiração dele está de meter medo.

Lydia Nikolaevna deu um suspiro e entrou timidamente no quarto. com um movimento idêntico, Klara e os dois dançarinos voltaram para ela os olhos amortecidos e, em seguida, olharam de novo para a cama. Um golpe de vento sacudiu os caixilhos da janela meio aberta.

Ganin seguiu pelo corredor na ponta dos pés e foi até o quarto onde se realizara pouco antes a festa. Como supunha, Alfyorov ainda estava sentado à mesa. O rosto dele parecia intumescido e cinzento em vista da combinação da luz da manhã com o abajur teatralmente velado. Balançava a cabeça e de vez em quando arrotava. No relógio colocado à frente dele, brilhava uma gota de vodca na qual um traço roxo de lápis-tinta se estava espalhando. Só faltavam quatro horas.

Ganin sentou-se ao lado daquele homem bêbado e adormecido e olhou-o durante muito tempo, franzindo as densas sobrancelhas e descansando uma das têmporas no punho fechado, o que lhe esticava a pele e amendoava o olho.

Alfyorov voltou de repente à vida e virou-se lentamente a fim de olhar para ele.

- Já não é tempo de ir para a cama, meu caro Aleksey Ivanovitch? - disse Ganin com voz clara.

- Não, - murmurou Alfyorov com dificuldade e, depois de pensar um pouco, como se estivesse resolvendo algum problema difícil, repetiu: - Não.

Ganin desligou a luz desnecessária, tirou a cigareira do bolso e acendeu um cigarro. Fosse do frio da madrugada ou do cheiro do fumo, Alfyorov pareceu recuperar-se um pouco.

Esfregou a testa com a palma da mão, correu os olhos em torno e estendeu a mão razoavelmente firme para uma garrafa.

Mas não chegou a pegá-la. Sacudiu a cabeça e disse a Ganin com um débil sorriso:

- Não devo beber mais. Mary está chegando. Ao fim de algum tempo, apertou o braço de Ganin.

- Eh, você... quem é você? Ah, Leb Lebovitch, está ouvindo? Mary...

Ganin expeliu a fumaça do cigarro e olhou firmemente para o rosto de Alfyorov. Viu tudo de uma vez: a boca molhada entreaberta, a barbicha cor de excremento, os olhos lacrimosos e piscantes.

- Escute, Leb Lebovitch... - Alfyorov balançou o corpo e segurou-o pelo ombro. - Agora mesmo, estou bêbado como uma cabra, empilecado e tudo. Obrigaram-me a beber, os miseráveis - não, não é isso - eu queria lhe falar era sobre a pequena...

- Você precisa é de um bom sono, Aleksey Ivanovitch.

- Havia uma pequena, estou-lhe dizendo. Não, não estou falando de minha mulher - minha mulher é pura - mas eu estava desde tantos anos longe dela. Assim, não faz muito tempo - não, foi há muito tempo - não me lembro mais quando - uma pequena me levou para a casa dela. Parecia uma raposa - uma sujeira - mas era delicioso. E agora Mary vem aí. Compreende o que isso significa? compreende ou não compreende? Estou bêbado... não sei mais dizer parpa... palpa... perpendicular, mas Mary dentro em pouco estará aí. Por que tudo tinha de acontecer assim? Estou-lhe perguntando! A você, maldito bolchevista! Não pode me dizer por quê?

Ganin afastou-lhe delicadamente a mão. com a cabeça vacilante, Alfyorov se curvou sobre a mesa. O cotovelo escorregou e puxou a toalha, derrubando alguns copos.

Estes, um pires e o relógio escorregaram para o chão.

- Cama, - disse Ganin, agarrando-o e fazendo-o violentamente levantar-se.

Alfyorov não resistiu, mas estava tão cambaleante que Ganin teve dificuldade em fazê-lo andar na direção certa.

Vendo-se em seu quarto, teve um sorriso amplo e sonolento e se jogou lentamente na cama. De repente, o seu rosto se contorceu de horror.

- Despertador... - murmurou ele, sentando-se na cama. - Leb... o despertador ali na mesinha... marque para as sete e meia.

- Está bem, - disse Ganin e começou a mover o ponteiro. Marcou para despertar às dez horas e, então, mudou de idéia e passou o ponteiro para as onze horas.

Quando olhou de novo para Alfyorov, ele já estava profundamente adormecido de costas, com um braço estranhamente projetado para fora da cama.

Era assim que os vagabundos costumavam dormir nas aldeias russas. Durante todo o dia no calor abafado e férvido, os grandes carros tinham passado carregados, espalhando molhos de feno pela estrada e o vagabundo tinha andado de um lado para outro ruidosamente, importunando as moças veranistas, batendo no peito ressoante, dizendo-se filho de um general e, afinal, jogando o boné no chão, deitava-se no meio da estrada e assim ficava até que um camponês descia do seu carro de feno. O camponês o arrastava para a beira da estrada e seguia viagem. O vagabundo, virando o rosto pálido para o lado, ficava ali à beira da vala como um cadáver, enquanto os grandes carros verdes passavam com a sua carga de cheiro adocicado, através da sombra mosqueada das tília em flor.

Depois de colocar cuidadosamente o despertador na mesinha de cabeceira, Ganin ficou durante muito tempo olhando para o homem que dormia. Em seguida, fazendo tilintar o dinheiro nos bolsos das calças, virou-se e saiu.

No pequeno banheiro escuro ao lado da cozinha, havia tijolos de carvão empilhados sob um pedaço de esteira. A vidraça da estreita janela estava quebrada, havia listras amarelas nas paredes e o chuveiro de metal se curvava da parede como um chicote sobre a banheira encardida e descascada. Ganin se despiu e durante alguns minutos flexionou pernas e braços fortes, brancos e de veias azuis. Os músculos se distendiam e contraíam. A respiração torácica era profunda e regular. Abriu o chuveiro e se colocou sob a água fria e em forma de leque, que lhe produziu uma deliciosa contração no estômago.

Vestiu-se de novo, com o corpo todo a vibrar. Procurando não fazer barulho, levou as malas para o vestíbulo e olhou para o relógio. Faltavam dez para as seis.

Jogou o chapéu e o sobretudo em cima das malas e entrou no quarto de Podtyagin.

Os dançarinos estavam adormecidos no divã, encostados um no outro. Klara e Lydia Nikolaevna estavam inclinadas sobre o velho. Este tinha os olhos fechados e o rosto, da cor do barro seco, se contorcia de vez em quando numa expressão de dor. Era quase dia claro. Os trens atravessavam sonolentemente a casa.

Quando Ganin se aproximou da cabeceira da cama Podtyagin abriu os olhos. Por um momento, no abismo pelo qual ia rolando, seu coração encontrara algum trêmulo apoio.

Havia tanta coisa que ele queria dizer - que ele nunca mais iria ver Paris e, muito menos, sua terra, que toda a sua vida tinha sido idiota e inútil e que ele não sabia nem por que tinha vivido, nem por que estava morrendo. Rolando a cabeça para o lado e olhando, perplexo, para Ganin, murmurou:

- Está vendo... sem qualquer passaporte...

Alguma coisa como uma leve alegria lhe encrespou os lábios. Tornou a fechar os olhos e, mais uma vez, o abismo o engolfou, uma cunha de dor se lhe introduziu no coração e aspirar o ar lhe pareceu uma ventura indizível, inimaginável.

Ganin, agarrando-se à borda da cama com a forte mão branca, olhou para o rosto do velho e tornou-se a lembrar dos efêmeros e incertos duplos, os extras russos do cinema que se vendiam por dez marcos e ainda estavam aparecendo, só Deus sabia onde, na claridade branca de uma tela. Ocorreu-lhe a idéia de que Podtyagin apesar de tudo tinha deixado alguma coisa, ainda que não fosse mais do que os dois pálidos versos que tinham florido em tão quente e imorredoura vida para ele, Ganin, do mesmo modo que um perfume barato ou as placas de uma rua conhecida se nos tornam caros. Por um momento, viu a vida em toda a emocionante beleza de seu desespero e de sua felicidade e tudo se tornou para ele exaltado e profundamente misterioso - seu passado, o rosto de Podtyagin banhado na claridade lívida, o reflexo turvo da janela na parede azul e as duas mulheres de vestido preto que estavam imóveis ao lado dele.

Klara percebeu com espanto que Ganin estava sorrindo e não pôde compreender por quê.

Sorrindo, tocou a mão de Podtyagin que, estendida no cobertor, mal se moveu, ergueu o corpo e se voltou para Klara e Frau Dorn.

- Já vou, - disse ele em voz baixa. - Não creio que ainda voltemos a ver-nos. Lembranças para os dançarinos.

- Vou levá-lo até à porta, - disse Klara no mesmo tom de voz e acrescentou: - Os dançarinos estão dormindo no divã.

Ganin saiu do quarto. No vestibulo, apanhou as malas e jogou sobre o ombro a capa de borracha. Klara lhe abriu a porta.

- Muito obrigado, - disse ele, saindo para o patamar. - Felicidades.

Ficou um instante parado. Já no dia anterior, tinha pensado momentaneamente que seria uma boa idéia explicar a Klara que nunca tivera a menor intenção de roubar dinheiro e que estava apenas olhando velhas fotografias. Mas naquele instante, não conseguiu lembrar-se do que queria dizer.

Assim, com uma inclinação da cabeça, partiu sem pressa pelas escadas. Klara, segurando a maçaneta da porta, viu-o ir-se. Ele carregava as malas como se fossem baldes e os passos pesados faziam um barulho na escada como de um coração que batesse.

Muito tempo depois de haver ele desaparecido na curva da escada, ela ficou no mesmo lugar, escutando os passos que iam ficando cada vez mais fracos. Por fim, fechou a porta e ficou por um momento no vestíbulo. Repetiu em voz alta: "Os dançarinos estão dormindo no divã". Desatou de repente em soluços silenciosos mas violentos, correndo o indicador pela parede para cima e para baixo.

Capítulo 17

Os grossos e pesados ponteiros do grande relógio branco que se projetava para a rua da parede de uma relojoaria marcava vinte e quatro minutos para as sete. No leve azul do céu, que ainda não se aquecera depois da noite, apenas uma pequena nuvem começava a ficar rosada e havia uma graça etérea no seu contorno longo e fino. Os passos dos infelizes que já estavam de pé e na rua àquela hora ressoavam com especial clareza no ar vazio e, ao longe, uma viva luz côr-de-rosa tremia nos trilhos dos bondes. Um carrinho, carregado com enormes molhos de violetas e meio coberto por um pano grosso listrado, passava lentamente pela rua perto do passeio e o florista ajudava um grande cachorro de pêlo vermelho a puxá-lo. com a língua para fora, o cachorro fazia força para avançar, pondo em jogo todos os seus músculos dedicados ao homem.

Dos galhos negros de algumas árvores, que estavam começando a brotar, um bando de pardais levantou vôo com um sussurro no ar e foi pousar no alto de um estreito muro de tijolos.

As lojas dormiam ainda por trás de suas grades de ferro e as casas só estavam banhadas de sol pelo alto, mas seria impossível imaginar que a hora era do crepúsculo e não do começo da manhã. As sombras se

estendiam de outro lado e, por isso, combinações inesperadas se apresentavam aos olhos habituados às sombras vespertinas mas pouco familiarizados com as matinais.

Tudo parecia torto, atenuado e metamorfoseado como num espelho. E exatamente no momento em que o sol se elevou mais e as sombras se dispersaram para os seus lugares habituais, àquela luz ponderada o mundo de lembranças em que Ganin tinha vivido se tornou o que realmente era: o distante passado.

Olhou em torno e viu no fim da rua o canto banhado de sol da casa onde tinha vivido de novo o passado e à qual nunca mais voltaria. Havia alguma coisa belamente misteriosa na separação de sua vida de toda uma casa.

À medida que o sol subia cada vez mais e a cidade se tornava correspondentemente mais iluminada, as ruas se enchiam de vida e perdiam o seu estranho encanto cheio de sombras.

Ganin ia pelo centro do passeio, balançando levemente as pesadas malas, e pensava que fazia muito tempo que não se sentia tão bem disposto, forte e pronto para empreender fosse o que fosse. E o fato de que ele estivesse notando tudo com um espírito novo e interessado - os carros que se dirigiam para o mercado, as folhas tenras e entreabertas e os cartazes polícromos que um homem de avental estava pregando em torno de um quiosque - esse fato significava para ele um marco secreto, um despertar.

Parou no pequeno jardim público perto da estação e sentou-se no mesmo banco onde pouco tempo antes recordara o tifo, a casa no campo, o seu pressentimento de Mary.

Dentro de uma hora, ela estaria chegando. O marido dela estaria dormindo o sono dos mortos e ele, Ganin, iria recebê-la.

Sem saber por que, lembrou-se de como fora despedir-se de Lyudmila e de como saíra do quarto dela.

Atrás do jardim, estavam construindo uma casa. Ganin podia ver a estrutura de madeira amarela das traves - esqueleto de um telhado que já estava parcialmente coberto.

Embora ainda fosse muito cedo, o trabalho já havia começado. Os vultos dos operários no arcabouço da casa pareciam azuis contra o céu matinal. Um deles estava caminhando pela borda, tão leve e livre como se fosse voar. A estrutura de madeira brilhava ao sol como ouro e ali dois operários estavam passando telhas a um terceiro homem.

Estavam deitados de costas, um acima do outro, numa linha reta como numa escada. O homem que estava mais embaixo passava a telha vermelha, como um grande livro, por cima da cabeça; o homem do meio recebia a telha e, com um movimento idêntico, inclinando-se para trás e estendendo os braços passava-a ao operário acima.

Esse processo lento e regular tinha um efeito curiosamente calmante. O brilho amarelo da madeira fresca era mais vivo do que o sonho mais parecido com a vida do passado. Olhando para o telhado em esqueleto projetado no céu, Ganin compreendeu com impiedosa clareza que o seu caso com Mary estava acabado para sempre.

Não tinha durado mais de quatro dias - quatro dias que tinham sido talvez os mais felizes de sua vida. Mas já havia esgotado as suas lembranças e estava saturado delas. A imagem de Mary, juntamente com a do velho poeta moribundo, ficava agora na casa dos fantasmas, que por si só já era lembrança.

Além dessa imagem, Mary não existia, nem podia existir.

Esperou até o momento em que o expresso do norte passasse lentamente pela ponte de ferro. O trem passou e desapareceu atrás da fachada da estação.

Pegou então as malas, chamou um táxi e disse ao motorista que fosse para outra estação do outro lado da cidade. Escolheu um trem que partiria para o sudoeste da Alemanha dentro de meia hora. Gastou a quarta parte de toda a sua fortuna na passagem e pensou com um sentimento de prazer que atravessaria a fronteira sem precisar de um único visto. Do outro lado, estava a França, a Provença e, depois, o mar.

Quando o trem partiu, ele começou a cochilar, com o rosto enterrado nas dobras da capa de borracha, pendurada num gancho acima do banco de madeira.

FIM